BITADOK

SIDNEY SHELDON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sidney Sheldon

O DITADOR

Tradução de
PINHEIRO DE LEMOS

3ª EDIÇÃO

editora ática

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil, Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Sheldon, Sidney, 1917-2007
S548d O Ditador / Sidney Sheldon; tradução de A.B.
3ª ed Pinheiro de Lemos — 3ª ed. - Rio de Janeiro: Record, São Paulo: Ática, 1998.
Tradução de: The dictator
I - Romance estadunidense. 1. Lemos, A. B.
Pinheiro de (Alfredo Barcelos Pinheiro de).
1938—
II. Título
CDD – 028.5 808.899282
95-0923
CDU – 087.5 82-83
Título original americano THE DICTATOR
Copyright © 1995, 1993 by Sheldon Literary Trust Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução, através de quaisquer meios, no todo ou em parte.
Ilustração do miolo: Walmir Amaral
Direitos exclusivos de publicação em língua p ortuguesa para o Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Sinopse

Uma aventura inesquecível em um país da América do Sul

Esta alegoria endereçada ao público juvenil, mas igualmente divertida para adultos, revela um Sidney Sheldon quase desconhecido. Endividado e sem emprego, o ator Eddie Davis aceita sem pestanejar um papel secundário na peça *My Fair Lady*, e viaja para Amador, um pequeno país fictício na América do Sul.

Com a mulher, Mary, prestes a ter um filho, tudo o que ele quer é terminar logo a turnê e voltar para sua casa em Nova York.

Mas uma surpresa o espera em Amador. Reconhecido como sósia do ditador Ramón Bolívar, ele é levado a sua presença e convidado a enfrentar o maior desafio da carreira: representar o papel do tirano que, por causa de uma cirurgia, é obrigado a se afastar do poder por algumas semanas, sem que o povo de Amador desconfie.

Eddie, a princípio, fica exultante. Acredita que os cem mil dólares oferecidos como pagamento resolverão para sempre seus problemas. Mas logo percebe que eles estão apenas começando...

Capítulo Um

Quando Eddie Davis acordou, naquela manhã de segunda-feira, não tinha a menor ideia de que estava prestes a se meter na aventura mais emocionante de sua vida, ou de que dentro de poucos dias haveria meia dúzia de estranhos tentando assassiná-lo.

Eddie Davis era um ator. Não um grande ator. Para dizer a verdade, nem mesmo um bom ator. Mas, inegavelmente, um ser humano simpático e decente. Era baixo e moreno, olhos castanhos, sobrancelhas espessas e um pequeno bigode. Ele e a esposa Mary moravam num pequeno apartamento na cidade de Nova York, e Mary esperava o primeiro filho.

Eddie não encontrava trabalho há vários meses, e precisa va desesperadamente de um emprego, a fim de ganhar dinheiro para cuidar do novo membro da família. Estava atrasado no aluguel e devia dinheiro na mercearia.

— Vou ao centro esta tarde para falar com Johnson. Direi a ele que precisa me arrumar um trabalho d e qualquer maneira.

Johnson era seu agente.

— Até de noite.

Eddie vestiu seu melhor terno e partiu para o centro da cidade.

Johnson era um homem muito ocupado, como defensor dos interesses de vários atores importantes, e não gostava de gastar tempo demais com atores insignificantes como Eddie Davis. Sua secretaria avisou:

— Eddie está aqui e deseja lhe falar.

Johnson respondeu sem hesitar:

— Diga a ele que eu não estou.

Mas Eddie Davis não aceitaria um ―não‖ como resposta, e declarou à secretaria:

— Pode dizer ao Sr. Johnson que ficarei sentado aqui até ele me receber.

Johnson deixou Eddie sentado na outra sala até seis horas da tarde. Ao final, quando concluiu que Eddie não iria mesmo embora, disse à secretaria:

— Mande-o entrar.

Eddie David entrou na sala.

— Olá, Eddie — disse Johnson. — O que posso fazer por você?

— Pode me arrumar um trabalho. É isso que os agentes costumam fazer.

Johnson recostou-se na cadeira, estudou-o por um momento.

— Tenho de lhe dizer a verdade, Eddie. Você não está quente.

No show business, ser ―quente‖ significa que todos o desejam, que produtores e diretores estão ansiosos em contratá -lo para seu filmes ou espetáculos de televisão.

— Também serei franco com você — disse Eddie, quase em lágrimas. — Mary vai ter um filho. Estamos atrasados em todas as nossas contas. Não sei o que fazer.

Johnson suspirou.

— As coisas andam difíceis neste momento, Eddie. Eu bem que gostaria de poder ajudá-lo, mas... — Subitamente, ele teve uma ideia. — Um grupo teatral itinerante vai apresentar My Fair Lady pela América do Sul. Há um pequeno papel ainda vago.

Poderá mantê-lo ocupado por seis semanas. Interessa?

— América do Sul?

— Isso mesmo. A primeira apresentação será num pequeno pais chamado Amador. Fica perto da Colômbia.

Eddie Davis detestou a ideia de se afastar de Mary no momento em que o bebê estava prestes a nascer. Mas não tinha alternativa. Seis semanas de trabalho resolveriam seus problemas imediatos.

— Eu aceito.

— Deixe-me telefonar para o produtor.

Ao desligar, ele olhou para Eddie, sorrindo.

— O papel é seu. Vai ganhar quinhentos dólares por semana.

Eddie fez o cálculo. Quinhentos dólares por semana, durante, seis semanas, dariam três mil dólares. Não era uma fortuna, mas pelo menos lhe permitiria saldar as contas mais urgentes. Levantou-se.

— Obrigado.

Agora, tinha de dar a noticia a Mary.

— Amador? Você vai para a América do Sul? E me deixará aqui para ter o bebê sozinha?

— Claro que não, querida — murmurou Eddie, apaziguador.

— Voltarei a tempo. Acha mesmo que eu quero ir? Só estou fazendo isso por você... por você e pelo bebê. Esse dinheiro vai nos ajudar a pôr as finanças em dia.

— Sei que estou sendo tola, Eddie, mas sentirei muita saudade.

— Também sentirei saudade, querida. Pensarei em você em cada minuto da viagem.

— Quando tem de partir?

— Amanha de manhã.

— Tão Depressa?

— Não há outro jeito. Só consegui o papel no último minuto porque um ator da companhia ficou doente. Acho que minha sorte começou a mudar.

Na manhã seguinte, Eddie pegou um táxi para o aeroporto. A companhia de My Fair Lady já se encontrava ali, pronta para viajar. Eddie apresentou-se aos diversos membros do elenco.

— Nunca estive em Amador — comentou a atriz principal.

— Deve ser um lugar emocionante.

— Tenho certeza que sim — disse Eddie.

Mas ele não podia nem imaginar o quanto seria emocionante.

Amador é um pequeno país sul-americano, situado entre a Colômbia e a Bolívia. Era governado por um ditador impiedoso, coronel Ramón Bolívar, um homem baixo, moreno, olhos castanhos, sobrancelhas espessas. O povo o odiava, mas ele era tão poderoso que ninguém podia fazer nada. Não havia oposição, porque o coronel Bolívar prendia ou assassinava seus inimigos.

Diversos grupos já haviam tentado mat á-lo. O coronel Bolívar roubava terras, confiscava casas, estuprava es posas e mantinha o povo faminto, enquanto se tronava cada vez mais rico. Tinha muito poder, e amava o poder.

Mas o coronel tinha um problema.

No mesmo dia em que a companhia de My Fair Lady partiu para Amador, o coronel Ramón Bolívar foi ao consultório de seu médico, onde recebeu uma terrível noticia. O médico examinou algumas radiografias e declarou: — Sinto muito, coronel, mas não há qualquer

dúvida a respeito. Precisa fazer uma operação de ponte de safena.

— Ficou louco! — trovejou Bolívar. — Tenho um coração de leão!

— Tem o coração de um leão doente. Devo adverti -lo de que poderá morrer dentro de uma semana se não fizer a operação.

— É uma operação perigosa?

O médico sacudiu a cabeça.

— Não. É bastante rotineira.

— Quanto tempo levarei para me recuperar?

O médico deu de ombros.

— É difícil dizer. Umas poucas semanas, talvez dois ou três meses.

E era esse o problema. Ramón Bolívar não tinha medo da operação. O que temia era que o povo descobrisse que se encontrava indefeso num hospital e aproveitasse par a derrubar o seu governo. Sabia o quanto era impopular.

— O que vai fazer? — perguntou o médico.

Ramón Bolívar levantou-se.

— Não sei.

Ele se defrontava com um tremendo problema. Se não fizesse a operação, morreria. Se a fizesse, perderia seu poder. E sem poder a vida nada significava para o coronel Ramón Bolívar.

— Não espere muito tempo — advertiu o médico.

— Não esperarei.

O principal assessor de Bolívar e o único homem em quem ele confiava era o capitão Juan Torres. Bolívar desconfiava de todas as outras pessoas ao seu redor.

O capitão Torres era enorme, um verdadeiro touro, e gostava de torturar pessoas. Havia uma extrema frieza em seus olhos castanhos, uma expressão permanente de crueldade na boca.

Ao voltar do consultório do médico, Bolívar chamou o capitão Torres. Os dois se trancaram numa sala.

— O que disse o médico? — indagou o capitão Torres.

— Disse que morrerei se não fizer uma operação no coração.

— Nesse caso, tem de fazer a operação.

O coronel Bolívar sacudiu a cabeça.

— Sabe o que aconteceria se eu deixasse o palácio por algumas semanas. O povo ficaria desconfiado, descobriria o que acontecera, iria se revoltar, capturar o palácio e me destruir.

Juan Torres sabia que isso era verdade. Sabia o quanto povo odiava o ditador.

— Teremos de pensar muito a respeito — acrescentou o coronel. — Talvez Deus me proporcione a solução.

Naquele momento, a solução para os problemas do coronel Bolívar se encontrava num avião pousando no aeroporto de Amador. O gerente do teatro mandara um ônibus pegar a companhia de My Fair Lady.

— Sejam bem-vindos a nosso grande país — disse ele. — O povo de Amador sente-se honrado por poderem vir nos entreter.

No ônibus, a caminho do hotel, Eddie Davis soube que havia um Bulevar Bolívar, uma escola Bolívar, um Edifício Bolívar, o rosto do ditador aparecendo em cartazes ao longo do percurso.

Ele parece um pouco comigo, pensou Eddie.

No Hotel Bolívar, o elenco foi distribuído pelos quartos. A primeira providencia de Eddie foi telefonar para a esposa.

Ela atendeu ao primeiro roque da campainha.

— Eddie! Olá, querido. Chegou sem problemas?

— Claro.

— Como foi o voo?

— Ótimo. Conheci os outros membros da companhia.

— Aposto que todos ficaram satisfeitos em conhecê-lo.

— Você acertou.

— Tem um papel importante na peça?

Eddie não queria contar que só tinha umas poucas falas e preferiu mentir:

— É um papel muito importante.

— Eu me orgulho de você. Para onde vão depois?

— Teremos apresentações aqui por uma semana, depois vamos para o Chile, Colômbia, Equador... mandarei o itinerário completo.

O que Eddie não sabia é que não iria a nenhum desses lugares.

A companhia de My Fair Lady foi ao Teatro Bolívar, na manhã seguinte, para um ensaio. Exceto por Eddie Davis, todos já se haviam apresentado na peça, e o ensaio transcorreu sem problemas. A estreia seria na noite seguinte.

O coronel Bolívar nunca ia ao teatro, mas o capitão Torres jamais perdia uma estreia. Gostava de selecionar coristas bonitas e convidá-las para uma suíte de hotel, sempre à sua disposição.

Ninguém ousava recusar.

Ele prometera levar a esposa à estreia de My Fair Lady, mas resolveu, em vez disso, ir com uma de suas amantes.

Sentou na plateia para assistir ao espetáculo, mas estava irrequieto. Não parava de pensar no problema do ditador, coronel Bolívar. Se Bolívar fosse derrubado pelo povo, então ele, Juan Torres, também cairia. Torres sabia, sem a menor sombra de dúvida, que se o povo derrubasse o governo Bolívar e ele seriam executados. Era uma situação terrível. Por isso, ele não se interessou pelo que acontecia no palco. Virou-se para a amante e disse: — Vamos embora.

— Mas ainda estamos no primeiro ato! — protestou ela. — Por que não...

— Cale a boca e venha comigo.

Levantou-se e foi andando para o corredor. Virou-se para o palco, por um instante, e ficou imóvel. O q ue via ali era impossível. O coronel Ramón Bolívar acabara de entrar no palco, de bigode. Juan Torrs permaneceu parado, observando, completamente aturdido.

É apenas um ator, pensou ele. Mas é igualzinho ao coronel Bolívar. Sua mente funcionou depressa.

— Volte para casa sozinha — ordenou ele à amante. — Vou até os bastidores.

Ocorrera-lhe uma ideia, tão audaciosa que quase o deixava sem folego.

O homem no palco, que parecia tanto cm o ditador, era um ator. Vamos supor, apenas supor, que ele seja capaz de representar o coronel Bolívar durante sua permanência no hospital para a operação de ponte de safena, pensou o capitão Torres, bastante excitado.

Quando Eddie voltou a seu camarim, encontrou o capitão Torres à sua espera.

Torres continuou sentado, estudando-o, cada vez mais impressionado. De perto, a semelhança era ainda mais extraordinária. Ele poderia jurar que fitava seu amado ditador.

— Boa noite — disse Eddie Davis.

O capitão Torres levantou-se, estendeu a mão.

— Sou um grande admirador seu, Sr. Davis.

Eddie se mostrou radiante.

— É mesmo?

— Claro que sim. Assisti ao seu desempenho esta noite. Foi magnífico.

— Obrigado.

— E me sinto tão impressionado que gostaria que conhecesse nosso grande líder, o coronel Ramón Bolívar. Conversamos a seu respeito, e ele me pediu que o levasse ao palácio.

Eddie não podia acreditar em tanta sorte. As pessoas finalmente começavam a reconhecer seu talento!

— Mas isso é ótimo! — exclamou ele. — Todo o elenco vai?

— Não — respondeu o capitão Torres. — Só você.

— Maravilhoso!

Partiram para o Palácio Bolívar cinco minutos depois. Juan Torres telefonara do teatro para o ditador.

— Não dá para acreditar — dissera Torres, muito excitado.

— Ele é exatamente igual!

— Ninguém se parece comigo! — berrara o coronel Bolívar.

— Não permito!

O capitão se apressara em ressalvar: — Claro que ele não é tão bonito, nem possui uma aparência tão distinta, mas semelhança é muito grande. Acho que pode dar certo.

— Muito grande, traga-me esse ator para eu dar uma olhada.

Eddie sentou no banco traseiro da limusine preta, ao lado do capitão Torres. Na frente, além do motorista, seguia um segurança, armado com uma metralhadora. Eddie ficou perplexo e perguntou ao capitão:

— Por que a metralhadora?

O capitão Torres virou o rosto para fitá-lo.

— De vez em quando, animais selvagens perigosos descem das montanhas.

— Ahn...

Ao chegarem ao palácio, o capitão Torres mandou o motorista dar a volta para a entrada nos fundos. Havia guardas com armas automáticas no portão, mas reconheceram a limusine do capitão Torres e acenaram para que passassem direto.

Eddie espantou-se com o tamanho do palácio e comentou: — Este lugar é enorme.

— E isso não é nada — gabou-se o capitão Torres. — O coronel Bolívar tem inúmeras casas por todo o país.

Saltaram e se encaminharam para uma porta nos fundos do palácio. Entraram, depois que o capitão Torres certificou -se de que não havia ninguém por perto para ver o ator. Levou -o para o gabinete do coronel Bolívar.

Lá dentro, o coronel esperava, impaciente, andando de um lado para outro.

— Aqui está ele — anunciou o capitão Torres.

O coronel Bolívar olhou para Eddie, impressionado.

— Santo Deus! — exclamou ele. — Você tinha toda razão!

Esse homem é a minha cara!

— Parecemos um pouco, não é? — murmurou Eddie.

— Um pouco? Se tirasse o bigode, ninguém perceberia qualquer diferença entre nós.

Ele estudou Eddie mais atentamente.

— É incrível! Pode nos dar licença por um momento?

— Claro.

Eddie não podia entender por que o coronel se mostrava tão excitado. Bolívar pegou o capitão Torres pelo braç o e levou-o para a outra sala.

— O que achou? – perguntou Torres.

— Pode dar certo, mas há alguns problemas. As pessoas podem descobrir. Ele não saberia o que dizer, ou como agir.

— Posso cuidar disso — assegurou o capitão Torres. — Permanecerei ao seu lado em cada minuto. E quantas pessoas o conhecem realmente a fundo? Ninguém, a não ser eu. Se ele raspasse o bigode, aprendesse a andar e a falar da mesma maneira, quem poderia perceber a diferença? Eu o manterei afastado de todos o máximo possível.

O coronel Bolívar pensou por um momento.

— Creio que pode dar certo. Vamos conversar com ele.

Voltaram à outra sala, e o coronel disse: — O capitão Torres me contou que é um ator brilhante.

— Tive algumas boas criticas — comentou Eddie. — Por exemplo, o Long Island Weekly escreveu que eu era...

— Gostaria de ter um novo emprego?

— Emprego?

— Trabalharia para mim.

— É muita gentileza sua, mas já tenho um emprego. Não posso deixar a companhia.

— O que lhe ofereço pode ser mais interessante. Será apenas por umas poucas semanas, mas pagarei muito bem, — Obrigado, mas tenho de continuar na excursão.

— Cem mil dólares.

Eddie arregalou os olhos.

— Como?

— Pagarei cem mil dólares.

Eddie engoliu em seco.

— O que eu teria de fazer?

O coronel Bolívar sorriu.

— E muito simples. Quase nada. Basta raspar seu bigode.

— Vai me pagar cem mil dólares para raspar o bigode?

— E passar-se por mim. Preciso fazer uma pequena viagem de negócios, e o povo pode se preocupar com a minha ausência. O

povo me ama muito. Portanto, tudo que tem de fazer, durante esse tempo, é permanecer no palácio e fingir que sou eu.

— Mas seus amigos não perceberão a diferença?

— Não.

E era verdade, porque o coronel Bolívar não tinha amigos, A única pessoa a par do segredo seria o capitão Torres. Nem mesmo a esposa ou a amante seriam informadas da verdade.

— Não sei o que dizer...

O coronel Bolívar foi até um cofre embutido na parede, abriu-o e tirou cem mil dólares. Entregou o dinheiro a Eddie.

— Aqui está seu pagamento, adiantado. Aceita o trabal ho?

A mente de Eddie era um turbilhão, pensou em todas as coisas que ele, Mary e o bebé poderiam fazer com aquele dinheiro.

— Aceito! — exclamou ele, na maior animação. — Claro que aceito!

O coronel Bolívar apertou sua mão.

— Negócio fechado.

— Agora — disse Eddie — tenho de voltar ao hotel, pegar minhas coisas e...

— Não vai precisar de nada — interrompeu-o o coronel. — Usará minhas roupas e uniformes. Caberão em você com perfeição.

— Mas preciso avisar ã companhia que vou me afastar do elenco. Não posso abandonar a peça sem dizer nada, e...

— Não se preocupe com isso, pois cuidarei de tudo — mentiu o capitão Torres.

— Está bem. Quando começamos?

— Você já começou- — O coronel Bolívar sorriu. — E acho que vai gostar muito do trabalho.

— Tenho certeza que sim — concordou Eddie.

O coronel apontou para uma porta, — Minhas roupas estão ali dentro. Vá dar uma olhada.

— Obrigado.

Eles observaram Eddie entrar no quarto. O coronel Bolívar virou-se para o capitão Torres e disse: — Quando eu voltar do hospital, tire os cem mil dólares dele e mate-o.

Capítulo Dois

— Eddie Davis andava nas nuvens. Tinha cem mil dólares — mais dinheiro do que jamais sonhara em ganhar na vida! — e a oportunidade de desempenhar o maior papel de sua carreira. Faria com que todos acreditassem que era mesmo o coronel Bolívar. Era um desafio, mas ele sabia que se mostraria à altura.

O capitão Torres o esperava. Levou-o para um outro quarto, cheio de uniformes.

— Vamos verificar se cabem em você — disse ele.

Eddie experimentou vários, e todos cabiam com perfeição, porque ele tinha exatamente o mesmo tamanho do coronel Bolívar.

— Perfeito! — declarou o capitão Torres. — Agora, vamos raspar seu bigode.

Ele sentou Eddie numa cadeira, pegou uma navalha e começou a raspar o bigode. Enquanto o fazia, pensou: Ao final da farsa, posso cortar sua garganta ou matá-lo com um tiro. Ora, decidirei isso quando chegar o momento.

Raspado o bigode, o capitão Torres descobriu-se a contemplar o rosto do coronel Bolívar. É incrível!, pensou ele.

— Vocês poderiam ser gémeos.

— Não creio — disse Eddie. — Minha mãe era de Chicago.

— Agora, tenho de ensiná-lo a andar e falar como o coronel.

Foi nesse instante que o coronel Bolívar entrou no quarto, olhou para Eddie, aturdido, e exclamou: — Mas sou eu! É mesmo espantoso Deixe-me vê-lo atravessar o quarto.

Eddie fez o que ele pedia.

— Não, não! — bradou o coronel. — Assim.

Eddie observou o coronel atravessar o quarto, quase marchando.

— E eu falo deste jeito. Pode falar assim também?

— Sou capaz de imitar qualquer pessoa — garantiu Eddie. — Afinal, sou um ator.

Eles observaram-no tentar imitar a maneira de andar do coronel Bolívar.

— Melhorou muito — disse o coronel —, mas ainda não é o suficiente.

Ele demonstrou outra vez como andava.

— Ande assim.

E desta vez a imitação de Eddie saiu quase perfeita.

— Melhorou muito. E agora quero ouvi-lo dizer: "Seu cão sarnento, obedeça-me ou morrerá!"

Eddie repetiu:

— Seu cão sarnento, obedeça-me ou morrerá!

— Não, não! — berrou o coronel. — Fala como uma garotinha. Precisa demonstrar a intenção. Quer mesmo matar.

Eddie tentou de novo: — Seu cão sarnento, obedeça-me ou morrerá!

— Melhorou muito — admitiu o coronel. — O capitão Torres passará a cuidar de tudo. Tenho de partir daqui a pouco. O capitão o levará a mais aposentos, onde passará a residir. Não se esqueça... até eu voltar, terá de se passar por mim. O capitão Torres ficará sempre ao seu lado, para evitar que tenha qualquer problema.

— Não se preocupe comigo — declarou Eddie. — Sou um ator.

E muito em breve um ator morto, pensou o coronel Bolívar.

Eddie contemplou-se no espelho. Usava um lindo uniforme, com alamares dourados e medalhas. Parecia um herói. Empertigou-se. Acho que vou explorar o palácio, decidiu.

Saiu para um enorme corredor, que parecia se estender po r quilómetros. Enquanto andava, podia ver os cómodos à esquerda e à direita. Havia pessoas encerando os assoalhos, polindo os lustres.

Ao passar por elas, Eddie acenava com a cabeça, amável, e dizia: — Bom dia.

E todas o fitavam, espantadas demais para responderem. O

coronel Bolívar nunca lhes dirigira qualquer palavra antes!

Não entendo por que as pessoas se mantêm caladas, pensou Eddie. Passou por uma linda e jovem criada, de uniforme curto.

— Adorei a noite de ontem — sussurrou ela, antes de seguir em frente, apressada.

Eddie parou e observou-a se afastar.

Continuou a andar. Deparou com um velho a uma mesa, polindo a prataria.

— Bom dia — disse Eddie, afável.

O velho levantou os olhos, empalideceu e desmaiou. Dois criados se adiantaram no mesmo instante e carregaram-no dali.

Eddie franziu o rosto. O que está acontecendo aqui?

Continuou a seguir pelo corredor. Outra linda criada, de uniforme curto, sussurrou-lhe ao passar: — A noite de ontem foi maravilhosa.

Mas que coisa!, pensou Eddie. O coronel Bolívar é sem dúvida um homem muito ocupado. Quando será que ele encontra tempo para dirigir o país?

Eddie parou, especulando se não era tempo de voltar a seus aposentos, para se encontrar com o capitão Torres. Virou -se e descobriu que se perdera. Havia portas por todos os lados. Ele foi até uma porta fechada bem na frente, abriu-a e entrou numa enorme cozinha. Havia meia dúzia de criados ali, comendo.

Todos levantaram os olhos, apavorados, no instante em que ele entrou e se apressaram em ficar de pé. Um dos homens disse: — Por favor, senhor, não nos faça nada. Não roubamos esta comida. Pagamos por tudo com nosso próprio dinheiro.

Uma mulher acrescentou: — Compramos nossa própria comida, não a tiramos do senhor.

Todos estavam em pânico.

— Acalmem-se — disse Eddie. — Ninguém os acusou de roubo.

— Mas sempre diz que roubamos a comida de sua boca!

— Eu digo isso?

Eddie não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Sim, senhor. Por favor, não nos castigue.

Todos o fitavam com olhos suplicantes.

— Não vou punir ninguém — declarou Eddie. — Deixem-me ver se entendi direito. Todos vocês trabalham aqui e são obrigados a comprar sua própria comida e trazê -la?

— E isso mesmo, senhor.

— Uma coisa terrível.

— Mas foi o senhor quem impôs esse regulamento.

— Nesse caso, vou mudá-lo. Presumo que temos muita comida aqui no palácio.

— Realmente, senhor. A despensa está cheia. Mas é tudo para o senhor e seus amigos.

— Daqui por diante, vocês se servirão do que quiserem.

Todos os rostos se iluminaram,

— Fala sério, senhor?

— Claro que sim — respondeu Eddie. — Alguma vez menti antes?

— Não, senhor.

Eddie, lembrem-se, era um ator, e começava a gostar do papel que desempenhava, o grande ditador sendo generoso com as pessoas que trabalhavam para ele.

— Portanto, daqui por diante, podem comer tudo que quiserem.

— Obrigado, senhor. Estamos muito gratos.

— Não precisam agradecer.

Eddie deixou a cozinha e começou a voltar para seus aposentos, onde se encontraria com o capitão Torres. Uma terceira criada, num uniforme mínimo, aproximou-se, fitou-o, soltou uma risadinha e se afastou apressada.

O capitão Torres estava no gabinete do coronel Bolívar.

— Você será o responsável pela execução do plano — disse-lhe o coronel. — Tem de dar certo. Se alguma coisa sair errada, todos nós morreremos.

Ele ergueu o punho cerrado.

— Não se pode demonstrar qualquer fraqueza com o povo, ou se é destruído. E preciso

governar com mão de ferro.

— Claro, senhor.

— Não devo passar mais que uma ou duas semanas no hospital. Esse ator só precisa convencer a todos de q ue é o coronel Bolívar. Ninguém jamais saberá que tive de operar o coração.

— O que me diz do médico e sua equipe?

O coronel Bolívar sorriu, e não era um sorriso dos mais agradáveis.

— Você cuidará deles.

— Certo, coronel.

— Vou para o hospital agora. Sairei pelos fundos, para que ninguém me veja. Não deixe de ficar ao lado daquele idiota. E não permita que ele faça qualquer coisa que leve as pessoas a desconfiarem,

— Não se preocupe, coronel Cuidara para que ele não faça nada sem mim,

— Se a operação correr bem, estarei de volta em breve. Se eu morrer, mate o ator e fuja do país.

— Tenho certeza de que a operação será bem-sucedida.

Quer fosse ou não, Eddie Davis morreria.

O capitão Torres viu o coronel Bolívar se esgueirar furtivo pelos fundos do palácio, e depois foi se encontrar com Eddie Davis.

— Há uma coisa muito importante — disse ele, — Nunca, sob quaisquer circunstâncias, deve contar a alguém quem você é.

— Claro. Só contarei à minha esposa, mas ela não vai...

— Não! Não pode contar a ninguém.

O capitão Torres inclinou-se para o ator, com uma cara ameaçadora.

— Está me entendendo? Absolutamente ninguém!

Eddie engoliu em seco.

— Está bem, se é assim que você quer.

Torres sorriu, e era um sorriso desagradável.

— E assim que eu quero. E agora vá se deitar. Amanhã será um grande dia para você.

Eddie ficou olhando o capitão se retirar. Aquelas pessoas o desconcertavam. Às vezes pareciam muito cordiais, em outras ocasiões se mostravam ameaçadoras. Havia algo muito estranho ali.

Havia uma reunião numa casa nos arredores da cidade de Amador. Meia dúzia de pessoas participavam, e todas tinham vindo na calada da noite, furtivas, tomando o maior cuidado para não serem vistas. O coronel Bolívar impusera um toque de recolher em Amador, o que significava que ninguém tinha permissão para andar pelas ruas depois das dez horas da noite. Os soldados haviam recebido ordens para atirar em quem desobedecesse. Mas as pessoas que se reuniam naquela casa eram muito corajosas. Odiavam o impiedoso coronel e estavam determinadas a derrubá-lo; e a única maneira de conseguir isso era assassinando-o. Como o coronel contava com uma guarda numerosa, sabiam que quem o matasse também morreria, mas valeria a pena, se isso libertasse o povo de Amador.

O líder do grupo se chamava Juan.

— Vamos iniciar a reunião. — Juan correu os olhos pelos presentes. — Todos sabemos por que estamos aqui. Não podemos mais suportar a tirania de nosso ditador. Temos de nos

livrar dele e instalar um governo que não trate as pessoas co mo animais.

Soaram gritos de aprovação-Uma mulher declarou: — Os soldados levaram meu marido na semana passada. Não me dizem onde ele está preso. Não sei se continua vivo ou se já morreu.

Um homem acrescentou:

— O coronel Bolívar mandou prender meu irmão só porque ele se queixou de que não havia comida suficiente para todos.

Uma terceira pessoa disse: — A situação se torna pior a cada dia que passa. Nós ficamos mais pobres, e o coronel Bolívar cada vez mais rico. Seu palácio está cheio de antiguidades de valor inestimável, enquanto nós passamos fome.

— Tudo isso é verdade — concordou Juan. — E é o motivo pelo qual temos de agir logo.

Outro homem perguntou:

— Quem vai matá-lo?

— Vamos tirar a sorte. Quem pegar o palito mais curto será o encarregado de assassiná-lo.

Juan pegou um punhado de palitos numa caixa, segurando -os de tal maneira que ninguém podia ver qual era o mais curto.

— Quem quer tirar primeiro?

Um homem se adiantou, respirou fundo e puxou um dos palitos. Estava inteiro.

— Uma pena — murmurou ele. — Eu queria ter a honra de matá-lo.

Uma mulher pegou outro palito, também inteiro. Um a um, todos tiraram palitos. O mais curto era o último, o que cabia a Juan.

— Tem muita sorte - comentou alguém. - Caberá a você matar o coronel.

— E farei isso com a maior satisfação — afirmou Juan. — Sacrificarei a vida por meu povo. É uma boa maneira de morrer.

O que os outros não sabiam era que Juan dera um jeito de ficar com o palito mais curto. Era muito corajoso e sentia -se ansioso por sacrificar a própria vida pelo bem de seus compatriotas.

— Ele vive cercado por seus guardas — lembrou uma mulher. — Como vai matá-lo?

— Há um jardim ao lado do quarto. Todas as noites ele dá um passeio por ali. O jardim tem um muro alto, mas posso escalá -

lo. Levarei meu rifle. Ficarei esperando e o matarei no instante em que aparecer.

— Quando planeja fazer isso?

— Esta noite — respondeu Juan. — Quero matá-lo ainda esta noite.

Os outros apertaram sua mão.

— Vá com Deus.

— Tome cuidado.

— Se for possível, tente escapar.

Mas Juan sabia que não teria como escapar. Os soldados do coronel Bolívar eram brutais e matariam qualquer homem que atacasse o ditador.

Um a um, os conspiradores deixaram a reunião e voltaram para suas casas. Estariam seguros, mas não podiam deixar de pensar no pobre Juan, que seria esquartejado depois de matar o ditador.

Juan foi o último a sair da casa em que ocorrera a reunião.

Foi andando pelas ruas, tomando o maior cuidado para evitar as patrulhas. Seguia pelas áreas mais escuras, para não ser visto.

Olhou para o relógio. Onze horas da noite. O coronel costumava dar seu passeio pelo jardim à meia-noite. Uma hora, pensou Juan.

Daqui a uma hora, o ditador estará morto.

A suíte do coronel Bolívar era a coisa mais bonita que Eddie já vira. Consistia de meia dúzia de cómodos, cada um maior do que o outro, mobiliados com antiguidades de valor inestimável e com quadros de pintores impressionistas franceses pendurados nas paredes. Eu

gostaria que Mary pudesse ver isto, pensou ele.

Resolveu telefonar para ela.

Já se encaminhava para o telefone, quando o capitão Torres entrou. Mais uma vez, ele se espantou com a semelhança entre o estúpido ator e o brilhante coronel Bolívar.

— Boa noite — disse o capitão.

— Boa noite.

— Como se sente?

— Um pouco nervoso — respondeu Eddie.

— Não há motivo para ficar nervoso. Estarei ao seu lado em todos os momentos. Basta falar pouco, e ninguém desconfiará de nada.

— Nem mesmo seus amigos mais íntimos?

O capitão não explicou que o grande ditador não tinha amigos.

— Prometo que não terá de se preocupar com coisa alguma.

Eddie olhou para um quadro.

Aquele é um Rembrandt autêntico?

É, sim. Temos meia dúzia de Rembrandts no palácio.

Eddie se impressionou, e comentou: — Deve ser um país muito rico.

— E é mesmo. Os cidadãos de Amador têm muito dinheiro e são felizes.

Era verdade que havia muito dinheiro em Amador, mas também era verdade que a maior parte pertencia ao coronel Bolívar. Ele saqueara o tesouro nacional e roubara tudo do povo.

Grande parte da população passava fome, não tinha onde morar.

— Vou deixá-lo agora — disse o capitão Torres. — Voltaremos a nos encontrar pela manhã. Durma bem, coronel Bolívar.

O capitão se retirou.

Coronel Bolívar. Eddie gostou do som das palavras. Parado ali, num uniforme impecável, sentia-se de fato como o coronel Bolívar. Era o melhor papel que já desempenhara.

Vou ligar para Mary agora, decidiu. Pegou o telefone e discou.

— Eddie! — Ela ficou emocionada ao ouvi-lo. — Como está indo a peça?

Ele esquecera tudo sobre a peça.

— A peça? Ahn... vai muito bem.

Eddie se perguntou como estaria, e se sentiam muito a sua ausência.

— O público achou que seu desempenho foi maravilhoso?

— Ahn... claro.

— Fico contente em saber. Você é um grande ator, Eddie.

Se ao menos Mary soubesse como ele era sensacional — e se pudesse vê-lo de uniforme, fingindo ser o grande ditador de Amador...

Enquanto falava ao telefone, Eddie contemplou-se no espelho, empertigado em seu esplêndido uniforme. Era mesmo extraordinário.

O suficiente para enganar todos os amigos do coronel.

— Eddie, detesto incomodá-lo com essas coisas, mas o senhorio esteve aqui hoje. Disse que vai nos despejar se não pagarmos logo o aluguel. E o gerente da mercearia telefonou perguntando quando pagaríamos a conta. Pode me mandar um pouco de dinheiro?

Um pouco? Que tal uma grande fortuna?

— Não se preocupe com isso, Mary. Deixe tudo comigo.

Tomarei as providências necessárias.

Eddie sentiu vontade de contar a Mary sobre os cem mil dólares, a casa que comprariam, o carro que teriam, mas jurara que nada revelaria. Farei uma surpresa quando voltar para casa.

— Quando você deve voltar, Eddie?

— Não sei. O sucesso foi tão grande que talvez permaneçamos em Amador por mais tempo do que pensávamos.

— Mas isso é maravilhoso, querido!

Ela não tinha ideia do quanto era maravilhoso.

— Sinto muita saudade de você, Mary.

— E eu de você.

— Tornarei a telefonar amanhã, de noite.

— Ficarei esperando. Boa noite, querido.

— Boa noite.

Eddie desligou, com uma intensa satisfação. Dali por diante, a vida seria ótima. E não apenas por causa do dinheiro. Quando voltasse a Nova York, contaria a Johnson o que acontecera em Amador, como assumira o papel do ditador e enganara todo mundo.

Em sua imaginação, já podia ouvir a conversa.

Está querendo dizer que tomou o lugar do coronel Bolívar, o ditador de Amador e ninguém percebeu a diferença?

Isso mesmo.

Você é um génio. Deve ser um dos maiores atores do mundo.

Não foi nada. Só mais um trabalho.

Espere só até eu contar a história ao pessoal do New York Times e da revista People. Será manchete no mundo inteir o, e você se tornará famoso.

E Eddie pensava, feliz: Ele tem razão, serei mesmo famoso Talvez até façam um filme a meu respeito, e serei o astro.

Eddie olhou para o relógio. Era meia-noite. Fora um dia comprido, e ele se sentia cansado, mas estava excitad o demais para dormir. Havia muita coisa acontecendo. Acho que vou respirar um pouco de ar fresco, pensou ele.

Através das portas de vidro, podia avistar um jardim além do quarto. Saiu para o jardim.

Na rua escura, no outro lado do muro, Juan olhou ao redor com a maior atenção para se certificar de que não havia soldados por perto. Não viu ninguém. Subiu para o alto do muro. Olhando para baixo, constatou que tinha uma visão perfeita do quarto do ditador. Não pôde acreditar em sua sorte. Naquele exato momento, o coronel Bolívar saía para o jardim.

Eddie contemplou o lindo jardim, espantado. Era cheio de hibiscos, jasmins, buganvílias, gardênias e rosas. Nunca vira tantas flores juntas.

Juan levantou o rifle, mirou a cabeça de Eddie e puxou o gatilho.

Capítulo Três

No instante em que Juan disparou, Eddie se abaixou para pegar uma rosa. A bala errou o alvo. Juan não podia acreditar em seu azar. Observou Eddie voltar para o quarto. O estampido deve ter sido do cano de descarga de um carro, pensou Eddie.

É tarde demais para fazer mais alguma coisa esta noite, decidiu Juan. Terei que avisar ao grupo que fracassei. Mas encontraremos outro meio de matá-lo.

Ao atravessar o quarto, Eddie percebeu uma porta fechada no outro lado. Por curiosidade, foi até lá e abriu-a. Dava para outro quarto, menor do que o seu.

Uma linda mulher estava deitada na cama, usando uma camisola transparente. Eddie fitou-a, contrafeito.

— Desculpe — balbuciou ele. — Devo ter entrado no quarto errado...

A mulher se mostrou surpresa.

— O que faz em meu quarto, Ramón?

Eddie lembrou subitamente quem ela deveria ser.

— Ahn... só vim ver... ahn... como você está.

— E desde quando se importa como estou?

Eddie fez sua voz soar ríspida com a do coronel, ao dizer: — Como assim?

— Sabe muito bem o que estou querendo dizer, Ramón. Tem me tratado como lixo desde o dia em que casamos.

Então esta é minha esposa! Não minha esposa, mas do coronel Bolívar. E a mulher era mesmo bonita. Como o coronel podia tratá-la tão mal?

— Esta é a primeira vez que entra no meu quarto em um ano.

— É...? Isto é... sei disso.

A voz da mulher tornou-se insinuante: — Há alguma coisa que eu possa fazer por você, querido?

Os olhos de Eddie se arregalaram. Ali estava aquela linda mulher, na cama, indagando se podia fazer alguma coisa por ele.

Havia, sim, mas nada que Mary fosse capaz de aprovar.

Ele bem que se sentiu tentado, mas sabia que não ousaria tentar.

— Não. Eu só queria dizer... — Ela era mesmo linda. — Boa noite.

A mulher sentou na cama.

— Talvez prefira que eu vá visitá-lo em seu quarto.

— Não! Estou cansado. Eu a verei pela manhã.

Ela sorriu.

— Vai tomar o café da manhã comigo?

— Veremos.

Eddie voltou apressado para seu quarto, fechou a porta. Foi por pouco, pensou ele. E se tivesse feito amor com a mulher? El a teria percebido que não era seu marido? Um pensamento intrigante.

Naquela noite, Eddie sonhou que era o ditador de um país chamado Amador. Percorria o Bulevar Eddie Davis numa enorme limusine, as pessoas o aclamavam, acenavam, gritavam seu nome.

— Eddie Davis! Eddie Davis!

Sentiu alguém sacudi-lo.

— Eddie Davis.

Abriu os olhos e deparou com o capitão Torres.

— E hora de levantar e começar o dia.

Eddie sentou na cama, a mente ainda dominada pelo sonho.

— Por que não me contou que o coronel Bolívar tinha u ma esposa?

O capitão Torres deu de ombros.

— Não é importante. Os dois não se falam há um ano .

— Ahn...

Eddie decidiu não contar o que acontecera na noite anterior.

— Tem uma agenda intensa hoje. Algumas crianças virão do orfanato para agradecerem por tratá-las tão bem. — O capitão Torres levantou os olhos do papel em sua mão. — Depois, ainda pela manhã, receberá uma delegação de camponeses que virá agradecer sua generosidade. A tarde, vai condecorar os bravos guardas do palácio, que mataram alguns rebelde s que planejavam um atentado contra sua vida.

— Por que fariam isso? — perguntou Eddie.

O capitão Torres deu de ombros.

— Há sempre descontentes que cometem loucuras. Todos neste país o amam. — Ele se apressou em corrigir: — Isto é, todos neste país amam o grande ditador Ramón Bolívar!

Era uma estranha sensação estar na presença daquele ator que tanto se parecia com o seu amado coronel. O capitão tornou a consultar a agenda.

— Também teremos um almoço hoje com o editor do jornal El Tiempo. Seu nome é Naveiro. Ele vive se queixando quanto à liberdade de imprensa.

Esse homem já deveria ter sido morto há muito tempo , pensou o capitão Torres.

Mas Naveiro era irmão da esposa do coronel Bolívar, e ela não queria que ele fosse assassinado. O coronel Bolívar não permitia que ninguém o criticasse, e odiava o cunhado.

Comentara um dia para o capitão Torres: — Ainda vou providenciar para que ele sofra um acidente.

Assim, minha mulher não poderá me culpar por sua morte.

Era nisso que o capitão pensava quando disse a Edd ie: — Ele é um jornalista muito importante.

Eddie estava perplexo.

— Disse que ele se queixa quanto à liberdade de imprensa?

Não existe liberdade de imprensa em Amador?

— Claro que existe, mas é o coronel Bolívar quem decide o que significa liberdade de imprensa. Não podemos deixar que publiquem qualquer coisa que quiserem. Confundiria os leitores.

Deve compreender como são essas coisas.

Eddie não compreendia.

— Nos Estados Unidos, os jornais podem publicar tudo que quiserem.

O capitão Torres fitou-o nos olhos.

— Não está em seu país, señor.

— Sei disso, mas...

— Hoje, no almoço, escutará Naveiro, e dirá não a tudo que ele pedir.

— Mas e se ele...

— Limite-se a dizer não.

Uma hora depois, vestindo outro uniforme do coronel, também esplêndido, Eddie estava pronto para se encontrar com as crianças do orfanato. Chegaram acompanhadas por uma mulher corpulenta, de rosto azedo, que empurrou as crianças para dentro da sala e ordenou:

— Agora, agradeçam ao grande coronel Bolívar.

As crianças não pareciam como Eddie esperava. Eram vinte, magras e patéticas, com

expressões aterrorizadas. Uma das meninas, com cerca de dez anos, avançou até Eddie com um ramo de flores.

— Obrigada, grande coronel Bolívar — murmurou ela —, por nos dar casa e comida.

Era um discurso que ela decorara. Enquanto a menina entregava as flores, Eddie percebeu que ela tremia.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele.

A menina olhou para a mulher corpulenta, mais atrás, como se pedisse permissão para falar. A mulher de cara azeda acenou com a cabeça, e a menina balbuciou: — Rosita.

— E rosa é a minha flor predileta!

Ele nem sabia que fora uma rosa que salvara sua vida na noite anterior. Esperava que a menina dissesse "obrigada". Em vez disso, Rosita tornou a olhar para a mulher de cara azeda, que acenou com a cabeça.

— Obrigada.

Havia um medo evidente na voz da menina. Há alguma coisa muito estranha acontecendo por aqui, pensou Eddie. Ele fitou a menina.

— Está com medo?

Rosita tornou a olhar para a mulher, que sacudiu a cabeça, indicando um "não".

— Não — disse a menina.

Eddie podia perceber que todas as crianças pareciam ter pavor da mulher.

— Quero que você saia agora — disse-lhe Eddie, com a voz do coronel Bolívar.

— Vamos embora, crianças — ordenou a mulher.

— Não! — gritou ele, ríspido. — Deixe as crianças aqui. Eu as mandarei ao seu encontro dentro de poucos minutos.

— Pois não, senhor.

A mulher se retirou, apressada. Eddie reuniu as crianças ao redor.

— E agora quero que me contem como é a vida no orfanato.

A princípio, todas recearam falar. Eddie constatou melhor como eram magras.

— Vocês têm o suficiente para comer?

Uma menina pequena respondeu, tímida: — Estamos sempre com fome.

Outra menina acrescentou:

— Temos sopa uma vez por dia e fubá à noite.

— E isso é tudo?

— E, sim, mas temos de agradecer.

— E vocês têm brinquedos?

— Não.

— O que fazem durante o dia inteiro?

— Trabalhamos no orfanato. Fazemos a cama, varremos o chão e lavamos a louça depois das refeições.

— Estudam?

— Não, senhor.

Eddie sentia-se cada vez mais furioso. Tinha certeza de q ue o coronel Bolívar, sabendo como aqueles órfãos eram tratados, tomaria providências para acabar com aquilo. Muito bem, pensou Eddie, o coronel me delegou o encargo de adotar as providências necessárias. Ele apertou uma campainha, e um servidor apareceu.

— Traga-me papel e caneta — pediu Eddie.

— Certo, coronel.

Um momento depois, o homem voltou com papel e caneta.

Eddie começou a escrever: A partir de agora, o Orfanato Amador terá novos regulamentos.

1. As crianças farão três refeições por dia. Será contratado um médico para cuidar que as refeições sejam nutritivas e satisfatórias.

2. As crianças não precisarão mais fazer qualquer trabalho no orfanato.

3. Será contratada uma professora para abrir uma escola ali.

4. Deve ser alguém que ame crianças.

Eddie levantou os olhos para as crianças.

— Qual é o nome da mulher que as trouxe?

— Sra. Ponce.

— Obrigado.

Ele recomeçou a escrever:

4. A Sra. Ponce será dispensada imediatamente, sendo contratada uma nova supervisora.

Ele assinou: Coronel Ramon Bolívar.

Tornou a fitar as crianças.

— Quero que escutem isto.

Eddie leu em voz alta, em meio a um silêncio aturdido.

Depois, as crianças aplaudiram. Todas se adiantaram, abraçaram-no, beijaram-no.

— Calma, calma — disse Eddie, rindo. — Daqui por diante, tudo vai correr bem. Nunca mais serão tratadas dessa maneira.

As crianças soltaram gritos de alegria.

— Mandem a Sra. Ponce entrar — disse Eddie.

Horrorizada ao ouvir os gritos das crianças, ela berrou: — Calem-se!

Eddie levantou-se.

— A senhora é quem tem de se calar. Está despedida!

Ele entregou o documento que acabara de escrever. A mulher leu.

— Quero que tudo isso seja posto em prática imediatamente — acrescentou Eddie.

Foi a vez da mulher tremer.

— Pois não, coronel. Peço desculpas. Eu só estava cumprindo as ordens que recebi.

— As ordens foram mudadas. E agora saia!

— Pois não, coronel. — Ela virou-se para as crianças. — Venham comigo, por favor.

E desta vez não gritou. A Sra. Ponce era uma mulher abatida.

Eddie observou as crianças se retirarem e pensou: O coronel Bolívar vai ficar muito feliz quando souber o que eu fiz.

O capitão Torres tinha ido visitar o coronel Bolívar no hospital. Como era de imaginar, o coronel Bolívar fora internado sob um nome falso e entrara sem que ninguém o visse.

Sentia-se bastante nervoso. Não era tanto a operação que o preocupava, mas o medo de que o povo descobrisse que ia ser operado e tentasse derrubar seu governo.

— Como o ator está se saindo? — perguntou ele.

O capitão Torres sorriu.

— Não tem nada com que se preocupar, senhor. Ele é absolutamente inofensivo. Parece

com o senhor. Anda como o senhor. Fala como o senhor. Conversei com os criados no palácio esta manhã. Nenhum deles desconfia de nada.

— Ótimo.

— Não precisa se preocupar, coronel. Providenciarei para que ele não se meta em qualquer encrenca. Quando o médico disse que poderá sair daqui?

— A operação será amanhã, e creio que estarei de volta ao palácio dentro de uma ou duas semanas.

— Perfeito. No dia em que voltar, cuidarei da morte do ator e mandarei que seja enterrado em algum lugar onde ninguém jamais o encontre.

— É um homem fiel. Sempre posso contar com você. — O coronel Bolívar se lembrou de uma coisa- — Não deveria estar com Eddie Davis no palácio neste momento?

— Almoçarei com ele e seu cunhado — informou o capitão Torres. — Ele não se envolverá em nenhuma encrenca esta manhã. Só vai se encontrar com alguns órfãos e uma delegação de camponeses.

Os camponeses foram introduzidos no enorme gabinete do coronel Bolívar. Eddie sentava na cadeira do coronel. Os camponeses pareciam nervosos.

— Bom dia — disse Eddie.

Um dos camponeses respondeu:

— Bom dia, coronel. — Ele estava quase tremendo. — Vimos aqui esta manhã para lhe agradecer por sua generosidade. E um grande líder, e somos reconhecidos por tudo que fez por nós. E o homem mais bondoso do mundo, muito amado por seu povo, e somos todos leais.

Eddie era um ator e podia reconhecer um discurso ensaiado quando o ouvia. Não havia uma única palavra sincera naquela fala.

— Quem mandou você dizer isso? — perguntou Eddie.

O camponês se tornou ainda mais assustado.

— Como?

— Quem mandou você dizer essas coisas?

— O capitão Torres, senhor.

— Entendo. — Eddie pensou por um momento. — Vocês possuem suas próprias terras?

O homem ficou perplexo.

— O senhor não sabe?

Eddie percebeu o erro no mesmo instante. Claro que deveria saber. Não era o coronel Bolívar?

— Sei, sim, mas quero ouvir de você.

— Não, coronel, não somos os donos das terras em que trabalhamos. O senhor é dono de tudo. Pagamos para que nos deixe cultivar frutas e legumes, que depois vende por nós.

— O tom do homem era amargurado.

— Portanto, não levam uma vida boa.

— Ah! — Havia desdém na exclamação. — Mal temos o suficiente para comer.

Uma pausa, e o homem se apressou em acrescentar: — Mas não nos queixamos, O senhor é bom e generoso...

— Esqueça isso.

Eddie pensou um pouco. O coronel Bolívar possuía as terras em que aqueles homens trabalhavam e lhes cobrava pelas frutas e legumes que produziam. Ele apertou uma campainha,

e um criado entrou correndo.

— Pois não, coronel?

— Traga-me caneta e papel.

— Imediatamente, senhor.

O servidor logo voltou com caneta e papel. Eddie começou a escrever:

Deste momento em diante, todos os camponeses de Amador receberão terras de graça e terão permissão para vender tudo que cultivarem. E assinou: Coronel Ramón Bolívar.

Leu o que escrevera, satisfeito consigo mesmo. Tinha certeza de que o coronel Bolívar nem imaginava o que acontecia com aqueles pobres camponeses. Ficaria muito feliz quando soubesse que ele corrigira os erros cometidos.

Eddie leu o texto em voz alta para os camponeses. Houve um momento de silêncio chocado, e depois todos aplaudiram.

Adiantaram-se para apertar a mão de Eddie.

— É um homem muito bom...

— É tão generoso...

— O que podemos dizer...?

— Espere só até minha esposa saber disso...

Até agora, pensou Eddie, tive uma boa manhã de trabalho.

No hospital, o capitão Torres estava dizendo: — Não se preocupe, coronel. Nada pode sair errado. E agora tenho de sair, para o almoço com Naveiro e Eddie Davis.

O coronel Bolívar franziu o rosto.

Odeio Naveiro. Se ele não fosse meu cunhado... — O coronel levantou os olhos. — Naveiro pedirá muitas coisas. Não lhe dê nada. Está me entendendo? Absolutamente nada.

— Claro — respondeu o capitão Torres.

Ao voltar ao palácio, o capitão Torres disse a Eddie: — Naveiro está vindo para cá. Lembre-se de uma coisa: não importa o que ele peca, diga "não".

— Não esquecerei — prometeu Eddie.

Naveiro era um homem de cabelos grisalhos, aparência aristocrática e distinta. Cumprimentou friamente o homem que julgava ser seu cunhado.

— Boa tarde, Ramón.

— Boa tarde — disse Eddie.

Naveiro virou-se para o capitão Torres.

— Capitão.

Boa tarde, señor Creio que o almoço está pronto. Vamos sentar?

Os três foram para a sala de jantar e sentaram a uma mesa enorme. Três mordomos começaram a servir o almoço. Eddie nunca vira um banquete assim. O almoço começou com frutos do mar — camarão, lagosta e siri —, seguidos por uma sopa deliciosa, e depois filé mignon, com batatas coradas e legumes, além de uma enorme salada. Havia um sortimento de vinhos variados.

— Que almoço maravilhoso! — exclamou Eddie.

— Não vim aqui para o almoço — declarou Naveiro. — Vim pedir que pare de me hostilizar.

Eddie se mostrou surpreso.

— Hostilizá-lo?

— Não banque o inocente! Sua polícia impediu-me de publicar o jornal oito vezes no último mês. Destruiu minhas máquinas. Quero que pare com isso! — A voz se alteara. — Quero o direito de publicar qualquer coisa que desejar, sem que seus capangas de uniforme me ameacem! Vai detê-los ou não?

O capitão Torres manteve-se em silêncio, esperando pela resposta de Eddie. Chocado pelo que acabara de ouvir, Eddie sentiu-se tentado a dizer "sim", mas lembrou-se da recomendação do capitão Torres; e respondeu, relutante: — Não, não vou.

Naveiro fitou-o em silêncio por um longo momento.

— Então é assim.

— Não há outro jeito.

Eddie gostaria de ajudar o homem, mas representava um papel, e ordens eram ordens.

O que nem o capitão Torres nem Eddie sabiam era que Naveiro se tornara um homem desesperado. Tomara uma d ecisão: se o coronel Bolívar não lhe concedesse a liberdade de imprensa, iria matá-lo. Dominado pelo horror, Naveiro observara o cunhado se tornar cada vez mais brutal, aprisionando ou assassinando quem quer que se interpusesse em seu caminho. Naveiro lutava com o maior empenho pela liberdade, mas até agora fora tudo em vão. Por isso, concluíra que só restava uma coisa a fazer. Mataria o brutal ditador, ainda que isso lhe custasse a vida.

No momento em que os criados começaram a tirar a mesa, um deles deixou cair um prato, e Eddie e o capitão Torres se viraram para olhar. Naveiro aproveitou a oportunidade para tirar do bolso um pequeno frasco. Enquanto os dois olhavam para o outro lado, ele esvaziou o conteúdo do frasco no copo com vinho de Eddie. Era estricnina, e surtiria efeito em poucos segundos.

Naveiro levantou seu copo.

— Um brinde à sua saúde, coronel Bolívar.

Eddie levantou seu copo.

— E à sua também.

Na maior ansiedade, Naveiro viu Eddie levar o copo aos lábios.

Capítulo Quatro

Quando já ia tomar um gole, Eddie teve uma ideia e largou o copo na mesa.

— Quantos jornais temos em Amador? — perguntou ele.

— Três. — Naveiro lançou um olhar furioso para o capitão Torres. — Mas o meu é o único que tenta noticiar a verdade.

Ele tornou a levantar o copo.

— À liberdade de imprensa!

Eddie também levantou o copo.

— À liberdade de imprensa!

Naveiro viu Eddie levar o copo aos lábios de novo. Mas Eddie teve outra ideia. Tornou a largar o copo na mesa e olhou para o capitão Torres.

— Não consigo entender por que todos os jornais não podem publicar o que quiserem — comentou ele.

— Confundiria o povo — explicou o capitão Torres. — Os jornais devem falar como uma

só voz, e essa voz pertence ao coronel Bolívar.

Ele hesitou e tratou de se corrigir: — Isto é, pertence ao senhor.

Naveiro sentia-se frustrado. Queria que o coronel Bolívar tomasse o veneno. Ergueu o copo mais uma vez.

— Um brinde ao povo!

Eddie ergueu seu copo.

— Um brinde ao povo!

Naveiro inclinou-se para a frente, os olhos fixados em Eddie, ordenando-lhe mentalmente que bebesse o vinho. Eddie largou o copo na mesa e tornou a se virar para o capitão Torres.

— A censura é uma coisa ruim — disse ele. — Os jornais devem ser livres para publicarem o que quiserem, e o povo deve ser livre para ler o que quiser.

Eddie chamou um mordomo.

— Traga-me caneta e papel.

— Para que deseja caneta e papel? — indagou o capitão Torres, bastante preocupado.

— Vou mudar as coisas — respondeu Eddie. — Daqui por diante, os jornais poderão publicar a verdade.

— Não pode fazer isso! — gritou o capitão Torres.

Mas, subitamente, ele compreendeu que não podia dizer o que pensava.

— Acha mesmo uma ideia sensata mudar tudo agora, coronel? Por que não esperar por uma ou duas semanas?

— Não — insistiu Eddie. — Vamos cuidar disso imediatamente.

O mordomo entregou-lhe caneta e papel.

— Aqui estão, senhor.

— Obrigado.

Eddie começou a escrever. Ao terminar, leu em voz alta o que pusera no papel:

— Aos jornais de Amador. Desta data em diante, toda a censura será abolida. Terão liberdade para publicarem o que quiserem, e não haverá qualquer punição.

O capitão Torres empalideceu.

— Não... não pode...

Mas ele foi incapaz de acrescentar qualquer outra coisa.

Naveiro permaneceu sentado, atordoado.

— Fala mesmo sério, Ramón?

— Claro que sim. Daqui por diante, não haverá mais censura.

O capitão Torres estava atónito, incapaz de falar. Pensou: O

coronel Bolívar vai me matar quando sair do hospital . Mas não havia nada que pudesse fazer para impedir o que acontecia agora, sem admitir que Eddie não era o coronel Bolívar. Ficara acuado em sua própria trama.

— Daqui por diante, o povo lerá a verdade nos jornais. — Eddie levantou o copo com vinho. — A verdade!

Horrorizado, Naveiro observou Eddie levar o copo aos lábios. Levantou-se de um pulo, derrubando o copo de sua mão.

— Oh, desculpe! — balbuciou Naveiro. — Como sou desajeitado!

Ele tentou enxugar o vinho no uniforme de Eddie.

— Não se preocupe — disse Eddie. — Nenhum mal foi causado.

Naveiro pensou: Quase matei este homem, e ele acaba de devolver nossa liberdade. Como meu cunhado mudou.

— Mil perdões — murmurou ele.

— Não se aflija, por favor — disse Eddie. — Acidentes sempre podem acontecer.

O capitão Torres observava os dois, pensando: Não me pareceu um acidente. O que está acontecendo aqui? Mas é claro que ele não tinha como saber que o vinho fora envenenado e que Naveiro acabara de salvar a vida de Eddie.

Terminado o almoço, Naveiro disse ao homem que julgava ser o coronel Bolívar:

— Não tenho palavras para agradecer, Ramón. Fez uma boa coisa hoje... uma boa coisa para o nosso país.

— Não foi nada — respondeu Eddie, modesto.

Naveiro pegou o papel em que Eddie assinara Coronel Ramón Bolívar e disse: — Providenciarei para que todos os jornais publiquem isto na primeira página imediatamente.

Furioso, mas impotente, o capitão Torres não disse nada.

Eddie e o capitão Torres ficaram a sós. A vontade do capitão era matar o ator, só que não posso fazer isso por enquanto, pensou ele. Mas assim que o coronel Bolívar receber alta do hospital e voltar ao palácio, vou matá-lo, e o farei de uma forma lenta e dolorosa, para que ele sofra bastante.

— Aposto que o coronel vai ficar satisfeito ao saber disso quando deixar o hospital — comentou Eddie. — Não acredito que ele saiba o que está acontecendo. O coronel Bolívar me parece um homem decente. Nunca permitiria que alguém tratasse os jornais dessa maneira.

O capitão Torres teve de fazer um tremendo esforço para manter o controle

— É verdade, tenho certeza de que o coronel Bolívar ficará muito satisfeito.

Ele quase engasgou com as palavras, mas pensou: O mal não é irremediável. Assim que sair do hospital, o coronel Bolívar baixará outra ordem, restabelecendo as regras antigas. Numa ditadura, os governantes é que dizem ao povo o que ele deve pensar.

— O que há na minha agenda para o resto do dia? — indagou Eddie.

— Nada — respondeu o capitão Torres, em tom ríspido. — Afinal, não queremos que se canse demais. Deve repousar.

— É uma boa ideia — concordou Eddie.

— Preciso me ausentar por uma ou duas horas. Pode fazer o favor de permanecer em seu quarto? Não fale com ninguém... com ninguém mesmo!

Não havia como prever em que encrenca o ator idiota poderia se envolver.

— Está bem.

O capitão Torres foi ao hospital.

Assim que ele se retirou, Eddie pegou o telefone e ligou para Mary. Arrependia-se de tê-la deixado sozinha, quando se encontrava prestes a ter o bebê. Sentia-se como um desertor.

Ela atendeu quase que no mesmo instante.

— Olá, querida.

— Eddie, não imagina quanto estou contente por ouvir sua voz! O espetáculo continua correndo bem?

Mary nem sonha como está indo bem, pensou Eddie. Só que era um espetáculo diferente agora. Em vez de My Fair Lady, era Meu Bom Coronel, e ele tinha o papel principal.

— Vai muito bem, e todos me adoram.

— Tenho tanto orgulho de você, querido!

Ela se sentirá ainda mais orgulhosa quando eu lhe contar o que realmente fiz, pensou Eddie.

— Sente-se bem, querida?

A porta foi aberta, e uma criada em trajes sumários entrou no quarto. Era bonita e tinha um corpo sensacional. Aproximou -

se de Eddie e sussurrou:

— Olá, querido.

— Estou bem, mas sinto saudade — respondeu Mary. — Quero que volte para casa o mais depressa possível.

A criada acariciava a perna de Eddie.

— Não faca isso! — murmurou ele.

— Não faça o quê? — perguntou Mary.

— Não era com você que eu falava — explicou Eddie.

— Com quem era então?

A criada passava os dedos pelos cabelos de Eddie.

— Falei com um dos mordomos.

— Mordomo? Onde você está?

— Um dos mordomos na peca. Estamos ensaiando.

A criada roçou os lábios pelo rosto de Eddie.

— Quer parar com isso? — sussurrou ele.

— Está no meio de um ensaio?

— Isso mesmo.

— Oh, querido, e interrompeu para me telefonar? Mas que marido maravilhoso!

A criada abraçara Eddie.

— Tenho de ir agora — disse ele, nervoso.

— Está certo, querido. Faça um bom ensaio.

— Farei.

Eddie desligou e virou-se para a criada.

— O que está fazendo?

— Coronel, mandou que eu viesse passar a tarde em sua companhia de novo.

Eddie lembrou-se de repente quem era; ou melhor, quem não era.

— Mudei de ideia — declarou ele, no tom mais ríspido do coronel. — Tenho muito a fazer, E amanhã?

— Não. Também estarei ocupado amanhã. Eu a avisarei.

— Está bem. — A mulher fitou-o, amuada. — Acho que não me ama mais.

Quantas mulheres o coronel tinha?, especulou Eddie. Ele observou a criada se retirar. Era uma situação tentadora. Ao seu redor, todas as mulheres que quisesse levar para a cama. Mas não farei isso. Continuam fiel à minha esposa. E no momento mesmo em que pensou isso, a esposa entrou no quarto. Isto é, não a sua, mas a do coronel Bolívar. Ela vestia um negligê transparente.

— Querido, meu irmão acaba de me telefonar. Contou-me a sua decisão maravilhosa de dar liberdade de imprensa a todos os jornais. Não haverá mais censura.

— Não foi nada — murmurou Eddie, modesto.

— Nada? O povo de Amador ficará emocionado. Foi uma coisa magnifica que você fez! — Ela chegou mais perto. — Acho que o julguei mal, Ramón. Pensava que só se interessava pelo poder, mas percebo agora que se preocupa com as outras pessoas .

A mulher deu um passo à frente, pôs as mãos nos ombros de Eddie.

— Ainda gosta de mim, querido?

O nervosismo de Eddie era intenso.

— Claro que gosto.

Ela suspirou.

— Oh, Ramón, tenho sentido tanto a sua falta... Vem para mim esta noite?

O perfume era inebriante, e a mulher estava quase colada em Eddie. Ele sabia que precisava tirá-la do quarto antes que fosse tarde demais.

— Veremos.

Ela sorriu.

— Oh, querido! — Beijou-o nos lábios. — Ficarei à sua espera, Ele observou-a sair do quarto e se perguntou: O que farei agora? Decidiu que precisava respirar um pouco de ar fresco.

Percorreu o longo corredor e passou por uma porta lateral. Tinha a impressão de que o palácio era o maior prédio que já vira.

Parecia se estender por quarteirões. Foi andando pelo lado do prédio e chegou a um portão de ferro, com um guarda parado na frente. Assim que o viu, o guarda assumiu posição de sentido.

— Boa tarde — disse Eddie.

O guarda fitou-o, surpreso. O coronel Bolívar nunca lhe dirigira a palavra antes.

— Boa tarde, coronel.

— O que há por trás do portão? — indagou Eddie.

A surpresa do guarda aumentou.

— O que há por trás do portão?

— Isso mesmo.

— O zoológico. Seu zoológico.

— Abra o portão — disse Eddie. — Eu gostaria de vê-lo.

— Pois não, coronel.

O guarda pegou uma chave, inseriu-a na fechadura e abriu o portão, com um rangido.

Deve ser divertido, pensou Eddie. Quero saber que espécies de animais existem aqui. Ele passou pelo portão e descobriu-se diante de uma escada de pedra íngreme, e se perguntou: Por que guardam os animais lá embaixo? Desceu a escada, sentindo um cheiro horrível. Ao chegar lá embaixo, parou no mesmo instante e olhou ao redor, espantado. O "zoológico" consistia de vinte celas, abarrotadas de seres humanos, a maioria em farrapos. O choque de Eddie era profundo. Havia quatro guardas armados ali, e um deles se adiantou, apressado.

— Coronel... coronel Bolívar! Não avisaram que viria.

— Não se preocupe. — Eddie foi até a primeira cela. — Por que esses homens estão aqui?

O guarda ficou perplexo. Afinal, fora o coronel Bolívar quem os mandara para a prisão.

— São todos criminosos perigosos, coronel. E quase todos esperam para serem enforcados ou fuzilados. — O guarda sorriu. — As vezes nós os deixamos escolher.

Eddie sentia-se horrorizado.

— Está querendo dizer que todos esses homens vão morrer?

— Claro, coronel. Por ordens suas.

Havia dois homens na primeira cela. Um deles era apenas um rapaz, ainda na adolescência, enquanto o outro era idoso. Eddie perguntou ao rapaz:

— Por que está aqui?

O rapaz fitou-o nos olhos ao responder: — Eu disse que o senhor estava arruinando o país. É a verdade, mas morrerei por isso.

Eddie permaneceu calado por um longo momento, depois virou-se para o velho.

— E por que você está aqui?

— Não se lembra? Cuspi em seu carro quando passava.

— E vão matá-lo por isso?

— Vão.

Eddie não podia acreditar no que ouvia. Que tipo de homem ele estava representando? Foi andando pelas celas, interrogando cada prisioneiro. As histórias eram quase iguais.

Todos haviam cometido o erro de criticar o grande ditador, e iam morrer por isso.

— Eu disse que não havia o suficiente para o povo comer...

— Chutei um dos soldados quando levaram meu filho...

— Roubei pão para alimentar meus filhos...

— Recusei-me a servir em seu exército...

E por essas coisas, pensou Eddie, todos serão executados.

Não havia ali um único criminoso verdadeiro. Eddie virou -se para um dos guardas.

— Dê-me um papel e uma caneta.

— Pois não, senhor.

O guarda atendeu-o de imediato, e ele escreveu: Declaro que todos os prisioneiros agora detidos nas celas subte rrâneos do palácio devem ser libertados imediatamente, voltando para suas casas e suas famílias. Não haverá mais execuções em Amador sem um julgamento justo. Ao final, assinou: Coronel Ramón Bolívar.

Entregou o papel ao chefe dos guardas.

Leia.

O guarda leu, os olhos esbugalhados.

— E mesmo sério, coronel?

— O que você acha? — indagou Eddie, em sua melhor imitação da voz do coronel. — Ousa questionar minha ordem?

— Não, senhor. Quando deseja que eles sejam soltos?

— Imediatamente. E quero que providencie para que todos voltem sãos e salvos para suas casas.

— Pois não, coronel.

Eddie virou-se para os homens nas celas e declarou: — Uma terrível injustiça foi cometida contra vocês, e tentarei dar um jeito para que isso nunca mais aconteça. Estão livres agora, podem voltar para casa.

Os homens não podiam acreditar em tanta sorte. Começaram a chorar e aplaudir.

Eddie ficou parado ali, observando o chefe dos guardas abrir as celas e soltar os homens. Tenho certeza de que o coronel Bolívar se sentirá feliz ao saber disso, pensou ele.

No hospital, o capitão Torres conversava com o coronel Bolívar.

— Quando será a operação?

— Daqui a pouco. O que está acontecendo no palácio? Como o idiota do ator está se saindo?

— Muito bem.

O capitão não ousava contar ao coronel o que descobrira. Já soubera do que ocorrera com as crianças do orfanato e com os camponeses, e sentia-se furioso com o ator, mas não havia nada que pudesse fazer até o coronel Bolívar retornar ao palácio; por isso, preferiu se calar.

— Todos acreditam que é o senhor.

— Ótimo! — exclamou o coronel Bolívar. — Diga a ele que continue esse bom trabalho.

O médico entrou no quarto.

— Vamos começar a prepará-lo para a operação, coronel.

— Estou pronto. — O coronel olhou para o capitão Torres.

— Não se preocupe. Tudo vai dar certo, e quando eu sair daqui as coisas voltarão a ser como antes.

Mas o capitão Torres não podia deixar de se preocupar: Não tenho tanta certeza assim.

Ao voltar das masmorras, Eddie encontrou a "esposa" à sua espera. Ela abraçou-o no mesmo instante.

— Oh, querido, acabei de saber o que fez pelos prisioneiros!

Você é maravilhoso! E parece melhor a cada minuto que passa.

Desculpe tê-lo julgado errado.

— Não foi nada — murmurou Eddie, modesto.

— Nada? Devia ouvir as pessoas falando a seu respeito.

Subitamente, tornou-se o herói de todo mundo. — Ela chegou mais perto. — E o meu também.

— Obrigado. — Eddie desvencilhou-se. — Boa noite.

O capitão Torres tinha um problema. Fora ideia sua contratar o ator para personificar o coronel Bolívar, e agora a proposta se transformava num desastre. O ator vinha estragando tudo, agindo como se fosse de fato o coronel. Mas não havia nada que o capitão Torres pudesse fazer sem revelar o segredo. Não tinha outra opção senão aceitar tudo, até que o verdadeiro coronel voltasse ao palácio. E quando isso acontecer, pensou o capitão Torres, vou esquartejar o idiota com minhas próprias mãos. Tenho de pensar numa maneira de impedi -lo de fazer mais besteiras. Ele teve uma ideia. Foi falar com Eddie.

— Vamos ter um banquete em sua homenagem esta noite.

Haverá artistas, bailarinas e mais algumas coisas para diverti -lo.

— Grande ideia! — exclamou Eddie.

O banquete foi sensacional. A comida estava deliciosa, e houve diversos números de variedades, além de bailarinas, como o capitão Torres prometera. Eddie assistiu às exibições de malaba -

ristas e comedores de fogo. Houve até números com animais. Era como um circo.

Eddie se divertia muito, e o capitão Torres também, pois pelo menos assim o ator não criava mais nenhum problema.

O banquete finalmente terminou. Já era tarde, e o ator iria direto para a cama, onde não

poderia se meter em mais nenhuma encrenca. O capitão Torres levantou-se e disse a Eddie: — Está na hora de deitar.

— Tem razão — concordou Eddie. — Boa noite.

— Boa noite.

O capitão Torres olhou para o relógio. A operação já deve ter acabado. Tudo dependia agora do êxito da operação. Se o coronel Bolívar tivesse morrido na mesa de operação, tudo estaria perdido. Não haveria mais ditadura, o povo derrubaria o governo e mataria seus algozes. O capitão Torres foi para o seu quarto e telefonou para o hospital, Pediu para falar com o médico que efetuara a operação.

— Já acabou?

— Já, sim, capitão.

O capitão Torres respirou fundo.

— E teve êxito?

— Ainda não sabemos.

— Como assim?

— O coronel sobreviveu, mas parou de respirar durante a operação. Entrou em coma. É muito cedo para determinar se seu cérebro foi afetado.

O capitão Torres descobriu-se a suar profusamente.

— Quando saberá?

Ele se encontra agora na Unidade de Tratamento Inte nsivo.

Talvez tenhamos de esperar mais quarenta e oito horas para fazer uma avaliação.

— Entendo. Mantenha-me informado.

— Certo, capitão.

E a linha emudeceu.

Quarenta e oito horas de espera, pensou o capitão Torres.

Seria como uma eternidade. Sua vida dependia do que acontecesse ao coronel Bolívar.

Eddie voltava para seu quarto quando uma linda mulher, usando um elegante vestido, abordou-o. Olhou ao redor, para se certificar de que ninguém poderia ouvi-los, antes de perguntar: — Sabe que dia é hoje?

Eddie pensou por um instante.

— Claro. Hoje é sábado.

A expressão da mulher mudou.

— Não brinque com isso.

— Brincar com o quê?

Ela inclinou-se para a frente.

— Hoje é o dia em que você vai matar sua esposa para podermos casar.

Capítulo Cinco

Hoje é o dia em que você vai matar sua esposa para podermos casar! Eddie não podia acreditar em seus ouvidos.

— Vamos fazer... o quê?

— Já está tudo combinado. Às duas, ela sempre fica na sala de música, tocando piano.

Estará sozinha. Um dos guardas do palácio vai se esgueirar até lá e estrangulá-la.

— Es... estrangulá-la?

— Isso mesmo. — A mulher o fitou com estranheza. — Não mudou de ideia, não é mesmo, querido?

— Não, claro que não.

— Ainda bem, querido.

Ela beijou-o no rosto e se afastou. Eddie permaneceu imóvel, observando-a sair. Olhou para o relógio. Era meio-dia. Dentro de duas horas, a esposa do coronel Bolívar seria assassinada. Ele tinha de fazer alguma coisa para impedir. Mas o quê? Não fazia a menor ideia de quem era a estranha, mas era evidente que o coronel Bolívar lhe prometera casamento. Mas que homem ocupado!, pensou Eddie. Sou apenas um ator. Não se pode esperar que eu saia por aí salvando as vidas dos outros. Estou acostumado a atuar em peças escritas por outras pessoas. Gostaria de contar aqui com um bom escritor. Ele poderia me dizer com desta situação.

O capitão Torres entrou na sala nesse momento.

— Precisamos de você na sala de reunião por alguns minutos.

— Agora não é possível — protestou Eddie. — Estou ocupado. Tenho uma porção de coisas em que pensar.

— Não tem de pensar em nada, porque não é o coronel Bolívar! — explodiu o capitão Torres. — Há uma delegação de cidadãos esperando para falar com o coronel. Ele permite que o procurem uma vez por mês. Ficarão desconfiados se você recusar a recebê-los.

— Quanto tempo vai demorar? — indagou Eddie.

— Apenas uns poucos minutos. Vão lhe pedir para reduzir os impostos. Basta dizer "não"... como o coronel sempre faz... e eles irão embora.

— Se ele sempre diz "não", por que se dar ao trabalho de recebê-los?

— Isso dá ao povo a impressão de que ele se importa.

— Entendo. — Eddie tornou a olhar para o relógio. O tempo parecia voar. — Muito bem, vamos resolver logo essa questão.

O capitão Torres conduziu-o a uma sala de reunião, onde meia dúzia de pessoas esperavam. Todas eram magras e malvestidas.

— Bom dia, coronel Bolívar — disseram.

Eddie sentou à cabeceira da enorme mesa, com o capitão Torres ao seu lado.

— Bom dia. Em que posso ajudá-los?

Um dos homens se adiantou.

— Senhor, suplicamos que nos ajude. No ano passado, aumentou nossos impostos em dez por cento.

— Era necessário — interveio o capitão Torres —, para abrir novas estradas e construir escolas.

— Mas não temos estradas e escolas! — protestou o homem.

— Estamos providenciando — respondeu o capitão Torres. O

homem continuou:

— Coronel, acabamos de ser informados de que vai aumentar os impostos em mais dez por cento. Oitenta por cento de nosso dinheiro já vão para o Estado. Não nos resta o suficiente para viver.

Eddie ficou chocado.

— Oitenta por cento?

O capitão Torres tornou a intervir: — Amador precisa manter um grande exército. Temos de nos preparar para um ataque dos inimigos.

— Que inimigos? — bradou o homem. — Amador está em paz! E não temos dinheiro suficiente para alimentar nossos filhos !

— Deixe-me ver se entendi direito — disse Eddie. — Vocês só ficam com vinte por cento do dinheiro que ganham?

— Isso mesmo — confirmou o homem.

— Mas isso é terrível! — exclamou Eddie.

— O capitão Torres fitava-o com uma expressão irada.

— Coronel!

— Precisamos fazer alguma coisa a respeito — acrescentou Eddie.

— Coronel!

— Vou determinar que os impostos sejam reduzidos ime -
diatamente!

— Coronel!

Eddie pegou uma caneta e escreveu: Deste dia em diante, todos os impostos dos cidadãos de Amador serão reduzid os para...

Ele pensou por um instante. Dez por cento. Houve aplausos da delegação quando Eddie leu em voz alta. O capitão Torres sentia que ia morrer sufocado.

— Coronel!

Eddie assinou o documento: Coronel Ramón Bolívar.

Estendeu o papel para a delegação de cidadãos.

— Aqui está.

Houve mais aplausos. Eddie levantou-se.

— Agora, se me dão licença, tenho outros problemas resolver.

Ele saiu da sala. Precisava salvar a vida de sua "esposa".

O capitão Torres telefonou para o hospital. Falou com o médico que realizara a operação no coronel Bolívar.

— Quero um relatório sobre o estado do coronel Bolívar pediu ele.

— Lamento, capitão, mas não tenho mais nada a acrescentar.

— O médico hesitou. — Receio que as perspectivas não sejam das melhores.

O capitão Torres sentiu um calafrio.

— Como assim?

— O coronel Bolívar continua em coma.

— Quanto tempo vai durar?

— Não sabemos.

— Ele vai sobreviver?

— Ainda é muito cedo para dar uma resposta. Ele se encontra sob permanente observação. Os sinais vitais são bons.

Ainda é bem possível que tudo acabe bem.

— Isso não é o suficiente! — berrou o capitão Torres. — Tem de fazer com que ele fique bom de qualquer maneira! Está entendendo?

— Não sou Deus, capitão. Só posso...

— É melhor cuidar para que o coronel Bolívar viva, ou você vai se encontrar com seu Deus mais cedo do que imagina!

O capitão Torres bateu o telefone. Preciso verificar pessoalmente como está o coronel, pensou ele. Cinco minutos mais tarde, o capitão seguia para o hospital.

O Coronel Bolívar se encontrava numa área especial do hospital, isolada, para que mais nenhum funcionário do hospital ou visitantes pudesse se aproximar. Fora internado com o nome de Perón, e a equipe médica recebera o aviso de que o paciente tinha uma doença contagiosa, daí a necessidade do isol amento. Só tinham acesso a ele o médico que o operara, um assistente e uma enfermeira, que haviam jurado manter sigilo absoluto. O Capitão Torres foi direto falar com o médico.

— Houve alguma mudança?

— Falamos há apenas dez minutos. Ele continua em coma.

— Se ele sair do coma, quais são as possibilidades de lesão cerebral?

— É impossível prever, capitão. Às vezes, nessas condições, os pacientes saem do coma absolutamente normais. Em outros casos, no entanto, há lesões cerebrais, e alguns... — O médico hesitou. — ... até morrem.

O capitão Torres agarrou o médico pela garganta.

— Se ele morrer, você desejará nunca ter nascido! — Ele largou o homem. — Quem mais sabe que o coronel Bolívar está no hospital?

— Além de mim, só o meu assistente e a enfermeira.

Todos terão de morrer, pensou o capitão Torres.

— Quero que me telefone no instante em que houver qualquer alteração.

— Claro, capitão.

O médico estava apavorado. Odiava o coronel tanto quanto os demais habitantes de Amador. Ao ser informado de que teria de operar o ditador, ele conversara com a esposa a respeito.

— O coronel vai fazer uma operação de ponte de safena? — dissera ela. — Mas isso é maravilhoso! Durante a operação, você pode deixá-lo morrer.

— Pensei nisso — admitira o médico. — Só tem um problema.

— Como assim?

— Seus homens me matarão se eu deixar que ele morra.

— Mas pode dizer que foi um acidente. Sempre há pessoas morrendo em cirurgias do coração.

— Eles jamais acreditariam em mim.

A esposa se mostrara preocupada.

— Querido, o que vai acontecer se ele morrer acidentalmente?

Ele sacudira a cabeça.

— Vão me matar de qualquer maneira.

Quando o capitão Torres voltou do hospital, seu ajudante de ordens, tenente Gomez, veio lhe falar e indagou, afobado: — O que está acontecendo? Acabo de saber que o c oronel soltou todos os presos políticos.

O capitão Torres ficou chocado. — O quê?

— Isso mesmo. Está dando terra aos camponeses, comida aos órfãos... o que aconteceu

com ele? Enlouqueceu?

O capitão Torres pensou por um momento e decidiu que tinha de contar a verdade ao tenente Gomez. Sabia que Gomez nunca revelaria o segredo a ninguém.

— Sente-se — disse ele. — Quero lhe contar uma coisa.

Gomez sentou. — O coronel Bolívar está no hospital. Teve de se submeter a uma grave cirurgia cardíaca.

Gomes ficou aturdido. — Mas isso é impossível! Passei por ele no corredor há poucos minutos!

— Aquele não era o coronel, meu amigo. O homem que você viu é um ator chamado Eddie Davis.

— Um ator?

— Exatamente. O coronel escolheu o homem para assumir o seu lugar enquanto estivesse no hospital.

— Santo Deus, não dá para acreditar que seja verdade!

— Se o povo desconfiasse que o coronel Bolívar tem uma doença grave, aproveitaria a oportunidade para derrubar o governo. Não podemos permitir que isso aconteça.

O tenente Gomez murmurou:

— Isso explica por que os prisioneiros foram soltos. — Ele fitou o capitão. — Por que não o impediu de fazer essas coisas?

— Como? Se eu revogasse suas ordens, todos saberiam que há alguma coisa errada. Ninguém contesta o coronel Bolívar. Mas não se preocupe. Quando ele voltar, mudaremos tudo para o que era antes.

— E o ator?

— Morrera.

— O que faremos agora, capitão?

— Só podemos esperar. Acabo de chegar do hospital. Eles não têm certeza de o coronel via sobreviver.

Gomes franziu o rosto.

— E se ele morrer? O povo assumirá o poder.

— Não vamos deixar que isso ocorra. Se o coronel morrer, manteremos o ator aqui, só que passaremos a controlá-lo.

Era uma hora da tarde. Daqui a uma hora, pensou Eddie, vão matar a esposa do coronel Bolívar. Ele tinha de tirá-la do palácio.

Talvez os dois pudessem ir sozinhos para algum lugar. Fazia um lindo dia. Ele a convidaria para um passeio.

Eddie saiu apressado para a vasta garagem onde eram guardados os carros do coronel Bolívar. Havia um Rolls -Royce, um Mercedes Benz e um Ferrari conversível. Eddie circulou entre os carros, admirando cada um. O Ferrari era uma vileza. Jamais guiara um antes.

Um dos motoristas aproximou-se.

— Em que posso ajudá-lo, coronel?

— O dia está lindo, e pensei em sair para um passeio — disse Eddie.

— Claro, coronel. Em que carro vamos?

— Irei sozinho — respondeu Eddie. — Isto é, sairei com a señora Bolívar. Acho que iremos no Ferrari. Eu mesmo guiarei.

O motorista se surpreendeu.

— Vou levá-lo para a frente do palácio.

— Obrigado.

Agora, Eddie tinha de chamar a señora Bolívar para dar um passeio.

No instante em que ele saiu da garagem, o motorista correu para o telefone. Discou um número, e uma voz atendeu no mesmo instante.

— Aqui é Juan.

— Acho que nossa oportunidade chegou, Juan!

— Como assim?

— O coronel Bolívar vai sair para um passeio dentro de uma hora. Ele mesmo guiará o carro.

— Maravilhoso! Já estou indo para aí!

Ao desligar, Juan era um homem muito feliz. Sentira-se frustrado por ter fracassado na tentativa de matar o ditador no jardim com seu refle. Mas desta vez não vou fracassar, pensou ele.

Foi para a sala ao lado, onde ocorria uma reunião de rebeldes.

Todos vinha falando sobre diferentes maneiras de matar o ditador.

—Tenho boas notícias — anunciou Juan. — Dentro de uma hora, o coronel Bolívar está morto!

Soaram exclamações excitadas.

— Mas do que está falando?

— Como pode ter certeza?

— Como ele morrerá?

Juan levantou a mão.

— Fiquem quietos por um instante. Deixem-me explicar.

Como sabem, o coronel nunca sai de carro sozinho. É s empre acompanhado por meia dúzia de guarda-costas. Mas, por algum motivo, ele disse ao seu motorista esta manhã que vai levar a esposa para um passeio, e sairá sozinho.

— Mas isso é sensacional! — exclamou um dos membros do grupo. — Descobriremos para onde ele vai e o fuzilaremos na estrada.

Outro sugeriu.

— Podemos usar um dos nossos caminhões para bater no carro e matá-lo.

— Acho que tenho uma ideia melhor — disse Juan, virando-se para um companheiro chamado Pedro. — Quanto tempo levaria para fazer uma bomba?

Pedro deu de ombros.

— Meia hora.

— Terá de fazê-la mais depressa. Vou levá-la para o palácio e colocá-la no carro. No instante em que ele ligar o motor... — Juan bateu com as palmas. — ... o carro explodirá.

Todos concordaram.

— É uma excelente ideia...

— Sensacional...

— Ele merece morrer assim!

— Mas precisamos nos apressar — advertiu Juan. — Não dispomos de muito tempo.

— Começarei a preparar a bomba imediatamente — declarou Pedro. — Voltarei em vinte

minutos.

Pedro voltou vinte minutos mais tarde, com uma caixa de sapatos.

— Aqui está — anunciou ele.

Tirando a tampa da caixa, Pedro mostrou um artefato pequeno, de aparência inofensiva.

— Tem certeza de que isso vai funcionar? — indagou Juan.

— Só restarão fragmentos do carro e do ditador.

— Ótimo!

Um minuto depois, Juan partiu para o palácio.

A esposa do coronel Bolívar sentava para almoçar quando Eddie entrou na sala. Ela levantou os olhos e indagou, feliz: — Vai almoçar comigo, Ramón?

— Não — respondeu Eddie. — Tenho outra ideia. Não gostaria de almoçar no campo? Podemos sair para um passeio.

— Só nós dois? Fala sério?

— Claro.

O rosto da mulher se iluminou.

— Eu adoraria! — Ela se levantou. — Só preciso de uns poucos minutos para me aprontar, querido.

Eddie olhou para o relógio. Era uma e meia.

— Não demore. Quero sair daqui antes de duas horas.

— O que?

— Trate de se apressar. Estou morrendo de fome.

Ela beijou-o no rosto.

— Não se preocupe. Vou me apressar.

Posso salvar sua vida pelo menos por enquanto, pensou Eddie. Mas tarde, terei de pensar em outra coisa.

Na garagem do palácio, Juan e o motorista ajustaram a bomba dentro do capô do Ferrari.

— Tem certeza que vai funcionar? — perguntou o motorista.

— Certeza absoluta — respondeu Juan. — No instante em que ele ligar o motor, o carro explodirá. Mi l e um fragmentos do coronel Bolívar vão se espalhar por toda parte.

O motorista sorriu.

— Há muito que esperamos por este momento.

— E todos os habitantes de Amador também.

Eles fecharam o capô do carro.

— Deixei um fio solto — explicou Juan. — Leve o carro até a entrada do palácio, abra o capô e ligue o fio. Isso vai ativar a bomba. E não importa o que aconteça depois, não ligue o carro.

— Certo. — O motorista apertou a mão de Juan. — O povo de Amador se orgulhará de nós.

Juan observou o motorista entrar no Ferrari, ligar o motor e sair da garagem. Olhou para o relógio. Dentro de poucos minutos, pensou ele, o coronel Bolívar deixará de existir, e o povo de Amador será livre.

O motorista parou o carro na frente do palácio. Olhou ao redor, para se certificar de que não havia ninguém por perto.

Levantou o capô, prendeu o fio solto. Estava tudo pronto. Ele deixou as chaves na ignição,

afastou-se apressado do carro e voltou para a garagem.

Faltavam cinco minutos para as duas horas. Eddie esperava no corredor, e não havia o menor sinal da señora Bolívar. Dentro de cinco minutos, o assassino viria matá-la Ele foi até a porta do quarto e bateu. Pensou em chamá-la, mas não sabia qual era seu nome. E não podia perguntar a ninguém. Será que se importaria de me dizer qual é o nome da minha esposa? Por isso, ele bateu de novo e gritou: — Querida, já está pronta?

Um momento depois, a porta foi aberta, e lá estava ela.

Deslumbrante. Por que o coronel precisa de outras mulheres, quando tem uma assim?, especulou Eddie.

— Estou pronta, Ramón.

— Então vamos embora.

Eddie tornou a olhar para o relógio. Faltavam apenas dois minutos. ele pegou-a pelo braço e começou a avançar pelo corredor em passos rápidos.

— Por que a pressa? — indagou ela.

— Estou morrendo de fome.

Chegaram à porta da frente e saíram. Ali, diante do palácio, o Ferrari esperava, com a capota arriada.

— Oh, não! — exclamou a señora Bolívar. — Eu não sabia que a capota ficaria arriada. Vou buscar um chapéu.

No momento em que ela se virou para tornar a entrar no palácio, Eddie segurou-a pelo braço.

Não... não use nenhum chapéu.

— Mas por quê?

— Adoro ver seus cabelos esvoaçando ao vento. — Era uma fala de uma peça antiga em que Eddie atuara. — Os raios do sol acariciando seus lindos cabelos... você é uma deusa viva, minha querida.

A peça saíra de cartaz depois de duas apresentações. Ele ajudou a mulher a entrar no Ferrari, depois foi sentar ao volante.

— Sabe há quanto tempo não ficamos a sós, Ramón? Logo que casamos, costumávamos dar passeios assim.

— Claro que eu me lembro.

Da garagem, a uma distância segura, Juan e o motorista observavam. Viram Eddie estender a mão para a chave na ignição.

— Mais um segundo, e o coronel Bolívar e sua esposa morrerão — murmurou Juan, na maior felicidade.

Capítulo Seis

Eddie já ia girar a chave na ignição, fazendo explodir a bomba, quando um oficial se aproximou correndo do carro e gritou:

— Coronel! Venha depressa!

Eddie baixou a mão.

— O que aconteceu?

— Há um tumulto no outro lado do palácio. É melhor se apressar!

Eddie olhou para a esposa do coronel Bolívar.

— Por que não almoça em algum lugar da cidade? Mandarei o motorista leva-la.

Ele queria ter certeza de que a señora Bolívar não ficaria sozinha. Saíram do carro. A distância, Juan e o motorista observaram.

— Quase o pegamos desta vez! — exclamou o motorista.

— É melhor tirar aquela bomba do carro — disse Juan.

Eddie seguiu o oficial de volta ao palácio. Havia uma enorme multidão no outro lado, clamando: — Queremos falar com o coronel Bolívar! Queremos falar com o coronel Bolívar!

Eddie adiantou-se.

— Aqui estou. Qual é o problema?

O capitão Torres veio se postar ao lado de Eddie.

— Não precisa ficar aqui — disse ele. — Pode deixar que cuidarei de tudo.

— Cuidar de quê? — perguntou Eddie. — O que está acontecendo? O que essas pessoas querem?

— Não é importante — assegurou o capitão Torres. — Não passam de arruaceiros. Estão sempre se queixando.

— Mas do que eles se queixam?

— Não é nada sério — insistiu o capitão. — Mandarei os soldados dispersá-los.

— Como achar melhor.

— Eddie começou a se virar. Um dos homens na multidão berrou: — Estamos cansados de dormir na rua! Precisamos de um teto sobre nossas cabeças!

Eddie parou: — Eles não têm um lugar para dormir? São desabrigados?

— Estão acostumados a dormir na rua — garantiu o capitão Torres. — O tempo em Amador é excelente. Pode-se dormir sob as estrelas à noite. Quem pode querer melhor do que isso?

Eddie fitava-o, aturdido.

— Quer dizer que essas pessoas não têm onde morar?

— Não é problema seu.

— Enquanto eu for o coronel Bolívar, é problema meu. — Eddie virou-se para a multidão. — Nenhum de vocês tem casa?

— Não! — gritaram as pessoas. — Não temos condições de viver numa casa!

— Isso é terrível! — disse Eddie. — Precisamos tomar uma providência.

O capitão Torres empalideceu.

— Estou lhe suplicando, por favor, não faça nada a respeito. Está destruindo nosso país.

— Parece-me o contrário, vocês é que o estão destruindo.

— Não o deixarei fazer isso. Lembre-se de que não é o coronel Bolívar. Não passa de um ator.

— É assim que pensa? Tudo bem. — Eddie virou-se para a multidão. — O capitão Torres, aqui ao meu lado, tem uma coisa para contar a vocês. Pode falar, capitão. Repita para o povo o que acabou de me dizer.

O capitão Torres ficou furioso. Não ousava dizer à mult idão que aquele era um impostor, e que o verdadeiro coronel Bolívar se encontrava no hospital, talvez morrendo. Haveria uma revolução que derrubaria o governo, e ele seria o segundo a ser morto pela multidão. Ele

forçou um sorriso e declarou a multidão: — Eu só queria dizer, senhoras e senhores, que faremos tudo que pudermos para que vocês recebam toda a atenção que merecem.

O capitão falava sério. Tencionava ordenar que os soldados atirassem todos os manifestantes contra o governo. Eddie virou -se para o capitão.

— Quantas casas o coronel possui em Amador?

— Doze. Por quê?

— Quero que me leve a elas.

— De jeito nenhum! — protestou o capitão Torres. — Eu me recuso!

— Você se recusa? Muito bem. — Eddie tornou a se virar para a multidão. — Senhores e senhores, tenho um comunicado a fazer. Neste momento o coronel Bolívar está...

— Não! — sussurrou o capitão. — Pare com isso! Farei o que me pede.

— Ótimo. — Eddie acrescentou para a multidão. — Neste momento o coronel Bolívar está muito satisfeitos em anunciar que antes do anoitecer providenciará casas para todos.

A multidão aplaudiu.

— E agora me leve às propriedades do coronel.

Havia um brilho assassino nos olhos do capitão Torres.

— Está bem. Vamos embora.

— Volto num instante. Tenho de fazer uma coisa antes.

Eddie entrou no palácio e foi falar com o chefe da segurança.

— Ando preocupado com minha esposa. Quero que destaque dois guardas para protegê-la em todos os momentos.

— Certo, coronel.

— Poucos minutos mais tarde, Eddie e o capitão Torres partiram para conhecer as casas do coronel Bolívar.

— A primeira era no alto das montanhas, escondida por trás de árvores, e não podia ser vista por quem passasse pela estrada.

Guardas armados patrulhavam a frente da propriedade e bateram continência quando a limusine do coronel Bolívar subiu pelo caminho. A casa tinha trinta cômodos e sessenta criados. Os móveis eram franceses, muito bonitos; havia antiguidades de valor inestimável.

As outras casas também são assim? — perguntou Eddie.

Maiores — respondeu o capitão Torres.

A residência seguinte era no litoral, mas cercada por muitos altos, de tal forma que ninguém sabia que existia.

— Quantos cômodos esta trem? — indagou Eddie.

— Quarenta.

Eddie escreveu uma anotação.

Foram visitar outra, e mais outra, até que finalmente Eddi e conheceu todas.

— Vamos instalar os desabrigados nessas casas — anunciou Eddie.

— Não pode fazer isso! O coronel Bolívar jamais permitiria!

— Está esquecendo uma coisa. Eu sou o coronel Bolívar.

— O capitão Torres sentia-se tão furioso que quase sufocou.

— Só temporariamente. O coronel Bolívar voltará ao palácio em breve, e depois você poderá pegar seu dinheiro e retornar para o lugar de onde veio.

— É claro que ele não tinha a menor intenção de deixar Eddie escapar com o dinheiro, ou

sair de Amador. Terei o maior prazer em matá-lo, pensou o capitão Torres.

Ao voltarem ao palácio, Eddie redigiu um decreto ordenando que os desabrigados fossem instalados nas casas do coronel Bolívar, e que iniciasse imediatamente a construção de conjuntos habitacionais para os pobres. E assinou: Coronel Ramón Bolívar.

O capitão Torres reuniu-se com o tenente Gomez.

— Não aguento mais esta situação! — exclamou ele. — O ator enlouqueceu. Assumiu por completo o papel. Pensa que é de fato o ditador de Amador. Pois as cortinas se fecharão em breve sobre sua pequena representação.

— Quando? — perguntou Gomez. — O coronel Bolívar vai ficar bom?

— Não sei. Mas vou ao hospital agora para descobrir.

Enquanto isso, fique de olho nele. Não o deixe entregar o país ao povo.

No hospital, o capitão Torres conversou com o médico que operara o coronel Bolívar.

— O que está acontecendo? — indagou ele. — Houve alguma mudança?

— Nenhuma, até agora.

— O coronel vai ficar bom ou não?

— Não sei — respondeu o médico, desolado. — Já lhe disse que não há como prever.

— Quero vê-lo.

— Ele continua em coma.

— Não importa. Leve-me ao coronel.

O médico conduziu o capitão Torres a um quarto particular, no final de um longo corredor. O coronel Bolívar estava imóvel, os olhos fechados, muito pálido. O capitão Torres foi até o lado da cama.

— Coronel, pode me ouvir?

O homem estendido na cama não teve qualquer reação.

— Coronel, pode me ouvir?

O capitão virou-se para o médico.

— Ele pode morrer, não é?

O médico respondeu com a maior cautela: — Há uma possibilidade.

E o capitão Torres compreendeu o que tinha de fazer.

— Voltarei para o palácio agora, mas quero que me telefone no instante em que houver qualquer alteração no estado dele.

— Pois não, capitão.

O capitão foi procurar Eddie.

— Precisamos conversar.

— Eddie levantou os olhos.

— Sobre o quê?

— Gostaria de ser o coronel Bolívar de verdade?

— Eddie piscou, aturdido. — Como?

— Gostaria de desempenhar o papel em caráter permanente... dirigir de fato o país?

— Está querendo dizer... viver aqui e continuar a fazer essas coisas?

— Exatamente. Terá todo o dinheiro que quiser, todas as mulheres que desejar e será um autêntico ditador.

— O que aconteceu com o coronel Bolívar?

— Nada... ainda. Mas há uma possibilidade de que ele venha a morrer. Se isso acontecer,

gostaríamos que você tomasse o lugar dele, sem que ninguém soubesse da mudança, é claro.

A mente de Eddie era um turbilhão.

— Ou seja, eu teria de viver em Amador para sempre?

— Isso mesmo.

Eddie sacudiu a cabeça.

— Obrigado, mas não posso aceitar. Nova York é minha cidade, e...

— Pense da seguinte maneira. Você é um ator, e um ator maravilhoso. Fiquei muito impressionado quando o vi naquela peça, mas era um pequeno papel, não é mesmo? Esta é a sua oportunidade de desempenhar o maior papel de sua carreira... ser um astro! Vai governar um país! Que ator poderia resistir?

Eddie pensou a respeito. — Tem sido muito divertido — admitiu ele.

— Sei disso, e pode ser ainda mais divertido!

— Posso trazer minha esposa e filho para viverem aqui comigo?

— O capitão Torres sorriu. — Claro que sim. Para ser franco, eu até insistiria para que viessem.

"Seriam meus reféns. Se Eddie não fizesse direitinho o que ele mandasse, a esposa e o filho seriam mortos", pensou.

— Deixe-me pensar a respeito, capitão. A perspectiva parece muito interessante.

— Pois pense bastante, e tornaremos a conversar a respeito.

Naquela tarde, um dos ajudantes de ordens do coronel Bolívar foi falar com Eddie.

— Com licença, senhor, mas está na hora de partirmos.

Eddie fitou-o com surpresa.

— Partirmos? Para onde?

— Já esqueceu, coronel? Hoje é o dia do grande espetáculo aéreo. Sempre o aguarda ansioso.

— É mesmo? Ora, claro!

Ninguém lhe mencionara um espetáculo aéreo.

— Estão à sua espera, coronel.

— Então vamos embora.

A única coisa que Eddie sabia sobre aviões era que serviam uma comida horrível. Detestava voar. No voo de Nova York para Amador, passara a maior parte do tempo enjoado. Mas concluiu que deveria ser divertido assistir a um espetáculo aéreo.

A viagem até o aeroporto levou meia hora. Ao chegarem, Eddie espantou-se com o que viu. Havia uma vasta multidão ali, e dezenas de aviões, a maioria caças a jato, com a bandeira de Amador pintada nos lado. A limusine entrou na pista.

— Aqui estamos, coronel. — O ajudante-de-ordens apontou para um jato. — Aquele é o avião que vai pilotar hoje.

Eddie ficou perplexo.

— Eu vou pilotar?

— Isso mesmo. Todos os anos, pilota seu avião no espetáculo aéreo, coronel. Lembra como espera ansioso por este dia?

Eddie não podia lembrar.

— Está pronto?

Eddie não apenas não se encontrava pronto, mas também sentia-se em pânico?

— Não estou em sentindo bem. Acho que não vou pilotar o avião hoje... talvez amanhã.

— Mas todos esperam para vê-lo no ar, coronel! — Ele teve uma idéia. — Se não se sente bem, um dos seus pilotos pode acompanhá-lo. Será um passageiro. Sei como sempre aprecia este momento.

Voar num jato era a última coisa que Eddie desejava fazer.

— Acho que não devo — murmurou ele. — Talvez em outra ocasião.

— Vai desapontar as centenas de pessoas que vieram aqui para vê-lo, coronel. Além do mais, será um vôo de apenas quinze minutos.

Não deve ser tão ruim assim, pensou Eddie. Quinze minutos passam depressa.

— Está bem — concordou ele, relutante — se é para não deixar o povo desapontado...

— Todos ficariam muito desapontados.

— Muito bem, farei o voo.

— O ajudante-de-ordens sorriu.

— Obrigado, coronel. Vou mandar que aprontem o avião.

— O homem se encaminhou apressado para o hangar, onde um grupo o esperava.

— Está tudo acertado! — anunciou o ajudante-de-ordens, excitado.

— Desta vez não escapará — disse Juan.

O ajudante virou-se para um dos homens.

— Você será o piloto. O coronel Bolívar viajará como passageiro. — Ele acrescentou para um mecânico: — Ajeite o motor para ter um defeito dez minutos depois da decolagem.

Virando-se para um terceiro homem, o ajudante arrematou: — Cuide para que o pára-quedas do coronel Bolívar não abra.

O homem sorriu.

— Pode deixar comigo.

Juan disse ao grupo: — Amador vai se orgulhar de nós. Finalmente livraremos o país do ditador.

— O piloto e o ajudante-de-ordens foram até o lugar em que Eddie esperava.

— estamos prontos, senhor.

— Eddie contemplava o jato. A perspectiva de levantar voo naquele avião era aterradora. Já era horrível voar num grande jato comercial, mas ficar acuado dentro daquele caça, projetar-se pelo espalho a uma velocidade supersônica, enchia-o de medo.

— Mudei de ideia — declarou Eddie. — Acho que não vou...

O piloto interrompeu-o: — Ora, coronel Bolívar! Com todo o respeito, senhor, já vamos comunicar ao público que vai voar agora. Assumirei os controles, mas ninguém mais precisará saber disso. Todos pensarão que é o senhor quem está fazendo as acrobacias aéreas.

— Acrobacias?

— Os loops, parafusos, e todo o resto.

Eddie sentiu um frio no estômago.

— Loop, parafusos... e todo o resto?

— Isso mesmo. As coisas que faz todos os anos.

Os joelhos de Eddie estavam bambos.

— Acho que não posso.

O aviso saiu neste momento pelos alto-falantes: — Senhoras e senhores, nosso grande e amado ditador, coronel Ramón Bolívar, vai subir agora em seu avião e nos oferecer uma

demonstração de sua extraordinária habilidade como piloto. Vamos dar ao coronel a saudação adequada!

A multidão prorrompeu em aplausos e gritos.

— Está vendo? — disse o piloto. — Esperam pelo senhor.

Eddie nem imaginava que todos torciam para que ele subisse e seu avião caísse. Engoliu em seco.

— Está bem — murmurou ele.

Tenho certeza que é seguro, disse a si mesmo. Devem ter cuidados especiais com o avião do coronel Bolívar.

O piloto estendeu-lhe um pára-quedas.

— O que é isto? — indagou Eddie.

— É o seu pára-quedas. Os regulamentos exigem que o use.

— Certo.

Relutante, Eddie deixou que ajeitassem o pára-quedas em suas costas e afivelou-o na frente. O piloto já se certificara de que não haveria a menor possibilidade do pára-quedas abrir. Olhou para Eddie e balançou a cabeça, em aprovação.

— Muito bem, acho que podemos partir.

O ditador estava prestes a morre.

Eddie se acomodou no pequeno assento traseiro.

— Prenda o cinto de segurança, coronel — avisou o piloto.

— Já vamos decolar.

Não será tão ruim assim, pensou Eddie. E espere só até eu voltar para casa e contar toda a história a Mary. Quantos civis já voaram num caça a jato?

O capitão Torres chegou ao aeroporto bem a tempo de ver Eddie embarcar no avião.

— Tragam meu avião, e depressa! — ordenou ele.

Poucos minutos depois, o capitão Torres estava pronto para decolar. O avião de Eddie disparou pela pista e decolou. Eddie teve a sensação de que um peso de dez toneladas comprimia seu peito. Em quinze segundos, o avião já se encont rara a nove mil metros do solo. O coração de Eddie batia forte. Então era assim voar num caça a jato!

— Sente-se bem? — perguntou o piloto.

— Claro — respondeu Eddie.

E ele se sentia mesmo muito bem. O pânico inicial se dissipara. Era emocionante voar tão alto, àquela velocidade. Ele começava a se divertir. Talvez um dia eu desempenhe o papel de um piloto de caça, pensou, e saberei exatamente qual é a sensação. É bom para os atores terem diferentes experiências .

Foi nesse instante que ele ouviu a voz do pil oto dizer: — Aguente firme, coronel.

Eddie sentiu o estômago afundar, enquanto o avião iniciava uma série de loops. Olhou para baixo e balbuciou: — Oh, Deus, estamos voando de cabeça para baixo!

O piloto completou os loops e lançou o avião num parafuso, descendo pelo céu azul e sobrevoando a multidão.

— Sente-se bem, coronel?

Eddie esperou que o estômago retornasse ao lugar, antes de responder:

— Estou ótimo. Quando vamos pousar?

— Dentro de poucos minutos, coronel.

O capitão Torres pilotava seu jato logo atrás. Estavam a onze mil metros de altitude. O piloto puxou uma alavanca, e o motor começou a engasgar.

— Que barulho é esse? — perguntou Eddie.

— Acho que temos algum problema — respondeu o piloto.

— Como assim?

Saia fumaça do motor.

— Acho que o motor pegou fogo! — gritou o piloto. — É melhor saltarmos!

— Mas de que jeito? — berrou Eddie. — Não posso saltar!

— Terá de fazê-lo, coronel.

Eddie observou o piloto empurrar a capota para o lado e levantar-se no assento.

— Vou saltar agora, coronel! Acompanha-me!

O piloto pulou do avião. Três segundo depois, seu paraquedas abriu e ele começou a descer lentamente para o solo. O coração de Eddie batia com tanta força que ele até pensou que ia sair do peito.

— Volte aqui! — gritou. — Não pode me deixar assim!

Socorro! Socorro!

Mas é claro que ninguém podia ouvi-lo. E a fumaça se tornava cada vez mais densa.

Pelo menos estou usando um paraquedas, disse Eddie a si mesmo. Empurrou a capota para o lado, ficou de pé no assento e saltou do avião. Havia uma pequena argola no cinto do paraquedas, e ele a puxou como já vira pilotos fazendo em filmes.

Nada aconteceu. O pára-quedas não abriu, e ele mergulhava para a morte.

Capítulo Sete

O paraquedas não abriu, e Eddie mergulhava para a morte, ao encontro do solo duro lá embaixo.

Em seu avião, o capitão Torres viu o que acontecera e ficou horrorizado.

— Santo Deus! — gritou para seu co-piloto. — Ele vai morrer! Não podemos deixar que isso ocorra!

O capitão Torres desceu com seu avião, passou por Eddie, abriu sua capota e soltou. Puxou a argola, e seu paraquedas abriu.

Eddie se encontrava no ar por cima dele, descendo mais depressa. Quando passava por ele, agarrou-o e segurou-o com firmeza. Os dois passaram a descer com o mesmo paraquedas.

— Você salvou minha vida! — disse Eddie, agradecido. — Vou condecorá-lo por isso.

O capitão Torres quase o largou. — Você não condecora ninguém! — protestou ele, ríspido. — É apenas um ator... e não se esqueça disso!

Houve um tremendo tumulto quando eles chegaram ao solo.

A multidão observara o acontecimento. Uns poucos torceram para que o coronel Bolívar sobrevivesse, a maioria torceu por sua morte. Gomez aproximou-se do capitão Torres e comentou: — Foi um ato de extrema coragem.

— Eu deveria deixá-lo morrer — resmungou o capitão Torres —, mas não posso fazer isso até sabermos se o coronel Bolívar ficará bom. Vamos voltar para o palácio.

Eddie nunca se sentira tão abalado em toda a sua vida.

Nunca estivera tão próximo da morte. Nunca mais entrarei em outro avião, jurou ele.

Fora uma manhã terrível. Por que me meti nessa enrascada?, perguntou-se Eddie. Não sou nenhum herói. Sou apenas um ator, e no entanto... Ele pensou em tudo que realizara — como ajudara a melhorar as condições de vida dos órgãos, como devolvera as terras aos camponeses, como restaurara a liberdade de imprensa, e como reduzira os impostos para os cidadãos de Amador. Não é tão ruim assim, para um ator, concluiu Eddie. E isso lhe deu uma ideia. Mandou chamar o tesoureiro.

— Quer falar comigo, coronel Bolívar?

— Quero, sim. Quanto dinheiro temos no tesouro?

— Seis bilhões no tesouro público. — O homem acrescentou, baixando a voz: — E seis bilhões em sua conta pessoal.

— Em minha conta pessoal?

— Isso mesmo, coronel. Mas prometo que terá oito bilhões até o final do ano. Algum problema?

— Não, está tudo certo.

Eddie pensou um pouco. O coronel Bolívar roubara seis bilhões de dólares do povo, que passava fome e não tinha onde morar.

— Vou lhe dizer agora o que quero que faça com minha conta pessoal. Entregue tudo a quem dirige as escolas e hospitais.

Diga-lhes para usarem o dinheiro em expansão e melhorias.

O tesoureiro arregalou os olhos.

— Eu ouvi direito, coronel?

— Ouviu, sim.

— E quando quer que isso seja feito?

— Imediatamente!

Eddie sentou e redigiu um decreto. Assinou-o: Coronel Ramón Bolívar.

— Aqui está sua autorização.

— Certo, senhor. Cuidarei disto agora mesmo.

Nada mau para um ator, pensou Eddie. E ainda terei algumas histórias sensacionais para contar quando voltar para casa.

E foi nesse instante que ele teve uma inspiração. Daria uma grande peça, e eu poderia fazer o papel principal , pensou. Pegou o telefone e ordenou a um ajudante-de-ordens: — Traga-me uma máquina de escrever e bastante papel.

— Pois não, coronel.

— Tudo que preciso fazer agora é pôr no papel as coisas que me aconteceram, pensou Eddie. E foi se tornando cada vez mais animado cm a ideia. Enquanto esperava pela máquina de escrever, tornou a pegar o telefone e ligou para Mary.

— É você, Eddie? Estava preocupada porque não telefonava há algum tempo. Quando voltará para casa?

— Andei muito ocupado.

Eddie sentia a maior vontade de relatar o que vinha lhe acontecendo, mas não disse nada. Não ousou.

— Como vai a peça? — indagou Mary.

Ele não tinha a menor ideia.

— Vai muito bem.

— Tem aproveitado as folgas para conhecer os lugares?

— Já vi algumas coisas. Amador é um país muito interessante.

— Eu gostaria de estar ai com você.

— Eu também gostaria que estivesse, querida.

— Falei com o médico esta manhã, Eddie. O bebê deve nascer dentro de dez dias.

— Dez dias? — Ele entrou em pânico. — Diga-lhe para esperar!

— Como?

— Não tenho certeza se poderei voltar em dez dias! — Não havia como explicar a situação. — Mas tentarei, querida.

— Seria ótimo se estivesse aqui na ocasião.

Se contasse que todo um país dependia dele, Mary pensaria que enlouquecera.

— Não se preocupe, querida. Darei um jeito de voltar a tempo.

Teria de conversar a respeito com o capitão Torres.

— Conto com você, Eddie. Eu o amo.

— Eu também a amo. Até a próxima, querida.

E Eddie desligou.

Houve uma batida na porta, e um homem entrou com uma máquina de escrever.

— Aqui está sua máquina de escrever.

Eddie já quase esquecera. Ficara atordoado com a not ícia do nascimento do bebê em tão pouco tempo.

— Ponha na mesa.

— Pois não, coronel.

Quer o coronel Bolívar viva ou morra, pensou Eddie, vou voltar para casa. Escreverei minha peça, farei o papel principal, e será um grande sucesso. Ele sentou diante da máquina de escrever e começou a bate: Ato I...

Num súbito impulso, telefonou para Johnson, seu agente. Ao entrar na linha, Johnson gritou: — Eddie?

— Isso mesmo, senhor.

— Mas o que aconteceu? Fui avisado de que você deixou a peça sem avisar a ninguém. É verdade?

— Sim e não. Alguém ficou de avisá-los da minha saída.

O desgraçado do capitão Torres mentiu!

— Como pôde sair assim? Pensei que precisava desesperadamente do emprego.

— É que me ofereceram outro trabalho.

— Em Amador?

— Exatamente.

— Mas o que poderiam lhe oferecer em Amador?

O comando de todo o país, pensou Eddie, mas não disse.

— Há algumas coisas que posso fazer aqui.

— O pessoal da companhia ficou muito aborrecido. Tive de dizer que você ficou doente e precisou voltar para casa. Não queria que pusessem seu nome na lista negra.

— Obrigado

— Quando pretende voltar, Eddie?

— Nós próximos dez dias.

Ele ainda não sabia como. Só tinha certeza de que precisava estar em Nova York quando o bebê nascesse.

— Talvez eu tenha um trabalho para você, Eddie. Será apenas de umas poucas falas, mas dará para pagar o aluguel.

Eddie quase soltou uma risada. Umas poucas falas para um homem que tinha cem mil dólares em dinheiro nas mãos , um homem prestes a escrever uma peça de sucesso?

— Obrigado — disse ele. — Conversaremos a respeito assim que eu voltar.

— Combinado. Cuide-se, Eddie.

— Certo. Adeus.

Eddie levantou os olhos e deparou com o capitão Torres.

— Com quem você falava? — perguntou o capitão.

— Com meu agente em Nova York.

— Espero que não tenha lhe contado nada sobre a situação aqui.

— Não, não contei.

O capitão Torres chegou mais perto.

— Porque, deve compreender, terei de matá-lo se alguém souber do nosso trato.

Eddie fitou-o nos olhos, concluiu que ele falava sério e murmurou, nervoso:

— Claro, que compreendo.

— Ainda bem.

Assim que o capitão Torres voltou à sua sala, o telefone tocou. Era o médico, ligando do hospital.

— Tenho boas notícias. O coronel Bolívar saiu do coma. Está acordado.

O capitão Torres ficou na maior animação.

— Já estou indo para aí.

Ele desligou, e acrescentou para Gomez: — Nosso coronel vai ficar bom. Assim que pudermos transferi-lo, vamos trazê-lo para o palácio e matar o ator.

Partiu sem demora para o hospital. Sentia-se feliz porque o coronel Bolívar recuperara a consciência, mas havia também algo que o preocupava. Às vezes, as pessoas em coma despertavam com uma lesão cerebral. Se acontecera uma coisa assim com o cérebro do coronel Bolívar, e ele estivesse incapaz de governar o país, seria o casos.

Entrou na sala do médico e perguntou: — Ele ainda está consciente?

— Está, sim.

— Pois então me leve até lá.

O médico conduziu-o a um quarto particular no final do corredor.

— Pode entrar.

O capitão Torres respirou fundo antes de abrir a porta. O

coronel Bolívar o reconheceria? Ainda teria todas as faculdades?

Seria o mesmo homem de antes? O capitão Torres abriu a porta e entrou. O coronel Bolívar levantou os olhos e gritou, ao vê -lo: — Idiota! Idiota! Idiota!

O capitão compreendeu que tudo ia dar certo.

— Boa tarde, coronel.

— Boa tarde? Como ousa mostrar essa cara feia aqui depois do que fez?

— O capitão Torres ficou consternado.

— Mas o que eu fiz?

— Destruiu meu país! Acha pouco?

— Mas eu não...

— Você e aquele seu ator desgraçado! Se os rumores que ouvi forem verdadeiros, jogarei os dois no óleo fervendo!

— O que ouviu, coronel? — indagou o capitão Torres, bastante nervoso.

— É verdade que ele mudou meus regulamentos no orfanato?

— É sim, coronel.

— É verdade que ele disse aos camponeses que podem possuir suas próprias terras?

— É, sim, coronel.

— Ele disse ao meu cunhado que pode publicar o que quiser?

— Disse, coronel.

— E você ainda pergunta o que fez? Sabe por que eu não morreria depois da operação? Porque precisava matar vocês dois primeiro. Pensei que era meu amigo. Confiava em você. Como pôde permitir que ele fizesse essas coisas?

— Não havia como impedi-lo. Ele deu essas ordens na presença de uma porção de gente. Eu não poderia dizer nada.

Afinal, ele é supostamente o senhor.

— Ninguém pode supor ser eu. Eu sou único. Está me entendendo?

— Em geral, senhor, é único, mas neste momento se divide em dois. — O capitão chegou mais perto da cama. — A situação não é tão ruim quanto parece, senhor. É verdade que o ator deu todas essas ordens, mas isso nada significa. Pode revoga -las assim que voltar ao palácio. Tudo passará a ser como antes.

O coronel Bolívar pensou por um momento.

— Tem razão. Só que agora não serei mais tão generoso com as pessoas. Só veem se lamentando. Estou cansado disso!

— Não o culpo por se sentir assim, coronel. Quando o médico disse que poderá deixar o hospital?

— Sairei na semana que vem. Meu coração está melhor do que nunca.

— Na próxima semana? — O capitão Torres experimentou a maior satisfação. — Mas isso é maravilhoso!

Ele pensou em como mataria Eddie Davis. Havia muitos meio tentadores. Jogá-lo num caldeirão com óleo fervendo até que era uma boa ideia, ou talvez amarrá-lo a dois cavalos, que seriam chicoteados para correrem em direções opostas. Ele ia se divertir muito com o ator.

— Já me sinto muito melhor — acrescentou o coronel Bolívar. – Mande para cá uma das minhas amantes ou uma criada do palácio.

— Acho que não seria uma boa ideia, coronel.

— Como assim?

— Pense um pouco, senhor. Se alguém o vir no palácio, e ao mesmo tempo aqui no hospital, com certeza vai comentar, e começarão a fazer perguntas. Não podemos permitir que alguém o veja aqui ou estaremos perdidos.

O coronel Bolívar concordou, relutante: — Acho que tem razão. Posso esperar até a próxima semana.

Enquanto isso, capitão, quero que me faça um favor. Não deixe aquele idiota longe de sua vista!

— Não deixarei, senhor. Prometo.

Ao sair do hospital, o capitão Torres andava nas nuvens, assoviava uma alegre melodia. Tudo acabaria bem. Com o coronel de volta ao poder, não haveria mais problemas.

Eddie recebeu a visita de uma delegação de religiosos. Um deles disse: — Perdoe-nos por incomodá-lo, excelência, mas ouvimos comentários sobre as coisas maravilhosas que tem feito. Sei que no passado sempre rejeitou nossos pedidos, mas gostaria de saber se não podemos pedir de novo, só mais uma vez?

— Pedir o quê?

— Que nos deixe reabrir as igrejas.

— Está querendo dizer que suas igrejas foram fechadas?

O sacerdote ficou perplexo.

— O senhor mesmo mandou fechá-las, há cinco anos...

— Ah, sim, eu tinha esquecido. Todas as igrejas estão fechadas?

— Isso mesmo, excelência.

— Onde as pessoas rezam?

O espanto do sacerdote era cada vez maior.

— Elas não têm permissão para rezar.

— Isso é terrível! — exclamou Eddie. — Muito bem, daqui por diante todos terão permissão rezar.

O rosto do sacerdote se iluminou.

— Fala sério?

Eddie escreveu uma ordem e assinou: Coronel Ramón Bolívar.

— Aqui está. Todas as igrejas de Amador serão reabertas imediatamente, e assim permanecerão.

— Deus o abençoe, senhor. O povo de Amador nunca o esquecerá por isso.

Eddie pensou no capitão Torres.

— Peça a todos para rezarem por mim.

No corredor, Eddie encontrou a mulher que lhe dissera que sua esposa seria assassinada.

— Procurei-o por toda parte — disse ela. — O homem foi à sala de música, mas sua esposa não se encontrava lá. Alguém me disse que ela estava com você. E agora é acompanhada por guarda-costas durante todo o tempo.

— É isso mesmo — confirmou Eddie. — Eu é que determinei. Decidi que a matarei pessoalmente no momento em que quiser. Enquanto isso, não quero que ninguém a toque.

A mulher fitou-o com extrema frieza.

— E desde quando se importa com o que possa acontecer a sua esposa? Você a odeia.

— Não, não a odeio.

— Você a ama?

Eddie não sabia direito o que dizer.

— Não, não a amo, mas também não a odeio.

— Está querendo brincar comigo? Disse que eu era a única mulher no mundo para você, que ia se livrar de sua esposa para casar comigo. Mudou de ideia... é isso o que tenta me dizer?

A verdade era que Eddie não sabia o que tentava dizer à mulher. Por que o coronel Bolívar não pode viver direito?, pensou ele.

— Só quero que me dê mais algum tempo — disse Eddie.

— Tempo para quê? Para se livrar da mulher? Para encontrar outra mulher?

— Não é nada disso.

Eddie bem que queria explicar, mas não era possível. Só sabia que não podia permitir que a esposa do coronel fosse assassinada.

— Tornaremos a falar sobre isso dentro de poucos dias.

— De jeito nenhum! — berrou a mulher. — Vamos falar agora!

— Não grite — disse Eddie. — A pessoas podem ouvir.

— Não me importo que todos ouçam! Não quero viver sem você, Ramón! Se não casar comigo, vou me matar!

Essa não!, pensou Eddie. Não posso permitir que a esposa do coronel seja assassinada, mas também não posso deixar que sua amante cometa suicídio. Era um terrível dilema.

— Por que não pensamos melhor sobre isso? — sugeriu Eddie.

— Não! Terá de me dar a resposta agora. Já esperei por tempo demais pelo cumprimento de sua promessa.

Eddie pensou depressa. Se dissesse que casaria com a mulher, ela mandaria assassinar a esposa do coronel. Se dissesse que não casaria, ela se mataria. Ele especulou se deveri a perguntar ao capitão Torres o que fazer.

Não, decidiu Eddie. Sou o ditador, e eu mesmo decidirei o que fazer.

— Qual é a sua resposta? — insistiu a mulher.

Talvez ela não tencione realmente cometer suicídio , refletiu Eddie. Ora é isso mesmo, ela está blefando! Nenhuma mulher se mataria por Bolívar. Ela apenas tenta me assustar para conseguir o casamento. Isto é, tenta me assustar para fazer com que o coronel Bolívar case com ela. Isto é... ora, não importa, é complicado demais.

— E então, qual é a sua resposta?

Eddie respirou fundo.

— Minha resposta é não. Já tenho uma esposa, se casasse com você, seria bigamia.

A mulher fitou-o em silêncio por um longo momento, antes de murmurar:

— Está bem, Ramón. Se é assim que você quer, se não me deseja mais, aceito isso. Mas a vida não mais sentido para mim sem você. Vou me matar.

— Não pode fazer isso.

— Claro que posso!

— E ela pensou: Se eu não posso ter você, nenhuma outra mulher o terá. Vou matá-lo também.

Capítulo Oito

Eddie já começara a se acostumar ao papel que representava. Como qualquer bom ator, ele absorvera por completo o personagem. Em sua mente, era de fato o coronel Bolívar. Sem sequer pensar a respeito, andava e falava como o ditador. O capitão Torres não podia deixar

de admirar a eficiência com que ele representava o papel. O único problema era que Eddie tentava realmente governar o país. É por isso que ele morrerá, pensou.

Eddie iniciou a peça que o tornaria famoso, a peça sobre um ator contratado para se passar por um ditador. Todas as manhãs, ao acordar, ele passava duas horas à máquina de escrever.

— O que está fazendo? — indagou o capitão Torres.

— Nada demais — respondeu Eddie. — Estou apenas escrevendo uma história.

Ele não ousava contar a verdade ao capitão.

— Sabe por quanto tempo mais vão precisar de mim? — perguntou ele um dia.

— Seu trabalho terminará em breve. O coronel está se recuperando muito bem, e assim que receber alta do hospital nós o tratemos para cá. Você poderá então voltar para casa.

E sua nova casa será uma sepultura em nosso jardim, pensou o capitão Torres. Ajudará nossas flores a ser tornarem mais viçosas.

Eddie decidira voltar para casa nos próximos dez dias, antes que o bebê nascesse. Mas não disse isso ao capitão Torres . Mesmo que o coronel Bolívar não volte a tempo, pensou ele, irei embora de qualquer maneira. Não podem me impedir. Afinal, este é um país livre. Ou não é?

Eddie telefonou para Mary. Ela ficou feliz em ouvir sua voz.

— Como se sente? — perguntou Eddie.

— Estou horrível de tão grande, querido. O bebê não para de chutar. Quer sair logo.

— O que disse o médico? Você está bem?

— Estou, sim. Apenas sinto saudade de você. Vai voltar a tempo?

— Nada no mundo poderia me impedir — assegurou Eddie.

— Por falar nisso, estou lhe mandando dez mil dólares?

— O quê? — A voz de Mary era impregnada de espanto. — Onde conseguiu dez mil dólares?

— Gostaram tanto de minha atuação que me deram um adiantamento.

— Oh, querido, isso é maravilhoso?

Eddie não teve coragem de dizer que ainda lhes restavam noventa mil dólares. Explicaria tudo quando voltasse para casa.

— Poderei pagar a conta do médico, e também a da mercearia. Oh, Eddie, eu me sinto orgulhosa de você!

— Cuide-se bem, Mary. Estarei aí dentro de dez dias. Adeus, querida.

— Adeus, Eddie.

Sou o homem mais afortunado do mundo, pensou Eddie.

Tenho uma mulher maravilhosa, e vamos ter nosso primeiro filho.

Nada pode sair errado.

Ele contemplou um enorme retrato do coronel Bolívar, e os olhos do coronel pareciam fitá-lo com uma intensa raiva. É calor que não passa da minha imaginação, pensou Eddie.

Havia tourada em Amador todos os domingos. Os sul -

americanos adoravam touradas, e os toureiros eram seus heróis.

Quando Eddie trabalhava em sua peça, no gabinete do coronel Bolívar, o capitão Torres entrou e anunciou: — Temos um problema.

Eddie levantou os olhos.

— Que problema?

— Há um costume aqui. Temos touradas todos os domingos. Servem para manter o povo feliz. O coronel Bolívar é um dos nossos grandes toureiros, e em cada quarto domingo ele enfrenta o touro maior e mais forte. E este é o quarto domingo.

— Já entendi. Ele não está aqui para enfrentar o touro.

— Isso mesmo. E não há como explicar a situação.

— Ora, não é tão terrível assim. Basta dizer ao povo que ele não pode comparecer hoje.

— Não posso fazer isso. O coronel nunca perdeu uma tourada. Todos ficariam desconfiados.

— E o que pretende fazer?

— Você vai enfrentar o touro.

Eddie riu.

— Essa piada é muito engraçada.

Ele continuou a bater na máquina de escrever.

— Falo sério — insistiu o capitão Torres.

— Você enlouqueceu. Nunca entrei numa arena antes. Não saberia o que fazer. O touro me faria em pedacinhos.

O capitão Torres sacudiu a cabeça.

— Não. Você terá segurança absoluta. Tenho um plano.

— Que plano?

— O rancho que fornece os touros cria duas espécies diferentes. Há touros mansos, e outros muito ferozes. O coronel sempre lutou contra os ferozes, mas faremos a troca, e você enfrentará um touro manso.

— Manso até que ponto? — indagou Eddie, apreensivo.

— Os meninos treinam para se tornar matadores com esses touros. Não terá com que se preocupar. Eu não o deixaria arriscar a vida.

Isso é verdade, porque ele precisa de mim, pensou Eddie. Ele tomou uma decisão.

— Muito bem, lutarei com o touro.

Daria uma boa cena para sua peça.

A arena de touros de Amador era imensa, recebendo aos domingos dezenas de milhares de pessoas que iam assistir ao espetáculo para esquecer seus problemas. Os toureiros vestiam lindos trajes prateados, e a multidão os aclamava, acompanhando esses bravos homens que arriscavam a vida no com bate com os touros.

Os touros saiam do cercado um de cada vez e atacavam o toureiro à espera. Com extrema habilidade, o toureiro provocava o touro até deixá-lo exausto, e ao final o matava. A multidão delirava.

Havia muita tensão naquele dia, porque todos sabiam que o coronel Bolívar iria lutar. Era uma multidão maior que a habitual, porque a maioria vinha torcer para que o touro matasse o coronel Bolívar. Afinal, ele era o homem mais odiado de Amador.

A caminho da arena, Eddie disse ao capitão Torres: — Estou um pouco nervoso. Tem certeza de que nada pode sair errado?

— Absolutamente nada — garantiu o capitão. — Já acertei para que o touro menor e mais manso fosse designado para enfrentá-lo. Já viu tourada, não é mesmo?

— Só em filmes.

— Então sabe o que fazer. Vão lhe dar uma espada e uma capa vermelha, e terá de acenar a capa para o touro. Quando ele o atacar, terá de se desviar para o lado. Pequeno co mo é, mesmo que consiga atingi-lo, não causará nenhum ferimento.

— Já fui dançarino, e por isso tenho mui ta agilidade nos pés.

— Ótimo.

Chegaram à enorme arena.

No cercado dos touros, Juan conversava com alguns homens. Ele se sentia transtornado por ter fracassado em suas duas tentativas de matar o coronel Bolívar, a primeira com um rifle, a segunda com uma bomba. Desta vez, estava determinado a não falhar.

— Já ouviram a notícia? — indagou Juan. — O capitão Torres telefonou para cá. O coronel Bolívar vai enfrentar um touro hoje, mas, por algum motivo que não posso entender, o capitão providenciou para que ele combatesse o menor e mais manso.

— É mesmo estranho — concordou um dos homens. — O coronel sempre lutou contra o maior e o mais feroz.

— Pois é o que também vai acontecer hoje — declarou Juan: — Troquei os touros. Ele vai lutar contra El Negro.

O homem arregalou os olhos.

— El Negro? Mas ele já matou cinco homens!

— Sei disso, e hoje completará meia dúzia.

O capitão Torres levou Eddie ao vestiário em que os toureiros se aprontavam para a luta. Havia um lindo traje prateado pendurado no armário que pertencia ao coronel Bolívar. Eddie vestiu-o e se contemplou no espelho.

Pareço mesmo com um toureiro, pensou ele. Isso vai ser divertido.

— Lembre-se de que vai enfrentar um touro manso — disse-lhe o capitão Torres. — É até chamado de ―vaquinha‖. Mas precisa dar a impressão de que é uma lutar para valer. Não deixe o touro dormir na arena. Mantenha-o acordado. Tate de cutucá-lo, se for necessário.

— Não se preocupe. Farei com que pareça uma luta de verdade.

Ouviram nesse momento o apresentador anunciar pelo sistema de alto-falantes.

— Senhores e senhores, é com enorme prazer que lhes apresentamos o amado líder de nosso país, nosso benevolente ditador, o coronel Ramón Bolívar!

Houve silêncio da multidão. Ninguém aplaudiu. Eddie ficou perplexo e comentou:

— A multidão está quieta.

O capitão Torres apressou-se em explicar: — Isso acontece porque todos têm tanto respeito pelo coronel que se sentem intimidados com sua bravura.

— Ahn...

— Saia para a arena agora. Faça com que pareça um luta emocionante.

— Deixe comigo.

Eddie saiu para a arena. Havia milhares de pessoas sentadas nas arquibancadas, esperando pelo início do espetáculo e torcendo para que seu desprezado ditador fosse morto.

No cercado em que eram mantidos os touros, Juan, se empenhava em trocar um touro pequeno e manso pelo enorme e feroz El Negro, que reagiu violentamente, arremetendo contra os homens ao redor. Todos tomaram o cuidado de permanecer à distância de seus chifres afiados e patas letais. Mas conseguiram finalmente pô-lo no lugar.

— Abram o cercado — ordenou Juan.

O portão foi levantado, e El Negro saiu em disparada para a arena. Parou por um momento, correndo os olhos pela multidão.

— Ele é maior do que eu imaginava, pensou Eddie, levantando a capa vermelha.

— Muito bem, menino, vamos dar a impressão de que se trata de uma luta de verdade.

O touro divisou a capa vermelha. Correu pela arena como um trem expresso, seguindo direto para Eddie.

Assim está ótimo, pensou Eddie. Temos de fazer com que pareça um combate autêntico.

Quando o touro chegou perto, Eddie deu um passo gracioso para o lado, e El Negro passou por ele numa carreira desabalada.

— Ele parece mesmo feroz, pensou Eddie. Pela aparência, ninguém saberia que é um touro manso.

Em seu camarote, o capitão Torres ficou horrorizado. Não podia acreditar no que via. Alguém soltara El Negro, o touro assassino, na arena!

Eddie será morto, e todos estaremos perdidos!, pensou o capitão.

Ele observou o touro investir de novo contra Eddie.

E Eddie estava gostando da luta.

Recordou os antigos passos de dança que aprendera quando atuara num musical, e, quando o touro chegou perto, deu um passa o para o lado e se desviou mais uma vez dos chifres.

A multidão não pôde deixar de aplaudir, mesmo relutante.

Tinha de admirar a bravura do homem na arena. Todos sabiam como El Negro era feroz, e quantos homens já matara. E agora seu ditador se encontrava lá embaixo, enfrentando a morte.

Eddie estava se divertindo como nunca. Sempre de desviava das arremetidas do touro com seus passos de dança e não parava de provocá-lo.

— Venha, vaquinha, pode atacar. Não tenho medo de mim.

O touro acabou tão exausto que finalmente parou, a respiração ofegante, frustrado porque não conseguia atingir aquele estranho, que sempre se desviava dos seus ataques.

Era tempo de matar o touro. Mas Eddie não tinha a menor intenção de fazer isso. Levantou a espada e olhos para a multidão, que bradou:

— Deixe o touro viver!

E Eddie acenou com a cabeça, feliz por tal decisão.

Com as aclamações ressoando em seus ouvidos, Eddie voltou para o vestiário. Nunca imaginei que fosse tão fácil tourear, pensou ele.

O capitão Torres o esperava no vestiário, muito pálido, e Eddie comentou:

— Foi divertido. Posso tourear de novo, no próximo domingo?

O capitão respirou fundo.

— Eddie, alguém trocou os touros. Você acaba de enfrentar o touro mais perigoso de Amador.

Eddie desmaiou.

Juan e seu grupo de rebeldes se reuniram para discutir outros meios de matar o coronel Bolívar.

— Parece que o homem tem o corpo fechado — disse Juan.

— Por duas vezes tive uma oportunidade de matá-lo, e fracassei.

Há algum encantamento nele.

— Não há encantamento nenhum — protestou um dos homens. — Ele é mortal como todos

nós. Pode ser morto.

— E tem de ser morto. Nosso povo passa fome.

— Esperem um pouco — interveio alguém. — Vejam o que ele tem feito ultimamente. Baixou os impostos, ajudou os órfãos, entregou suas casas aos desabrigados. Parece ter mudado.

— É algum truque — insistiu Juan. — Um homem como o coronel Bolívar não muda nunca. Há um velho ditado: ―O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente.

Isso descreve o homem a perfeição. Ele é impiedoso.

Lembrem-se de todas as pessoas que matou só porque discordaram de todas famílias que destruiu.

Juan fez uma pausa, sacudiu a cabeça.

— Um homem assim não muda nunca. Ele tem de assassinado de qualquer maneira, e estou disposto a sacrificar minha vida por isso.

— É eu também — acrescentou outro homem.

— É eu também.

— É eu também.

Todos estavam de acordo. O coronel Bolívar tinha de ser morto. A questão era como.

— Ele tem seus soldados para protegê-lo — ressaltou Juan.

— Precisamos encontrar uma maneira de passar por eles.

— Não será fácil — disse outro homem. — Ele paga muito bem a seus soldados, por isso estão do seu lado.

Houve muita discussão, mas ninguém sabia o que fazer. Só tinham certeza de que era absolutamente vital que aquele homem fosse morto.

— Ele está destruindo nosso país — arrematou Juan. — Não podemos permitir que isso continue por mais tempo.

Na manhã seguinte, Eddie pegou dez mil dólares do dinheiro que recebera e foi à agência do correio. Os funcionários se surpreenderam com a presença ali do coronel Bolívar. Ele nunca entra na agência antes.

— Quero mandar algum dinheiro para uma pessoa — explicou Eddie.

— Pois não, senhor.

Todos os funcionários tiraram o dinheiro que tinham nos bolsos e começaram a lhe entregar. Eddie ficou espantado.

— Não estou me referindo ao dinheiro de vocês.

Ele mostrou seus dez mil dólares.

— Aqui está o dinheiro que quero mandar.

— Oh, desculpe, senhor! — balbuciou um dos funcionários.

— Não tínhamos entendido direito.

Eddie escreve o nome e endereço de Mary num envelope.

— O dinheiro vai para a cidade de Nova York. Não sei se o correio é muito rápido aqui.

Todos o fitaram, surpresos.

— Mas o correio é seu, coronel!

Eddie apressou-se em corrigir:

— Sei disso. O que eu quis dizer é que não sei se está muito rápido hoje.

Ele entregou o envelope a um funcionário pro trás do balcão.

— Quantos dias levará para esta carta chegar a Nova York ?

— Estará lá pela manhã, coronel.

Foi a vez de Eddie se surpreender.

— Pela manhã?

— Isso mesmo, senhor. Despacharemos para Nova York em seu avião particular.

— Em meu avião...

Eddie ficou maravilhado com a ideia. O avião do coronel Bolívar voaria até Nova York só para entregar o dinheiro a Mary.

Isso é que é vida!, pensou ele.

— Seu piloto entregará a carta pessoalmente — acrescentou o funcionário.

— Ótimo. Muito obrigado.

— O prazer foi nosso, coronel. Agradecemos por nos honrar com sua presença.

— Ora, não foi nada.

Isto dá um novo sentido à expressão ―via aéreа‖, pensou Eddie.

Não será fácil retornar à minha vida antiga. Gostei de dirigir um país. É uma pena que não tenha nascido rei ou algo parecido.

Ao voltar ao palácio, Eddie encontrou o capitão Torres à sua espera.

— Onde esteve, Eddie? procurei-o por toda parte.

— Tive de sair para resolver um assunto.

— E o que era? — indagou o capitão, desconfiado.

— Fui despachar uma carta.

O capitão Torres ficou furioso.

— O coronel Bolívar nunca despacha pessoalmente suas cartas. Há pessoas que fazem isso por ele.

— De qualquer maneira, eu precisava respirar um pouco de ar fresco.

— Não aproveitou sua saída para decretar novas leis, não é?

— Não, claro que não — respondeu Eddie.

— No futuro, não deixará o palácio sem falar antes comigo.

Sua vida corre perigo.

— Como assim?

O capitão Torres hesitou.

— Há algumas pessoas em Amador... uns fanáticos, deve compreender... que querem matar nosso grande ditador. Não s ão muitas, apenas um punhado. Se o vissem sozinho lá fora sua vida estaria em perigo. Daqui por diante, eu lhe peço, tome mais cuidado.

— Está certo.

O que Eddie não disse ao capitão Torres foi que na semana seguinte planejava enviar mais dez mil dólares para Mary. Diria a ela que recebera outro adiantamento sobre seu salário. Além do mais, não gostava que o capitão Torres lhe desse ordens.

Naquela noite, o capitão Torres foi conversar com o coronel Bolívar no hospital.

— Como se sente? — perguntou o capitão.

— Muito bem. O médico disse que poderei ter alta dentro de poucos dias.

— É uma grande notícia, coronel.

— E quando eu sair daqui quero que aquele ator seja levado para a masmorra. Vamos torturá-lo antes de sua morte.

— Terei o maior prazer — garantiu o capitão Torres.

— Nada disso. Tenciono torturá-lo eu mesmo.

Capítulo Nove

— Bom dia, coronel Bolívar.

Era uma voz feminina suave. Eddie abriu os olhos. Duas lindas criadas postavam-se ao lado da cama, segurando bandejas.

— Trouxemos seu café da manhã.

Eddie jamais tomara antes o café da manhã na cama. Sentou -

se e observou-as ajeitarem uma bandeja grande na cama, pondo os pratos em cima. O aroma era apetitoso. Havia suco de laranja, waffles, ovos com bacon e um bule de café. Uma das criadas inclinou-se e sussurrou:

— Deseja mais alguma coisa, coronel?

Eddie sorriu.

— Obrigado, mas já é o suficiente.

— Que maneira de viver, o café da manhã na cama! , pensou ele. Contarei tudo a Mary quando voltar para casa. Talvez ela também me sirva o café da manhã na cama.

Ele começou a comer. A comida era deliciosa. Ao terminar, tocou uma campainha, as criadas voltaram e levaram tudo. A comida o deixara sonolento. Vou tirar um cochilo, decidiu.

Fechou os olhos. E logo sentiu uma mão a sacudi-lo, gentilmente.

— Coronel Bolívar...

Eddie abriu os olhos. Uma linda loura inclinava-se sobre a cama, num traje sumário.

— Bom dia — disse Eddie. — Quem é você?

— Sou sua massagista. Está na hora da massagem.

— Massagem?

— Isso mesmo. Fez uma massagem toda quarta-feira.

— Ahn...

Ele sentou na cama. A mulher era deslumbrante. Armara uma mesa de massagem no meio do quarto.

— Não quer passar para a mesa, coronel?

— Ahn... claro.

Eddie nunca fizera uma massagem em toda a sua vida.

Enrolou o lençol em torno do corpo e foi para a mesa. Ela o observava de uma maneira estranha. O coronel sempre se levantava nu na sua frente.

Eddie deitou na mesa, ainda com o lençol enrolado.

— Estou pronto.

A mulher aproximou-se da mesa, tirou o lençol e estendeu uma toalha pequena sobre seu corpo. Pegou um pote, de onde tirou uma porção de creme de cheiro agradável. E começou a esfregar seu corpo.

Eddie não podia acreditar naquela sensação maravilhosa. A mulher trabalhou os músculos, relaxando-os, e ele compreendeu como estivera tenso. Nem poderia deixar de me sentir tenso,

pensou ele. Afinal, não é fácil governar um país. Talvez eu fique aqui. É possível que Bolívar morra, e continuarei aqui para sempre. Trarei Mary e o bebê. Teremos uma vida maravilhosa. Tomarei o café da manhã na cama todos os dias, receberei massagens e... Ele adormeceu. Quando despertou, a massagista disse: — Já acabamos, coronel. — Ela se inclinou, insinuante. — Deseja mais alguma coisa?

Eddie sacudiu a cabeça.

— Eu... ahn... — Era difícil dizer não. — Não.

A loura parecia desapontada.

— Muito bem. Sua sauna está esperando.

— Minha sauna?

— Isso mesmo. Sempre faz uma sauna depois da massagem.

A sauna estava deliciosa. Eddie ficou sentado ali, no calor do compartimento, e relaxou ainda mais.

Esta é a única maneira de viver, pensou ele. Quando eu voltar para casa, talvez construa uma sauna; farei massagens e tomarei o café da manhã na cama. Minha peça sobre o ditador será um grande sucesso. Ficarei rico. E me tornarei famoso, porque terei o papel principal.

Eddie saiu da sauna, tomou uma ducha fria e vestiu um dos melhores uniformes do coronel Bolívar.

O capitão Torres entrou no quarto.

— Tentei reduzir sua agenda ao mínimo possível, mas há duas coisas que não pude evitar. Esta manhã terá uma reunião na Sala de Petição.

— O que é a Sala de Petição?

— Uma vez por mês, o coronel Bolívar permite, generosamente, que os cidadãos que vivem no campo venham lhe relatar seus problemas, a fim de poder ajudá-los.

O rosto de Eddie se iluminou.

— É maravilhoso da parte dele fazer uma coisa assim.

— Ainda não acabei — declarou o capitão Torres. — A resposta do coronel é sempre não.

Eddie ficou perplexo.

— Então por que ele se dá a esse trabalho?

— Porque faz com que pareça um homem bom. Quantos ditadores você conhece que concordam em escutar os problemas de seu povo?

— Não muitos — admitiu Eddie.

— Como pode perceber, o coronel Bolívar é muito generoso e compreensivo. Mas sabe que se der a mão ao povo todos vão querer o braço inteiro. Por isso, é preciso mantê -lo sob controle.

— Qual é a segunda coisa na agenda?

— É uma visita ao zoológico esta tarde.

— A prisão?

— Não, o zoológico de verdade. Um novo panda está chegando, e os fotógrafos dos jornais querem tirar fotos suas com o animal. Servirá para mostrar ao povo como é humano.

— Gosto de zoológicos — comentou Eddie. — Será divertido.

— Não vai lá para se divertir, e sim para reforçar a imagem do coronel Bolívar.

A Sala de Petição era grande e se encontrava apinhada.

Havia uma cadeira dourada sobre um tablado, e o capitão Torres conduziu Eddie até lá,

dizendo.

— Não se esqueça de que todos aqui são agitadores. Só precisa dizer não. Está me entendendo?

— Claro que sim.

O capitão Torres virou-se para a multidão.

— A audiência vai começar.

Um velho mirrado adiantou-se, claudicando.

— Tenho um problema terrível, coronel. Fui internado no hospital, muito doente, não pude trabalhar, e perdi o emprego.

Não tenho dinheiro para pagar a conta do hospital. — O velho apontou para um homem parado mais atrás. — Foi ele quem me despediu, e não quer me devolver o emprego.

Eddie olhou para o homem.

— Venha até aqui.

— Pois não, coronel.

— Despediu o velho?

— Claro. Por que deveria lhe pagar alguma coisa se ele não pode mais trabalhar direito?

— Por quanto tempo ele trabalhou para você?

— Vinte anos.

— Era um bom empregado?

— Tenho de admitir que sim.

— E o despediu quando ele ficou doente?

— Isso mesmo.

— Acha que é justo?

— Nos negócios, não se pensa em justiça... apenas nos lucros.

Eddie virou-se para o velho.

— Sente-se bastante bem para voltar ao trabalho agora?

— Sim, senhor. O médico disse que estou bem.

Eddie olhou para o patrão.

— Quero que torne a contratar esse homem, pague o salário a que ele faria jus enquanto esteve doente, e assuma as suas contas de hospital.

O homem ficou aturdido, mas conseguiu balbuciar: — Está bem, coronel.

— O capitão Torres olhava furiosos para Eddie.

— Coronel!

Eddie fitou-o, com um ar de inocente.

— O que é? Queria dizer alguma coisa, capitão?

— Eu... ahn... não, senhor.

— Então vamos continuar.

O caso seguinte era de uma esposa que levava surras constantes do marido. Este levantou-se e declarou: — É minha esposa, e posso fazer com ela o que bem quiser.

Afinal, eu lhe dou casa e comida.

— E o que ela faz por você? — perguntou Eddie. — Limpa sua casa?

— Limpa.

— Cozinha as suas refeições?

— Cozinha.

— Vocês têm filhos?

— Três crianças.

— E ela cuida das crianças?

— Cuida.

— Portanto ela dá sua cota justa de trabalho. — Eddie inclinou-se para a frente. — Se eu souber que você a espancou de novo, irá para a masmorra.

O homem tremia agora.

— Oh, não, senhor... isto é, prometo que nunca mais baterei nela.

— Ótimo. Vamos para o próximo caso.

O capitão Torres estava quase apoplético.

— Coronel!

— Por que não vai dar uma volta? — disse-lhe Eddie. — Posso cuidar sozinho de tudo aqui.

A audiência prolongou-se por três horas.

Foram apresentadas dezenas de queixas, e Eddie providenciou sempre para que o mais fraco tivesse justiça. Os algozes eram repreendidos e obrigados a pagar pelo que haviam feito.

Enquanto ouvia o ator, o capitão Torres pensou: Óleo fervendo é bom demais para ele. Pensarei em algo mais doloroso.

À tarde, houve a visita ao zoológico. Havia uma dúzia de fotógrafos e equipes de televisão para registrar a visita do coronel Bolívar ao novo panda, que acabara de chegar da China.

Eddie se impressionou com o tamanho do zoológico. Havia jaulas com leões, tigres e panteras. Havia elefantes e focas, lindas aves emplumadas em gaiolas.

— É um grande zoológico — comentou Eddie para o capitão Torres. — o povo deve se divertir muito ao visitá-lo, O capitão Torres mostrou-se surpreso.

— O povo?

— Isso mesmo.

O capitão explicou: — O povo não tem permissão para entrar aqui. Este é o seu jardim zoológico particular.

— O quê? — Eddie estava chocado. — Quer dizer que ninguém mais pode entrar aqui?

— Apenas o coronel e seus amigos.

— Isso não é certo. Vamos mudar imediatamente.

— Por favor, coronel, eu lhe suplico...

Era tarde demais. Eddie virou-se para os repórteres.

— Quero anunciar que daqui por diante este zoológico estará aberto ao público. Qualquer um poderá entrar aqui, e não será cobrado ingresso.

— Mas isso é maravilhoso! — exclamaram os repórteres.

— Trarei meus filhos amanhã.

— Minha mãe e meu pai sempre desejaram conhecer este zoológico.

— Podemos tirar uma foto sua com o panda, coronel?

— Claro.

— Não chegue muito perto. Esses ursos podem ser graciosos, mas também são perigosos.

Câmaras espocaram, enquanto Eddie postava-se diante da jaula dos pandas. Os repórteres seguiram-no enquanto ele visitava outros animais. Tiraram centenas de fotos.

Havia dois homens à beira da multidão usando uniformes de funcionários do zoológico. Um era Juan, e o outro se chamava Hector.

— Já sei como vamos matá-lo — sussurrou Juan.

— Como?

— A cova das serpentes. Está cheia de serpentes venenosas, inclusive uma naja. Sua mordida acarreta morte instantânea.

— Não há a menor possibilidade de fazermos o coronel chegar perto da naja.

— Nem vamos tentar.

— E o que faremos então?

— Levaremos a cobra para ele. Providenciarei para que a ponham em sua cama esta noite. No instante em que ele se deitar, a naja o atacará. O coronel terá morte instantânea.

— E uma idéia brilhante. Podemos entrar no palácio?

— Meu primo é técnico da companhia telefônica. Vestirei seu uniforme e direi que o telefone do quarto do coronel tem um defeito. Levarei a cobra na bolsa de ferramentas. Voltaremos aqui esta noite para pegá-la.

Tarde da noite, Juan e Hector pularam o muro do zoológico.

Carregavam uma bolsa de lona da companhia telefônica e uma vara comprida, com uma forquilha na extremidade. Entraram no recinto em que ficavam as cobras. A naja dormia num canto. Juan foi até lá, imobilizou-a com a forquilha e meteu-a na bolsa de lona.

— Vamos sair logo daqui antes que alguém nos descubra — sussurrou Hector.

Uma hora depois, Juan apresentou-se no portão do palácio.

Usava o uniforme da companhia telefônica e carregava a bolsa de lona.

— O que você quer? — perguntou o guarda.

— Sou da companhia telefônica. O coronel Bolívar informou que o telefone do seu quarto está com defeito.

O guarda coçou a cabeça.

— Estranho... Ninguém nos disse nada a respeito.

— O coronel lhes conta tudo? — indagou Juan.

— Claro que não. Mas precisa ter um passe para entrar. Juan deu de ombros.

— Tudo bem. Basta avisar ao coronel que não poderei consertar seu telefone.

Ele começou a se afastar.

— Espere aí! — O guarda não queria ser o responsável por não terem consertado o telefone do coronel Bolívar. — Acho que não tem problema. Pode entrar.

— Obrigado.

— Vou mostrar o caminho para o quarto.

O guarda acompanhou Juan pelo corredor até a porta do quarto.

— O coronel não está aqui neste momento. Pode entrar e consertar o telefone. Mas não demore.

— Não se preocupe — respondeu Juan.

Ele esperou até o guarda se afastar, depois entrou e fechou a porta. Depois de colocar a bolsa de lona na cama, abriu -a. A naja parecia dormir, mas Juan não queria correr qualquer risco. Usou a forquilha para retirá-la da bolsa e deixá-la ao pé da cama, cobrindo-a com uma manta para que não fosse vista. No momento em que o coronel Bolívar deitasse e estendesse os pés, a cobra o atacaria.

Finalmente conseguirei matá-lo, pensou Juan, feliz. Amador voltará a ser um país livre.

Fechou a bolsa de lona, saiu do quarto e foi andando pelo corredor.

— Já consertou o telefone? — perguntou o guarda.

— Era um problema pequeno e não deu muito trabalho.

Na verdade, pensou Juan, foi um grande problema o que resolvi.

Eddie sentia-se cansado. Fora um dia longo. Estava feliz por ter podido ajudar todas as pessoas na Sala de Petição, e por abrir o jardim zoológico à visitação de todos os cidadãos de Amador. E

agora se encontrava pronto para uma boa noite de sono.

Entrou em seu quarto e começou a se despir. Houve uma batida na porta.

— Quem é?

Uma voz suave respondeu:

— Sou eu, querido.

A porta foi aberta, e a amante do coronel Bolívar entrou.

Usava um negligê transparente.

— Desculpe ter sido grosseira com você, Ramón, mas eu me sentia magoada. Sabe o quanto quero casar com você.

— Também peço desculpas — disse Eddie. — O coronel Bolívar... isto é, amo minha esposa, e não vou me divorciar.

— Eu compreendo, Ramón, e aceito essa situação.

A amante chegou mais perto da cama.

— O que está fazendo? — perguntou Eddie.

— Quero passar uma última noite com você; depois, nunca mais tornarei a importuná-lo.

Ela mantinha uma das mãos nas costas, empunhando a adaga com que mataria o coronel. Se não podia ter o homem que amava, não deixaria que ele pertencesse a outra mulher.

Meteu-se na cama.

— Não pode fazer isso! — protestou Eddie.

Mas já era tarde demais. Ela se enfiou por baixo das cobertas e sussurrou:

— Venha para a cama, querido. Lembre-se como pode ser maravilhoso...

Eddie se adiantou.

— Terá de sair daqui. Não teve uma boa idéia.

Ele se abaixou para puxá-la da cama. Neste momento, a mulher ergueu a adaga e mirou seu coração. Antes que pudesse desferir o golpe, no entanto, seu pé roçou na naja e ela sentiu uma mordida na perna. Soltou um grito.

— O quê...

E morreu no instante seguinte. Eddie ficou incrédulo. — Acorde!

A mulher não se mexeu.

— Socorro!

A porta foi aberta, e o capitão Torres entrou correndo.

— O que aconteceu? — indagou ele. — O que você...

E foi então que ele viu a mulher morta na cama.

— Por Deus, você matou a amante do coronel Bolívar!

— Não fui eu! — exclamou Eddie, indignado.

O capitão Torres virou-se para Eddie.

— O que ela fazia em sua cama?

— E difícil explicar...

— Não precisa explicar nada. E óbvio. Fez amor com ela e depois a matou.

— Não foi nada disso!

— Como poderei dar a notícia ao coronel Bolívar? Ele era louco por essa mulher. Ia casar com ela.

— Eu não tinha certeza disso.

— Como?

— Nada.

— Quando eu contar ao coronel, ele vai querer acabar com você.

— O coronel continua no hospital?

— Continua.

— Talvez ele morra — murmurou Eddie, esperançoso.

O capitão Torres exibiu um sorriso frio.

— Não, não será ele quem vai morrer.

Capítulo Dez

— Precisamos tirar o corpo daqui — disse o capitão Torres.

Ele puxou as cobertas e viu a cobra. Sacou sua pistola e matou-a.

Eddie contemplava a naja, chocado. O capitão virou -se para ele.

— Então foi assim que você a assassinou. Usou uma cobra venenosa.

— Não fiz nada disso! — protestou Eddie. — Nem mesmo sabia que havia uma cobra aqui!

— Não? Pois explique como uma cobra do zoológico veio parar em sua cama.

— Eu... não sei. Juro que não...

— Não acredito em você — declarou o capitão Torres. — E mais importante ainda: o coronel Bolívar também não vai acreditar. Espere aqui. Não se mexa. Entendido?

— Entendido.

O capitão saiu do quarto, apressado.

Eddie continuou parado ao lado da cama, olhando para o cadáver da linda mulher.

Eu a matei?, especulou ele. A culpa foi minha? Talvez tenha sido a maneira que ela escolheu para cometer suicídio.

Ele viu a adaga na cama. Talvez ela tencionasse se matar com a adaga.

O capitão Torres voltou em poucos minutos, acompanhado por dois guardas do palácio. Apontou para a amante do coronel Bolívar e disse: — A pobre moça sofreu um colapso cardíaco... tão jovem...

Quero que tirem o corpo daqui e o levem para um dos quartos de hóspedes. Vamos deixá-lo lá, até que o coronel Bolívar...

Ele se conteve a tempo e virou-se para Eddie.

— ... até que o senhor decida o que fazer com ela.

— Certo — disse Eddie. — Pensarei a respeito.

Os guardas pegaram o corpo e o tiraram do quarto.

— Por que não fazemos um funeral de Estado? — sugeriu Eddie. — Podemos ter uma grande cerimônia na praça, e...

— Cale essa boca! — berrou o capitão Torres. — Isso nada tem a ver com você. Não é o coronel Bolívar. Quer meter isso na cabeça? Não passa de um ator, desempenhando um papel.

— Sei disso. Apenas fiz uma sugestão que...

— Não quero mais ouvir suas sugestões. Mais do que isso, daqui por diante quero que se mantenha sempre de boca fechada.

O capitão Torres estava apoplético.

— Não há motivo para ficar tão nervoso — murmurou Eddie.

— Você acaba de assassinar a amante do ditador. Matou a mulher com quem ele ia casar. Mas nada disso é da sua conta.

Quer meter essa idéia na cabeça? Você não tem nada a ver com isso!

— Apenas pensei...

— Pois pare de pensar!

O capitão Torres respirou fundo para se controlar e acrescentou: — Daqui por diante,

deixe que eu pense por você. Falei bem claro?

— Sim, senhor.

Fitando Eddie, o capitão pensou: Como um homem pode acarretar tantos problemas para um país em tão pouco tempo?

— Eu já volto — disse o capitão Torres.

Pela primeira vez, Eddie Davis começou a perceber como era grande a encrenca em que se metera. Agora, estava send o culpado pela morte da amante do ditador.

Tenho de sair daqui, pensou ele. Não me importa mais se o coronel Bolívar voltará ou não ao palácio. O perigo para mim é muito grande.

Mas ele não queria ir embora sem concluir sua peça. Sentia -

se muito animado porque sabia que seria um grande sucesso.

Já está quase pronta, refletiu Eddie. Devo concluí-la à tarde.

Ele trancou a porta do quarto e começou a trabalhar no último ato.

Ao meio-dia, houve uma batida na porta. — Quem é?

— E o seu almoço, coronel.

Eddie já ia abrir a porta, quando pensou: E se eles tentarem me envenenar?

Sentia a maior fome, mas teve medo de comer. — Não estou com fome. Avisarei quando quiser comer alguma coisa.

— Pois não, coronel.

Eddie voltou à máquina de escrever e bateu:

Houve uma batida na porta. —Quem é?, perguntou ele.

Uma voz suave respondeu: — Sou eu, querido.

A porta foi aberta, e a amante do coronel Bolívar entrou. Usava um negligê transparente.

— Desculpe ter sido grosseira com você, Ramón, mas eu me sentia magoada. Sabe o quanto quero casar com você.

E ele disse: —Também peço desculpas. O coronel Bolívar... isto é, amo minha esposa, e não vou me divorciar.

Eddie passou a datilografar cada vez mais depressa. O público vai adorar esta cena, pensou ele.

Parou quando chegou à parte da cobra. Não tinha idéia de como a cobra viera parar na cama. Talvez a cobra tenha entrado pela porta do jardim, refletiu. E isso mesmo! Alguém deve ter deixado a porta aberta, e a cobra entrou.

Excitado, ele recomeçou a escrever.

Por volta de seis horas da tarde, já concluíra o último ato.

Leu tudo de novo. Ficou ótimo, pensou Eddie, feliz. Tenho de mandar uma cópia para Johnson imediatamente. Mas como vou fazer para que ele a receba?

Então Eddie se lembrou de como remetera os dez mil dólares para Mary. Pegou o telefone e ligou para a torre do aeroporto.

— Torre de controle de voo.

— Aqui é o coronel Bolívar. Meu piloto particular está aí?

— Está, sim, coronel. Um momento, por favor.

O piloto entrou na linha.

— Boa noite, coronel. Em que posso ajudá-lo?

— Quero que venha ao palácio. Tenho um serviço para você.

— Já estou indo, coronel.

Eddie desligou.

O piloto apareceu quinze minutos depois.

— Boa noite, coronel.

— Boa noite.

— Entreguei sua carta. A dona pareceu muito satisfeita ao recebê-la.

— Obrigado. Quero que faça outra entrega para mim.

— Será um prazer, coronel.

Eddie entregou-lhe o texto da peça, dentro de um envelope, no qual escrevera o nome e o endereço de Johnson.

— Aqui está. É muito importante. Não deixe que nada aconteça com esta encomenda.

— Não se preocupe, coronel. Partirei imediatamente. Ele a receberá pela manhã.

— Ótimo.

O piloto encaminhou-se para a porta.

— Ótimo.

— Espere um instante.

O piloto virou-se.

— O que é, senhor?

Eddie tinha o pressentimento de que o capitão Torres não permitiria que ele deixasse o país vivo, ainda mais depois do que acabara de acontecer.

— Talvez eu faça uma pequena viagem daqui a um ou dois dias — declarou Eddie. — Gostaria que mantivesse o avião de prontidão, à minha espera.

— Claro, coronel. Avisarei ao capitão Torres...

— Não! — interrompeu-o Eddie. — Não conte nada a ninguém. E uma missão oficial sigilosa.

— Certo, coronel.

— Só nós dois podemos saber. Eu o avisarei assim que precisar do avião.

— Ficarei esperando, coronel.

— Isso é tudo.

Eddie observou o piloto se retirar, pensando: O texto da peça já se encontra a caminho. Espero que Johnson goste.

Ele telefonou para Mary.

— Oh, Eddie, não sabe como me sinto contente por você ter ligado! Aconteceu a coisa mais estranha ontem.

— O que foi?

— Um piloto militar esteve aqui e me entregou um envelope com o dinheiro que você mandou. Por que um piloto militar faria isso?

Uma boa pergunta. Como ele podia responder?

— Posso explicar.

Eddie pensava depressa.

— Por quê?

— Não era um piloto militar, mas um ator.

— Ele me pareceu um piloto de verdade.

— Porque é um ótimo ator. Participou de uma peça em Amador, no final da temporada, ia voltar a Nova York, e lhe pedi que entregasse o dinheiro. Não acha que foi muita gentileza?

— Foi, sim.

— Há mais dinheiro chegando — anunciou Eddie. — Recebi outro adiantamento.

Mary ficou emocionada.

— Deve estar fazendo o maior sucesso em seu papel!

— É isso mesmo.

— Querido, estará aqui quando o bebê nascer, não é?

— Nada poderia me impedir de estar — assegurou Eddie. — Dentro de poucos dias, meu bem, estarei a caminho de Nova York.

Se não me matarem primeiro.

Às oito horas daquela noite, o capitão Torres foi ao quarto de Eddie.

— Vamos jantar — disse ele.

— Não estou com fome. Eu...

— Não me importa se está ou não com fome. Tem de aparecer. As pessoas devem vê-lo.

— Está bem.

Foram para a imensa sala de jantar do palácio e sentaram à mesa comprida. Havia uma dúzia de outras pessoas, todas muito importantes, no governo e nos negócios. Foi servida uma sopa deliciosa, depois um pilaf de galinha e uma ampla variedade de sobremesas. Mas Eddie teve medo de comer qualquer coisa.

— Não está comendo — murmurou o capitão Torres.

Eddie pôs a mão no estômago.

— Estou meio indisposto.

O cheiro apetitoso da comida o levava à loucura. Não posso continuar assim por muito mais tempo, pensou Eddie.

O jantar pareceu se prolongar por toda uma eternidade. Só às onze horas da noite é que todos pararam de comer. Eddie levantou-se.

— Acho que vou me deitar agora — disse ele. — Boa noite a todos.

Os outros também se levantaram.

— Boa noite, coronel Bolívar.

Eddie voltou para o seu quarto. Olhou para o relógio e calculou a que horas Johnson receberia a peça. Espero que ele goste, pensou Eddie. Se for um sucesso, ganharei uma fortuna.

Mary e eu nunca mais teremos de nos preocupar com dinheiro.

O que mais animava Eddie era a perspectiva de estrelar a peça. Eu me tornarei o maior astro da Broadway, pensou ele. E o mais divertido é que estarei representando a mim mesmo, e ninguém jamais saberá.

Ele pensou em todos os produtores e diretores que o haviam rejeitado ao longo dos anos. Agora passariam a procurá -lo, suplicando que aceitasse papéis em suas peças, filmes e programas de televisão.

Começou a sentir sono, mas não queria deitar na mesma cama em que a amante do coronel Bolívar fora morta. Assim, enroscou-se num cobertor e deitou-se no pequeno sofá, adormecendo às três horas da madrugada.

O capitão Torres estava no hospital, visitando o coronel Bolívar. O coronel parecia muito

mais forte, e anunciou: — Já estou quase pronto para voltar ao palácio. — Ele esfregou as mãos. — Mal posso esperar.

O capitão Torres respirou fundo.

— Infelizmente, coronel, tenho uma má notícia.

— Mais uma? O que você fez agora?

— Não fiz nada. Foi o ator. Ele matou sua amante.

O ditador empalideceu.

— Ele... a matou?

— Isso mesmo, coronel. Usou uma naja.

O coronel arriou na cama.

— Não acredito. Por que ele...

— Não sei, coronel. Estavam juntos na cama.

O coronel levantou-se de um pulo.

— Aquele ator levou minha amante para a cama? Impossível! Ela nunca iria dormir com um ator!

— Não sabia que tinha ido para a cama com ele, coronel. Pensava que era o senhor.

— Como ela podia ir para a cama comigo? Fiquei aqui durante todo o tempo! — Ele fez uma pausa. — Ah, já entendi. Muito bem, providenciarei para que ele tenha mil mortes.

— E o que também estou pensando, coronel.

Eddie esperou até a tarde seguinte antes de ligar para Johnson. A secretária atendeu: — Escritório do Sr. Johnson.

— Aqui é Eddie Davis. Ele pode...

— Sr. Davis! O Sr. Johnson o tem procurado por toda parte. Por que não deixou um número onde pudéssemos encontrá -lo?

Como ele podia explicar que estava instalado no palácio do ditador de Amador? Como podia explicar que era o ditador de Amador?

— É difícil me localizar — disse Eddie. — Vivo me deslocando de um lugar para outro.

— Só um instante. Vou transferir a ligação para o Sr. Johnson.

Johnson entrou na linha, e sua voz transbordava de excitamento.

— Onde você está, Eddie?

— Ainda em Amador. Teve a oportunidade de ler minha peça?

— Se tive a oportunidade de ler sua peça? Por Deus, Eddie, você é um gênio!

— Quer dizer que gostou?

— Se gostei? E brilhante! E já a vendi!

— Fala sério?

— Nunca falei mais sério em toda a minha vida. Tom Burke, o mais importante diretor da Broadway, quer dirigi-la.

Eddie quase soltou um grito de alegria.

— Mas isso é sensacional!

— Ele disse que é a peça mais original que já leu em muitos anos. Um ator personificando um ditador, e governando um país! Como teve essa idéia?

— Ocorreu-me de repente.

— O Theatre Guild vai produzir, Tom Burke vai dirigir, e prometo que você se tornará o maior sucesso da Broadway.

Era como um sonho que se convertia em realidade. Tudo que Eddie sempre desejara agora começava a acontecer.

— E eu vou estrelá-la — disse Eddie.

Houve um momento de silêncio.

— Providenciarei uma audiência sua com Burke. Ele decidirá.

Eddie sabia que não teria problemas sobre sua adequação à peça. Afinal, ele era o personagem.

— Tenho cem mil dólares adiantados pela peça, e ainda consegui grandes royalties.

— Sensacional! — exclamou Eddie. — Pode mandar o dinheiro para Mary?

— Claro. Quando vai voltar? Eles querem começar os ensaios imediatamente.

Eddie pensou um pouco. Mary o esperava, o bebê nasceria a qualquer momento, e ele tinha uma peça entrando em ensaio.

— Partirei amanhã.

Era uma decisão da maior importância. E se o coronel Bolívar morresse no hospital, e quisessem que Eddie ficasse para sempre? E se tencionassem matá-lo? E se o prendessem na masmorra pelo resto de sua vida?

— Isso é ótimo — disse Johnson. — Não tenho palavras para descrever como todos ficaram encantados com sua peça. Não sabia que você era capaz de escrever uma coisa assim. Aquela cena em que luta contra o touro... como é mesmo o nome... ah, sim, El Negro... é verdadeiramente magistral.

— Ficou boa, não é?

— E a cena do paraquedas, em que foi salvo pelo capitão Torres... todos adoraram. Esse capitão Torres é um personagem e tanto. Um cara terrível, não é?

— Mais do que isso.

— Também adorei a cena em que o ator ajudou os órfãos e camponeses. Que imaginação você tem! Quase que pude vê-la acontecendo.

— Eu também a vi — comentou Eddie.

Ao desligar, Eddie era o homem mais feliz do mundo.

Amanhã estarei voltando para Nova York, pensou ele.

No hospital, o coronel Bolívar dava ordens ao capitão Torres: — Apronte a masmorra. Cuide para que todo o equipamento esteja lá, ferros em brasa, chicotes, facas. Vamos matá-lo centímetro por centímetro.

O capitão Torres sorriu.

— Será maravilhoso!

Num porão no outro lado da cidade, Juan e seu grupo de rebeldes estavam reunidos. Havia uma dúzia de homens ali, todos determinados a livrarem Amador de seu ditador. Encontravam-se todas as semanas para planejar meios de liquidá-lo, mas até agora ele conseguira escapar.

— Tenho um plano que não pode sair errado — anunciou Juan. — Amanhã é o Dia Nacional do Exército. Há sempre uma grande parada, e o ditador faz um discurso na praça principal. Teremos doze atiradores espalhados por diversos pontos da praça. Bolívar ficará na plataforma, exposto. Não há poss ibilidade de todos errarem. Quando eu der o sinal, atirarão ao mesmo tempo.

— Brilhante!

— Alguns de nós morrerão — acrescentou Juan —, mas ele morrerá primeiro. Valerá a pena. Amanhã será o dia da morte do ditador.

Capítulo Onze

Era o dia da Grande Fuga. Hoje eu volto para casa, decidiu Eddie. Amador terá de continuar sem a minha presença.

Ele pegou o telefone e ligou para a torre de controle do aeroporto.

— Torre de controle.

— Aqui é o coronel Bolívar.

— Pois não, coronel.

Eddie quase podia ouvir o homem assumir posição de sentido.

— Quero falar com meu piloto.

— Um momento, por favor, senhor.

O piloto entrou na linha.

— O que deseja, coronel?

— Voarei para Nova York hoje. Providencie para que meu avião esteja abastecido.

— Certo, senhor. A que horas vai partir?

Eddie olhou para o relógio. Eram seis horas da manhã. Todos no palácio deviam estar dormindo.

— Imediatamente. Já estou de saída para o aeroporto.

— Certo, senhor.

Eddie desligou. Deu uma última olhada ao redor. Sentirei saudade de tudo isto, pensou. O quarto enorme, o café da manhã na cama, massagens e saunas. Mas quando minha peça se tornar um grande sucesso poderei ter tudo isso em Nova York.

Ele foi até a porta e abriu-a sem fazer barulho. Não havia ninguém no corredor. Saiu do quarto e se encaminhou para a porta da frente, andando na ponta dos pés para não acordar ninguém. Quase alcançara a porta, quando o capitão Torres apareceu.

— Aonde pensa que vai?

Eddie teve um sobressalto.

— Como?

— Aonde pensa que vai?

— A lugar nenhum. Só ia dar uma volta.

— A esta hora?

— Gosto de passear de manhã bem cedo.

— Volte para o seu quarto.

O capitão Torres não tinha a menor intenção de permitir que o ator sumisse de sua vista.

— Eu só queria...

— Volte para o seu quarto!

— Se é assim que você quer...

Eddie virou-se e voltou para o quarto. O capitão Torres continuou parado ali por um momento, depois foi falar com o chefe da guarda do palácio.

— Tenho uma missão especial para você — disse ele. — Receio que alguém esteja tentando assassinar o coronel. Quero dois homens vigiando a porta de seu quarto, e devem acompanhá-lo aonde quer que vá. Não podem perdê-lo de vista por um instante sequer. Entendido?

— Claro, senhor. Tomarei providências imediatas.

— Ótimo.

Não havia agora a menor possibilidade de Eddie escapar.

Afinal, hoje era o dia em que ele morreria.

Ao voltar para o seu quarto, Eddie pensou: Esperarei alguns minutos e tentarei de novo. Queria dar tempo para o capitão Torres retornar à sua cama.

Depois de quinze minutos, ele tomou a abrir a port a do quarto, cauteloso. Deparou com dois guardas enormes, armados com metralhadoras.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou Eddie.

— Temos ordens para protegê-lo, coronel. Devemos acompanhá-lo aonde quer que vá.

— Ahn... — Eddie não conseguiu pensar em nenhum argumento em contrário. — Obrigado.

Tomou a fechar a porta e pensou: Vou escapar pelo jardim.

Abriu a porta para o jardim e deparou com mais dois guardas, também armados com metralhadoras.

— Bom dia, coronel.

— Bom dia — respondeu Eddie.

Ele voltou para o quarto, fechando a porta. Tenho um problema, pensou.

Pegou o telefone e discou para a torre do aeroporto.

— Torre de controle.

— Aqui é o coronel Bolívar. Quero falar de novo com meu piloto.

O piloto veio atender.

— Pois não, coronel?

— Talvez eu me atrase um pouco. Mantenha o avião preparado.

— Certo, senhor.

Eddie desligou. Como vou sair dessa?

No hospital, o capitão Torres conversava com o coronel Bolívar, que, bastante animado, comunicou: — O médico disse que posso deixar o hospital hoje.

— Que grande notícia!

— Farão alguns exames e me darão alta ao final da tarde. O capitão Torres franziu o rosto.

— E importante que volte ao palácio até meio-dia.

— Por quê?

— Não se lembra, senhor? Hoje é o Dia Nacional do Exército. Sempre faz um discurso ao meio-dia.

O coronel Bolívar franziu o rosto.

— É verdade.

Ele tocou a campainha para chamar o médico, a quem declarou:

— Tenho de deixar o hospital esta manhã.

O médico sacudiu a cabeça.

— Não pode sair até completarmos os exames que iniciamos, coronel. Dependemos deles

para prescrever sua medicação. Caso contrário, pode ter uma grave recaída.

O coronel Bolívar olhou para o capitão Torres e depois insistiu:

— Não há a menor possibilidade de eu...

O médico interrompeu-o:

— Sinto muito, mas não há. Os exames vão demorar quatro horas. Mas poderá voltar ao palácio de tarde.

— Está bem. Obrigado, doutor.

O médico se retirou.

— Onde se encontra o ator neste momento? — indagou o coronel.

— Deixei-o sob vigilância. Ele não pode escapar.

— Muito bem. Quero-o na masmorra esta noite.

— E o discurso? — perguntou o capitão Torres.

— Você o escreveu?

— Claro.

— Pois então mande-o ler. Assim que ele acabar, mande seus homens levarem-no de volta para o palácio e prenda-o na masmorra. Não o perca de vista em hipótese alguma.

— Pode deixar comigo.

Eddie continuava em seu quarto, tentando imaginar como escaparia, quando o capitão Torres entrou.

— Como está o coronel Bolívar? — perguntou ele.

O capitão Torres sacudiu a cabeça.

— O pobre coitado não vai nada bem — mentiu ele. — Parece que você terá de bancar o ditador por mais algum tempo.

Eddie fingiu satisfação pela notícia.

— Mas isso é maravilhoso! Não pode imaginar como estou me divertindo.

— Não está pensando em voltar para casa, não é?

— Claro que não — garantiu Eddie. — Tenho me divertido demais aqui.

— Ainda bem. Terá mais alguma diversão hoje. Há uma parada militar e um grande comício. Milhares de pessoas estarão na praça principal, e terá de fazer um discurso.

— Não sou bom em discursos — alegou Eddie.

— Esse será bem simples, já o escrevi para você.

Ele entregou algumas folhas de papel a Eddie.

— Leia com atenção. Virei buscá-lo pouco antes de meio-dia. — O capitão fitou-o nos olhos. — Se quiser dar uma volta, os guardas o acompanharão.

Eddie sorriu, desanimado.

— E muita gentileza sua, capitão.

— O prazer é todo meu. Memorize o discurso.

Eddie olhou pela porta do jardim. Os dois guardas conti -

nuavam ali. Ele sabia que também havia guardas na outra porta.

Não podia imaginar nenhuma maneira de escapar. Estava acuado.

Eu gostaria de contar com um escritor para me ajudar a descobrir uma saída, pensou Eddie.

Pegou o discurso que o capitão Torres lhe entregara e começou a ler, em voz alta: — Meu amado povo, estamos aqui hoje para homenagear nosso grande exército. Durante anos, esses

bravos homens nos protegeram de nossos inimigos...

Que inimigos?, especulou Eddie.

— Há muitos que gostariam de destruir nosso grande país, mas os soldados de Amador sempre guardaram nossos portões no passado e continuarão a nos proteger no futuro.

Mas do que ele está falando?, perguntou-se Eddie. Só há uma pessoa tentando destruir Amador; o próprio coronel Bolívar.

Ele leu o resto do discurso, e era todo no mesmo teor.

Esses homens têm muita desfaçatez, pensou Eddie. Tentam enganar a todos. O verdadeiro propósito do exército é manter os cidadãos de Amador sob controle.

Eddie não queria fazer o discurso, mas sentia que não tinha opção.

Poucos minutos antes de meio-dia, a porta do quarto de Eddie foi aberta, e o capitão Torres entrou.

— Estamos prontos para sair — anunciou ele. — Já memorizou o discurso?

Eddie acenou com a cabeça.

— Já, sim.

— Ótimo.

Será o último discurso que fará, pensou o capitão Torres.

Não, não é verdade. Ele vai fazer mais um, suplicando ao coronel Bolívar por sua vida.

Os dois começaram a percorrer o corredor, acompanhados pelos guardas armados. Eddie entrara em pânico e só pensava em como conseguiria alcançar o avião.

O aparelho esperava-o na pista do aeroporto, o tanque cheio de combustível para levá-lo até Nova York, e ele se encontrava aqui, cercado por guardas. Tem de haver uma saída, pensou Eddie. Por mais que tentasse, porém, não conseguia atinar com a solução.

Num porão na beira da cidade, Juan distribuiu armas automáticas para seus companheiros de conspiração.

— Hoje teremos êxito — assegurou ele. — Bolívar falará de um palanque no meio da praça, cercado por vidro à prova de bala.

— Então como vamos atingi-lo? — indagou um dos homens.

Juan sorriu.

— Ontem à noite, alguns dos nossos homens removeram o vidro à prova de balas e o substituíram por vidro comum. Ele ficará no palanque sem qualquer proteção.

— Sensacional!

— Não falharemos desta vez.

Juan acrescentou:

— Não se esqueçam de uma coisa: quando eu der o sinal, todos devem atirar ao mesmo tempo. Ficarão em diferentes pontos da praça, não muito longe do coronel. Assim, se um errar, os outros o acertarão.

— Qual é o sinal?

— Tirarei este lenço vermelho do bolso e enxugarei a testa.

No instante em que encostar o lenço na testa, levantem suas armas e comecem a atirar. Entendido?

— Entendido.

— Ótimo. Fiquem olhando para mim. Esperarei pelo mo -

mento certo. Sairemos daqui um de cada vez. Tomaremos a nos ver na praça.

Juan observou-os saírem e pensou: Finalmente chegou o grande dia. Daqui a pouco, o coronel Bolívar estará morto.

Eddie e o capitão Torres embarcaram numa limusine e seguiram para a vasta praça principal. Mesmo antes de chegarem lá, Eddie já podia ouvir o barulho da multidão. Operários, estudantes, cidadãos comuns, todos se postavam de pé ao sol quente, esperando para ouvir o discurso do ditador.

— Veja que multidão — comentou o capitão Torres. — Todos amam o coronel Bolívar.

Ele não contou a Eddie que a multidão se encontrava ali porque a isso fora obrigada, sob ameaça de morte.

Tinha sido armado um palanque para o ditador no meio da praça.

— Suba os degraus — mandou o capitão Torres.

Eddie subiu. Todo o palanque era cercado de vidro.

— E vidro à prova de bala — explicou o capitão Torres. — Portanto, não precisa se preocupar.

Eddie estava preocupado, mas não com o vidro. Sua preocupação era como encontrar um meio de chegar ao avião.

O discurso duraria cerca de uma hora. Eddie não tinha como saber que seria levado para a masmorra assim que acabasse, mas um presságio assustador o dominava. O capitão Torres tornara -se de repente muito simpático, e Eddie não confiava nele.

O capitão Torres adiantou-se até o microfone, e a multidão se calou no mesmo instante.

— Meus concidadãos — disse ele —, é com imenso prazer que vejo todos reunidos aqui hoje para homenagear não apenas nosso bravo exército, mas também nosso grande ditador, coronel Ramón Bolívar.

Os soldados na multidão bateram palmas. Ninguém mais aplaudiu.

— Nós, cidadãos de Amador, somos afortunados por termos um líder tão extraordinário, um homem que vê a si mesmo como o protetor de seu povo.

Mais aplausos dos soldados.

— E agora, senhoras e senhores, é com prazer que passo a palavra ao nosso grande ditador, coronel Ramón Bolívar!

Ele deu um passo para o lado e indicou o microfone a Eddie.

Eddie tinha o discurso na mão. Memorizara a maior parte.

— Cidadãos de Amador, estamos aqui hoje para homenagear nosso grande exército. Durante anos, esses bravos homens nos protegeram de nossos inimigos. Há muitos que gostariam de destruir nosso grande país, mas os soldados de Amador sempr e guardaram nossos portões no passado e continuarão a nos proteger no futuro.

Eddie hesitou, mas prosseguiu na leitura: — Temos de admitir que, infelizmente, há alguns indivíduos em nosso meio, arruaceiros, que não reconhecem o grande país em que vivemos. Por esse motivo, tem sido necessário restringir algumas das liberdades de que nosso povo desfruta. Liberdade demais pode ser algo perigoso, pois permite que todos os fanáticos se manifestem e protestem contra coisas que não devem ser mudadas.

Mas quanta mentira!, pensou Eddie. É repulsivo.

Na praça, Juan olhou ao redor para se certificar de que todos os seus homens já haviam tomado as posições devidas. Todos estavam prontos. Tirou o lenço vermelho do bolso.

Eddie continuou a falar: — E muito melhor ter um homem que se preocupa com o povo,

como eu, do que ter um Congresso cheio de homens brigando para decidir que leis são boas ou más para o povo. Eu decido quais são boas, e sempre penso apenas em vocês.

Juan ergueu o lenço vermelho e aproximou-o da testa. Seus homens espalhados entre a multidão observavam. Estenderam as mãos para as armas escondidas nas roupas.

Isso é terrível, pensou Eddie. Não posso fazer uma coisa assim com esse povo.

Ele baixou as folhas.

— Por outro lado, não creio que seja certo que um homem só tente dizer a todos os outros o que é bom para eles...

O lenço vermelho de Juan quase alcançara a testa. Seus homens começavam a sacar as armas.

— ... acho que o povo deve ter a oportunidade de decidir por si mesmo.

O lenço vermelho se encontrava a dois centímetros da testa de Juan, quando ele resolveu prestar atenção ao que Eddie dizia.

A mão parou em pleno ar.

— Daqui por diante, não haverá mais ditadura. Vamos realizar eleições livres.

Juan não podia acreditar no que ouvia. Baixou a mão com o lenço.

O capitão Torres olhava aturdido para Eddie, o sangue se esvaindo por completo de seu rosto.

O povo começou a aplaudir.

— Eleições livres! — gritou Eddie. — Todos terão o direito de votar!

Os aplausos aumentaram ainda mais.

— Neste momento — continuou Eddie —, estou renunciando ao cargo de ditador de Amador e entregando o país ao povo!

O capitão Torres sentiu que ia desmaiar.

A multidão gritava agora, histérica de alegria. Várias pessoas correram para o palanque, pegaram Eddie e começaram a carregá-lo pela praça em seus ombros.

— Eu devia tê-lo matado antes! — lamentou-se o capitão Torres. — Agora, ele nos destruiu!

A multidão se afastava com Eddie, e o capitão Torres estava prestes a perdê-lo de vista.

— Sigam-no! — ordenou ele aos guardas. — Não o deixem escapar!

Mas a multidão era tão compacta que os soldados não conseguiram passar. No final da praça, Eddie disse: — Podem me pôr no chão agora.

Ele desceu dos ombros das pessoas e olhou ao redor. Não avistou o capitão Torres em parte alguma. Virou-se para um homem na multidão e pediu: — Pode me dar uma carona até o aeroporto? Tenho um compromisso importante.

O capitão Torres estava quase enlouquecendo. Ele e seus guardas procuraram Eddie por toda parte, mas não o encontraram.

A multidão se tornara frenética, arrancando placas de postes, rasgando os retratos do ditador.

— Uma democracia! — gritavam as pessoas. — Agora somos uma democracia!

Estamos perdidos, pensou o capitão Torres. Esse ator desgraçado conseguiu sozinho destruir todo o país.

E, depois, um terrível pensamento lhe ocorreu: Como vou contar ao coronel Bolívar?

O piloto esperava quando Eddie chegou ao aeroporto.

— Estamos prontos para partir, coronel.

— Pois então vamos embora.

Um jipe levou-os ao avião. Era um enorme 727. Eddie embarcou. O interior era luxuoso, com acomodações para trinta ou quarenta pessoas. Eddie era o único passageiro.

— Quando quer partir, coronel?

— Imediatamente.

Eddie queria decolar antes que o capitão Torres e o coronel Bolívar descobrissem o que estava fazendo.

Naquele momento, o capitão Torres falava com um dos soldados no meio da multidão. O soldado indicou o homem que deixara a praça com Eddie. O capitão Torres abordou o homem.

— Você levou o coronel Bolívar daqui?

O homem exibiu um sorriso radiante.

— Sim, senhor. Foi um privilégio. Ele é um grande homem.

— Para onde o levou?

— Para o aeroporto.

— Aeroporto?

E foi então que o capitão Torres compreendeu o que Eddie planejara. Tencionava usar o jato do coronel Bolívar para voltar a Nova York!

— Não vou deixá-lo escapar — murmurou o capitão.

Eddie afivelou o cinto de segurança e recostou-se na poltrona macia e confortável. Nunca vira um avião assim. Havia a bordo um enorme aparelho de televisão, uma tela de cinema e dezenas de revistas e videogames. O piloto avisou pelo interfone: — Estamos prontos para decolar, coronel. Gostaria de vir até aqui e assumir os comandos?

Eddie pensou por um instante. — Não, acho que não. Pode cuidar de tudo.

Não demorou muito para que o avião disparasse pela pista e alçasse vôo, a caminho de Nova York.

Dentro de poucas horas, pensou Eddie, estarei com Mary, nosso bebê e minha nova peça, ―O Ditador‖.

Podia até ouvir os aplausos delirantes do público quando as cortinas fechassem sobre o último ato.

É isso aí, refletiu ele, a história tem um final feliz. Um simples ator assumiu o controle do país controlado por um tirano e libertou o povo. Agora, terei minha recompensa.

Na cabine, o radiotelefone tocou. O piloto atendeu.

— Força Aérea Um.

— Quero que me escute, e escute com toda atenção. Está com o coronel Bolívar a bordo?

— Estou, sim, senhor.

— E para onde seguem?

— Nova York.

— O homem que você tem a bordo é um impostor. Eu sou o verdadeiro coronel Bolívar. Quero que volte para o aeroporto.

Está me entendendo?

— Sim, senhor.

— Ainda bem.

O piloto ficou imóvel por um longo momento, depois foi para a cabine de passageiros.

— Está tudo bem? — indagou Eddie.

O piloto sorriu.

— Tudo ótimo. Uma coisa engraçada acaba de acontecer. Um maluco ligou pelo radiotelefone dizendo que era o coronel Bolívar e que o senhor não passava de um impostor. Acho que todo mundo gostaria de ser o senhor, não é mesmo?

— Tem toda razão — concordou Eddie.

Capítulo Doze

O vôo para Nova York transcorreu sem contratempos. Eddie dormiu durante a maior parte do tempo. Não percebera antes como se sentia exausto, tal a tensão a que fora submetido.

Governar um país não é fácil, concluiu ele.

Havia uma linda aeromoça a bordo. Usava um uniforme sensual.

— Boa tarde, querido.

Querido? O homem era um milagre.

— Boa tarde — respondeu Eddie.

— Está com fome?

E Eddie se lembrou de repente como era grande a sua fome.

Não comia nada há dois dias, com medo de ser envenenado.

— Estou, sim. Temos alguma coisa para comer?

Ela sorriu.

— Claro que sim. Gostaria que eu o servisse agora?

— Seria ótimo.

A aeromoça tornou a sorrir.

— Voltarei num instante.

Ela trouxe um scotch com soda para Eddie.

— Aqui está, seu drinque predileto.

Eddie detestava scotch com soda.

— Tenho outras coisas do seu gosto.

— Que bom! — exclamou Eddie, ansioso.

Ela trouxe um prato com comida e colocou-o na bandeja à sua frente.

— O que é isto? — indagou Eddie.

— Pé de porco. Seu prato predileto.

Eddie detestava pé de porco.

— Ahn...

Toda a refeição foi assim. Eddie quase não comeu.

Ao final, estava ansioso por um café. A aeromoça trouxe chá.

Eddie detestava chá.

— Seu chá predileto. — Ela inclinou-se para Eddie. — Deseja mais alguma coisa?

Eddie engoliu em seco.

— Ahn... não, obrigado.

Dali a pouco estaria com Mary. A aeromoça parecia desapontada.

— Poderá me encontrar na cabine, se precisar de qualquer coisa.

Houve uma ênfase especial no qualquer coisa.

— Não esquecerei — murmurou Eddie.

Horas depois, ao olhar pela janela, Eddie pôde contemplar as luzes de Nova York lá embaixo. Parecia irreal voltar para casa , depois de tudo por que passara.

O enorme jato circulou o Aeroporto Kennedy, e pousaram vinte minutos mais tarde. O piloto veio falar com Eddie.

— Vai voar de volta a Amador? — indagou ele.

O sorriso de Eddie poderia ter iluminado Nova York.

— Não.

— O que quer que eu faça?

— Descanse um pouco e depois pode voltar para casa.

— Certo, coronel.

Esta é a última vez que alguém me chamará de coronel, pensou Eddie.

Bom, o papel fora sensacional, enquanto durara. Agora, ele cuidaria para que toda a história fosse encenada. E sentia-se ansioso em se encontrar com Mary.

Desembarcou e pensou: Terei de procurar um táxi.

Para sua surpresa, uma limusine parou ao lado do avião.

Havia uma linda jovem ao volante. Ela saltou para lhe abrir a porta.

— Para onde deseja ir, coronel Bolívar?

Aquele homem sabe como viver, sem a menor dúvida, pensou Eddie.

Ele já ia dizer — leve-me para casa, mas se lembrou que sua casa era supostamente o palácio em Amador.

— Vou visitar uma amiga — disse ele à jovem, e deu o endereço do prédio em que morava com Mary.

Quarenta e cinco minutos depois, a limusine parou na frente do prédio. Mary por acaso olhou pela janela nesse momento. Viu uma enorme limusine preta parar e seu marido saltar, vestindo um lindo uniforme branco. A bela motorista sussu rrou para Eddie: — Vou vê-lo esta noite?

Por Deus, pensou Eddie, o homem é feito de aço! — Não.

Eddie virou-se e entrou no prédio. Abriu a porta do apartamento, e Mary voou para seus braços.

— Mary, tenho uma coisa para lhe contar.

Ela pôs a mão no ventre e sussurrou: — Eddie, também tenho uma coisa para lhe contar... nosso bebê está nascendo!

Por sorte, a limusine ainda se encontrava parada lá embaixo.

Quando já ia partir, Eddie gritou: — Espere! Espere um instante!

A motorista parou.

— Leve-nos para o hospital, e depressa!

Ele ajeitou Mary no banco traseiro, e a limusine saiu em disparada pelas ruas de Nova York.

— Acho que não vai dar para esperar — balbuciou Mary. — O bebê vai nascer a qualquer momento.

— Aguente firme! — suplicou Eddie. — Estamos quase chegando!

A motorista avançou um sinal vermelho, uma sirene soou no instante seguinte, e um motociclista da polícia emparelhou com o carro.

— Pare! — ordenou o guarda.

— Não podemos parar agora! — gritou Mary para Eddie.

— Não se preocupe — disse ele. — Explicarei ao guarda.

A limusine encostou no meio-fio. Eddie saltou. A imagem do ditador de Amador aparecera na televisão na noite anterior, por causa da revolução ocorrida no país. Ao ver Eddie, o guarda assumiu posição de sentido.

— Desculpe, senhor, mas não é o coronel Bolívar?

— Não. Sou... — Ele percebeu a tempo o que ia fazer. — Claro que sou. Minha esposa vai ter um filho. Estamos levando-a para o hospital.

— Certo, senhor. Será um prazer ajudá-lo, coronel. Sigam-me.

O policial ligou a sirene e a luz vermelha, e acenou para a motorista da limusine. Um momento depois, avançavam a toda velocidade pelas ruas, o tráfego se abrindo para lhes dar passagem, como num passe de mágica.

Alcançaram o hospital em cinco minutos e pararam diante da entrada de emergência.

— Posso ajudar em mais alguma coisa? — indagou o guarda.

— Não — respondeu Eddie. — Já ajudou o suficiente. Muito obrigado. Quando eu voltar para minha terra, cuidarei para que seja condecorado.

— Muito obrigado, senhor.

Levaram Mary para o hospital, e um saudável bebê nasceu três horas depois.

— Ele parece com você — comentou Mary, feliz.

O bebê era enrugado e feio.

— Obrigado — murmurou Eddie.

— Querido, que uniforme é esse que está usando?

— Uniforme? Ah, isto... E... ahn... faz parte da peça. Usei-o em My Fair Lady.

Mary franziu o rosto.

— Não me lembro de soldados em My Fair Lady.

— Ora, sabe como são esses países sul-americanos. Quiseram que a peça tivesse algumas alterações.

Mary pegou a mão do marido.

— Deve ter se sentido entediado, sem nada para fazer durante o dia e representando as mesmas cenas todas as noites. Ficou muito cansado, querido? O que fazia nos momentos de folga? Por que raspou o bigode?

Eddie sorriu.

— E uma longa história. Vou contar tudo que aconteceu...

Durante as duas horas seguintes, Eddie relatou suas aventuras a Mary.

— Não pude falar nada antes porque tinha jurado que guardaria segredo.

Quando ele falou sobre a tourada, Mary estremeceu.

— Poderia ter morrido, querido.

— De jeito nenhum. Fui rápido demais para o touro.

— O que você fez quando lhe disseram que o touro era na verdade El Negro?

— Dei uma risada.

Por que preocupá-la, revelando que desmaiara?

— Quando vai ver seu agente?

— Ele quer conversar comigo amanhã de manhã.

— E ele está mesmo animado com a peça?

— Nem tenho palavras para descrever sua animação. Tom Burke será o diretor.

— Mas isso é maravilhoso! — exclamou Mary. — E quem vai fazer o papel principal?

Eddie sorriu, radiante.

— É a minha grande surpresa. Serei eu.

— Oh, querido!

— Quem poderia representá-lo melhor? Eu vivi o papel Sou o personagem. E quando todos virem como sou grande no palco, Mary, vou me tornar um astro maior do que Arnold Schwarzenegger.

Na manhã seguinte, Eddie foi conversar com seu agente. No passado, quando ia ao escritório de Johnson, tinha de esperar durante horas. Desta vez foi diferente. Assim que a secretária anunciou a presença de Eddie, Johnson saiu correndo de sua sala e abraçou-o.

— Eddie, meu caro, não imagina como estou contente em vê-lo! Vamos entrar!

Ele levou Eddie para sua sala.

— Meu telefone não para de tocar. Mandei sua peça para meia dúzia de pessoas, e todas querem participar de alguma forma. Sabe como as notícias podem circular depressa em Nova York. Todos dizem que você tem um grande sucesso nas mãos. Já levantamos o dinheiro necessário e reservamos um teatro. Em todos os anos de carreira, nunca vi nada acontecer tão depressa.

Amanhã de manhã, Tom Burke vai testar atores para o papel principal.

Eddie sorriu.

— Diga a ele que não precisa se incomodar.

— Como assim?

— Só há um ator perfeito para o papel.

— E quem é?

— Eu.

— Você?

— Isso mesmo. Quem sabe mais sobre minha peça do que eu?

Johnson ficou calado por um momento, depois balançou a cabeça.

— Talvez você tenha razão.

— Sei que tenho.

Naquela tarde, Eddie foi visitar Mary no hospital. Ela tinha o bebê nos braços. Eddie fez cócegas debaixo do seu queixo e comentou:

— Ele parece um pouco comigo.

— Espere só até ele descobrir como o pai é famoso. Imagine só, você governando todo um país sozinho.

— Fiz um bom trabalho. Providenciei para que os órfãos tivessem comida, devolvi as terras aos camponeses, reduzi os impostos e restaurei a democracia no país.

Mary fitou o marido com admiração.

— Eddie, já pensou alguma vez em concorrer à Casa Branca?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não seria possível. Não pareço nem um pouco com o nosso presidente.

Uma enfermeira entrou no quarto para buscar o bebê e disse: — Está na hora da Sra. Davis descansar.

Eddie levantou-se.

— Está bem. Já vou embora.

— Espero-o amanhã de manhã, querido — murmurou Mary.

— Talvez eu me atrase um pouco.

— Por quê?

— Irei ao teatro de manhã para comunicar a Tom Burke que o papel principal é meu.

— Tenho certeza que ele ficará muito satisfeito.

Eddie acenou com a cabeça.

— Também acho.

Às dez horas da manhã seguinte, Eddie entrou no teatro em que Tom Burke testava atores para o papel principal da peça.

Burke era um homem enorme, com uma energia inesgotável.

Johnson se encontrava no teatro, sentado na última fila, acompanhando os testes. Ao avistar Eddie, levantou -se de um pulo e foi apertar sua mão.

— Os testes começaram agora — disse ele. — Vamos sentar e assistir.

Eddie observou os atores tentando ler as falas que ele escrevera. Eram tão ruins que ele teve vontade de rir.

— Burke está perdendo tempo — comentou Eddie. — Vamos lhe dar a grande notícia logo de uma vez.

Foram até o palco, e Johnson disse: — Tom, quero que conheça o autor, Eddie Davis.

Os dois trocaram um aperto de mão.

— É um prazer conhecer o autor da melhor peça que já li nos últimos dez anos.

— Obrigado — murmurou Eddie, modesto.

— É uma peça brilhante. Adoro tudo nela, os personagens, as cenas, os diálogos. Vamos encontrar um grande ator para o papel principal.

— Já encontrou — declarou Eddie.

Tom Burke olhou para os atores que já haviam feito o teste.

— Qual deles?

— Eu.

— Você?

— Isso mesmo. Farei o papel principal. Sou um ator, lembra?

O rosto de Tom Burke se iluminou.

— Mas é claro que sim! Se bem me lembro, já o vi atuar em duas ou três peças, em papéis secundários.

— Isso mesmo.

Mas tal situação vai mudar agora, pensou Eddie.

— Por que não sobe no palco e lê algumas falas para mim, Eddie?

Eddie sabia que nem precisava fazer uma leitura. Seria perda de tempo. Mas não disse nada. Afinal, Tom Burke era o diretor mais importante da Broadway.

— Claro — respondeu ele. — Por que não?

Eddie foi para o centro do palco.

— Quer um roteiro? — indagou Burke.

— Não precisa.

Eddie conhecia cada palavra de cor e salteado. Pronunciara-as todas na vida real.

— Muito bem — disse Burke. — Ato Um, Cena Um, você entra no palco pela esquerda.

Eddie começou a apresentar a cena. Disse algumas falas em voz suave, outras bem alto, usando a voz do ator, e depois a voz do ditador. A representação reavivou as recordações das coisas emocionantes que lhe haviam acontecido.

Ao concluir a cena, ele sabia que fizera o papel com perfeição. Foi até a beira do palco e sorriu para o diretor.

— E então?

Tom Burke fitou-o nos olhos.

— Não.

Eddie ficou incrédulo.

— Não?

— Não, você não é o ator certo para o papel.

— Não sou o ator certo para o papei? — gritou Eddie. — Mas eu sou o papel! Isto é, sou o coronel Bolívar!

— Não é, não — insistiu o diretor. — Escreveu a peça, mas não é o personagem. Afinal, é apenas uma peça, não a vida real.

— Mas eu...

— Sinto muito — disse Tom Burke. — Se quiser que eu dirija sua peça, vou escolher outro ator para o papel. O que resolve?

Eddie pensou por um momento. Detestava perder o papel, mas, por outro lado, se a peça fosse um sucesso, ele se tornaria rico. E Tom Burke era o melhor diretor da Broadway.

— Está bem — concordou Eddie. — Pode escolher outro ator.

— Não vai se arrepender — garantiu Tom Burke. — Eu lhe prometo um tremendo sucesso.

Quando Eddie voltou ao hospital e deu a notícia, Mary disse: — Não importa que outro ator desempenhe o papel, querido, você ainda terá uma peça de sucesso. Ganhará muito dinheiro, e teremos tudo que sempre desejamos.

— Mas pode imaginar a desfaçatez daquele homem dizendo que não sou o ator certo para o papel? Afinal, eu sou o personagem!

— Você sabe disso, eu sei disso, mas não podemos contar ao mundo o que realmente aconteceu, pois todos pensariam que enlouqueceu.

— Tem razão, Mary. Terá de ser nosso segredo. Só outras duas pessoas sabem de tudo, o coronel Bolívar e o capitão Torres.

O coronel Bolívar e o capitão Torres estavam sentados numa prisão naquele momento, especulando qual seria seu destino.

Amador virara pelo avesso. Houvera uma revolução. O povo elegera senadores, que elaboraram uma Constituição.

A primeira decisão do Senado fora julgar o coronel Bolívar por seus crimes passados. Embora se mostrassem reconhecidos por todas as reformas que ele promovera nas últimas semanas, ainda havia anos de atrocidades que tinham de ser expiados.

— Vão nos fuzilar — disse o coronel Bolívar, amargurado. — Tudo por sua causa e daquele maldito ator.

Quando Eddie foi buscar Mary no hospital, a fim de levá -la para casa, havia um Rolls Royce novo e reluzente esperando-os.

— De quem é esse carro? — indagou Mary.

— Seu — respondeu Eddie. — Um presente de Natal.

— Podemos pagar?

— Podemos pagar qualquer coisa. Espere só até ver seu novo apartamento.

O novo apartamento era um duplex, dando para o Central Park.

— É como um sonho maravilhoso! — exclamou Mary.

— E isto é apenas o começo — prometeu Eddie. — Espere só a peça estrear. Se for um sucesso tão grande quanto Tom Burke acha que será, estaremos nadando em dinheiro.

Era a noite de estréia de *O Ditador*, no Winter Garden, o maior teatro de Manhattan, que estava lotado. Já se espalhara a notícia sobre a nova e sensacional peça, e todos estavam ansiosos por assistir a ela.

Eddie, Mary e Johnson foram conduzidos a seus lugares.

Eddie sentia-se bastante nervoso. Começou a roer as unhas.

— E se ninguém gostar?

— Claro que todos vão gostar, querido.

As luzes se apagaram na platéia, e as co rtinas se abriram.

O público ficou em silêncio. Um famoso ator da Broadway fazia o papel principal, e todos aplaudiram quando ele entrou em cena.

A peça começou. Prolongou-se por duas horas, e ao final do primeiro ato todos já sabiam que a Broadway tinha um novo sucesso espetacular. Dava para sentir o excitamento no ar.

Johnson apertou a mão de Eddie, na maior animação. — Você conseguiu, meu rapaz! Esta peça vai permanecer em cartaz para sempre!

O segundo ato foi ainda mais emocionante do que o primeiro. Os espectadores aplaudiram a cena do orfanato, e também a cena com os camponeses. E quando o personagem escapou, no final, o público tornou a aplaudir.

Foram vinte chamados de cortina.

Eddie, Mary e Johnson foram aos bastidores para cumprimentar o elenco.

— Você esteve maravilhoso! — declarou Eddie ao ator que fizera o seu papel.

No fundo, ele ainda achava que teria se saído muito melhor no papel.

— Você é que foi maravilhoso — respondeu o ator. — Obrigado por ter nos dado uma grande peça.

Todos foram para o restaurante Sardis, a fim de esperar pelas críticas dos jornais matutinos, e todas as críticas foram extasiadas.

— Meus parabéns! — disse Johnson a Eddie. — Ficaremos em cartaz na Broadway pelo menos por dois anos. Mas não vamos perder tempo. A partir de amanhã, mandaremos companhias itinerantes para apresentar a peça no mundo inteiro.

Eddie virou-se para seu agente. — Gostaria que me fizesse um favor.

— Claro. O que é?

— Mande uma companhia apresentar a peça em Amador.

FIM

Impresso no Brasil pelo
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 585-2000